FOLHA DE S.PAULO

HÁ 100 ANOS UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

ANO 101 ★ Nº 33.891 — DOMINGO, 16 DE JANEIRO DE 2022 — R$ 7,00

Fotos Eduardo Knapp/Folhapress

VOLUNTÁRIOS EM ESTUDOS COMEMORAM VACINAÇÃO UM ANO APÓS INÍCIO DA CAMPANHA NO PAÍS

Cecília Tavares, Thiago Cuesta, Cristina Jatobá, Cesar de Almeida Neto e Ana Escobar são 5 dos mais de 55 mil participantes de pesquisas de imunizantes contra a Covid no Brasil Saúde B3

Nos últimos 30 dias, você teve algum desses sintomas?

Em milhões de pessoas

Sintoma	Milhões
Dor de cabeça	63,8
Tosse	50,3
Nariz entupido	50,3
Coriza	45,3
Dor de garganta	42
Febre	36,9
Cansaço excessivo	28,5
Diarreia	15,1
Falta de ar	15,1
Vômito	6,7

Fonte: Datafolha

População que diz ter contraído Covid é o dobro da conta oficial

Em Datafolha, 42 milhões declaram terem sido infectados, ante 23 milhões registrados por estados

Um em cada quatro brasileiros com 16 anos ou mais — cerca de 42 milhões de pessoas— diz ter recebido diagnóstico de Covid, segundo o Datafolha. É quase o dobro dos 22,8 milhões de casos registrados oficialmente.

Para especialistas, a diferença não surpreende, já que o país tem problemas na sistematização dos dados de Covid. A pesquisa, feita em 12 e 13 de janeiro com 2.023 entrevistados, tem margem de erro de dois pontos.

Entre os já infectados, 90% não haviam completado o ciclo vacinal ou mesmo tomado a primeira dose. A pesquisa mostra também um elevado número de pessoas com sintomas que podem ser de Covid, como tosse e febre.

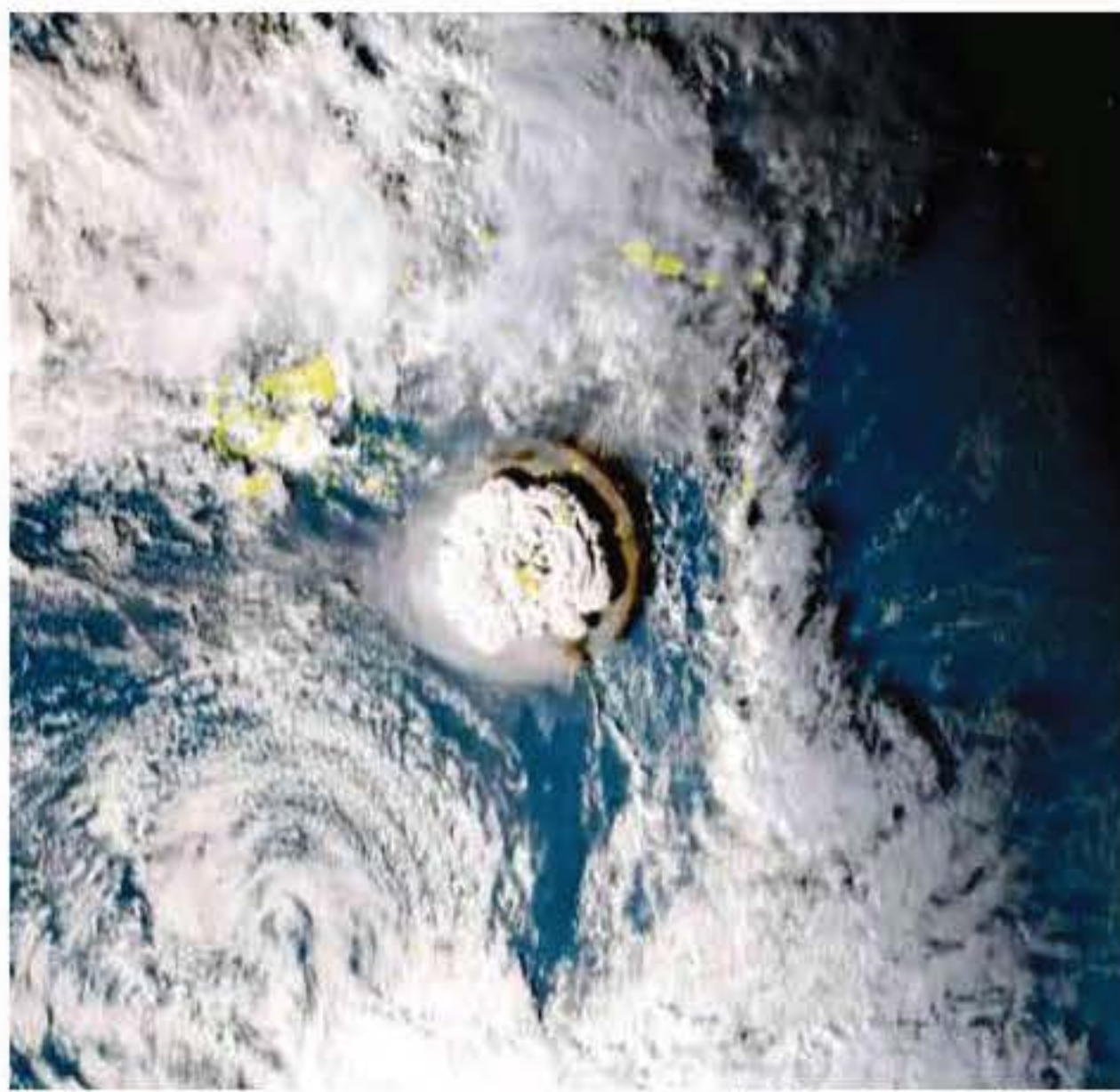
Em meio à disparada de casos, 8,1 milhões disseram não ter encontrado testes de Covid em farmácias ou postos de saúde nos últimos 30 dias, aponta o levantamento. Há risco de desabastecimento do produto. Saúde B1

Dois em dez dizem ter passado réveillon com 11 pessoas ou mais B2

***Análise* Atila Iamarino**
Cansada, a população se expõe à variante ômicron B2

Ilustração Evandro Prado

Linhas do desejo

Artistas de diferentes vertentes e áreas de expressão, vindos de várias regiões brasileiras, conformam um novo imaginário cultural que reage ao urbanismo excludente criado no Distrito Federal. C4 e C5

Instituto Nacional de Informação e Comunicação do Japão/AFP

VULCÃO SUBMARINO CAUSA TSUNAMI NO PACÍFICO

Foto de satélite mostra erupção que gerou ondas em Nukualofa, capital de Tonga, a 65 km; fenômeno atingiu também o Japão e a Samoa Americana, sem registro de vítimas Mundo A13

Em mais de mil cidades, 3 em 4 ficam sem ajuda do governo

Mesmo com a expansão do Bolsa Família para originar uma marca social para a gestão de Jair Bolsonaro (PL), a transição para o Auxílio Brasil deixa uma lacuna em muitas cidades. Com o fim do auxílio emergencial, cerca de 27 milhões de famílias ficaram sem ajuda do governo, fora do novo programa.

Esse impacto é observado com força nas cidades que sentiram os efeitos do auxílio emergencial, embora tivessem cobertura menor do Bolsa Família. Em 1.036 municípios, 75% ou mais da população que teve acesso a algum desses benefícios ao longo de 2021 ficou sem atendimento. Mercado A14

Miguel Srougi

Queiroga, pare de ser oportunista

Ministro Marcelo Queiroga: você não tem direito de manchar sua biografia e envergonhar seu entorno com atitudes que contribuem para aniquilar o nosso povo. Abandone a complacência oportunista e defenda a nação contra os ataques do vírus e da indecência. Opinião A3

Brasileiro rouba nome de criança morta nos EUA

O brasileiro Ricardo César Guedes está preso no Texas pelo uso, por 25 anos, do nome de uma criança americana morta em 1979 aos quatro anos. Comissário de bordo, ele dizia se chamar Eric Ladd e só foi descoberto em 2020, ao tentar mudar de sobrenome após se casar. Mundo A13

MÔNICA BERGAMO
Meu sonho é ser lembrado como um marco na música, afirma Vitão C2

Esporte B7
Busca de clubes por técnico estrangeiro aumenta, e 2022 começa com recorde

A pandemia em 15.jan Dados das 20h

POPULAÇÃO VACINADA

No Brasil

Ao menos uma dose (dose única ou 1ª dose)	78,1%
1º ciclo vacinal completo (dose única ou 2ª dose)	68,3%
Dose de reforço	15,3%

ESTÁGIO DA DOENÇA

Óbitos

Média móvel: 147 ↑ 50,4%*

Em 24 h: 160

Total: 621.007

*Variação em relação a 14 dias

SP oferece 70 ações públicas para os idosos
VIDA PÚBLICA
Plano lançado pela prefeitura paulistana se compromete em oferecer 70 iniciativas para pessoas acima de 60 anos até 2024 em áreas como cultura, saúde e cuidado domiciliar. B4

EDITORIAIS A2

Clareza de propósitos
Sobre intenções de presidenciáveis na economia

Agenda papal
Acerca de declarações polêmicas de Francisco

ISSN 1414-5723
9 771414 572018 33891

Afastar-se de Bolsonaro é aceno de militares a Lula

Poder A6

Aliados veem chapa PT-Alckmin consolidada
Aliados de Lula (PT) e de Alckmin (sem partido) avaliam que a construção da chapa conjunta está pavimentada, já que resistiu a desafios partidários. A5

FOLHA DE S.PAULO

UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

Publicado desde 1921 – Propriedade da Empresa Folha da Manhã S.A.

PUBLISHER Luiz Frias
DIRETOR DE REDAÇÃO Sérgio Dávila
SUPERINTENDENTES Antonio Manuel Teixeira Mendes e Judith Brito
CONSELHO EDITORIAL Fernanda Diamant, Hélio Schwartsman, Joel Pinheiro da Fonseca, José Vicente, Luiza Helena Trajano, Patricia Blanco, Patrícia Campos Mello, Persio Arida, Ronaldo Lemos, Thiago Amparo, Luiz Frias e Sérgio Dávila (*secretário*)
DIRETOR DE OPINIÃO Gustavo Patu
DIRETORIA-EXECUTIVA Paulo Narcélio Simões Amaral (*financeiro, planejamento e novos negócios*) e Marcelo Benez (*comercial*)

Jean Galvão

EDITORIAIS

editoriais@grupofolha.com.br

Clareza de propósito

Frente ao quadro econômico, é fundamental que candidatos ao Planalto detalhem planos desde já

Na partida do ano eleitoral, esta Folha publicou artigos e entrevistas com os assessores econômicos de quatro dos candidatos mais bem posicionados nas pesquisas.

Participaram os colaboradores de Luiz Inácio Lula da Silva (PT), Sergio Moro (Podemos), Ciro Gomes (PDT) e João Doria (PSDB). Assessores dos demais candidatos, assim como de Jair Bolsonaro (PL), não quiseram se manifestar.

Embora a lógica convencional diga que não há incentivo para as campanhas anteciparem propostas, a emergência nacional exige transparência desde cedo para que se faça uma escolha informada. As transformações globais, aceleradas pela pandemia, demandam disposição política para amplas reformas a serem debatidas já.

As análises das candidaturas têm pontos em comum. O principal é a necessidade de recuperação da capacidade do Estado em fazer políticas públicas. Requalificar a ação estatal, de fato, é condição para que o país possa reverter os retrocessos do governo atual e superar o quadro de estagnação e concentração de renda das últimas décadas.

A recuperação da estabilidade fiscal se insere nesse contexto, pois sem ela não será possível controlar a inflação e manter os juros baixos.

As divergências quanto aos meios para obtê-la logo aparecem, sobretudo em relação à atual âncora fiscal, o teto de gastos, defendido pela candidatura Doria, mas que, na opinião de Lula e Ciro, deveria ser reformado, especialmente no que tange aos investimentos públicos.

De um modo geral, os economistas ligados à centro-direita pregam um Estado enxuto, com ação focada em áreas de alto retorno social, além de boa regulação para incentivar investimentos privados.

Para a centro-esquerda, o papel do Estado é mais amplo. Na plataforma de Ciro, além da estabilidade macro, seria necessária a retomada dos investimentos públicos em larga escala, coordenando a iniciativa privada num plano nacional de desenvolvimento. O foco na indústria, caro ao desenvolvimentismo, aparece com clareza.

O tema do meio ambiente também figura com ênfases distintas, mas não deixa de ser curioso que tenha sido a direita a falar em carbono e desmatamento zero.

No entanto, é o artigo de Guido Mantega, representante de Lula, que destoa ao ignorar erros petistas sem apresentar propostas para o futuro. As pertinentes críticas ao governo Bolsonaro logo dão lugar a um resgate das mesmas receitas de tutela do Estado sobre investimentos e a retomada de políticas industriais, apesar dos repetidos fracassos nessa área.

O ano eleitoral está só começando, mas será fundamental que as campanhas desçam cada vez mais aos detalhes daqui para frente.

Agenda papal

Ao condenar fake news e cancelamentos, Francisco se mostra atualizado, mas igreja tem suas falhas

Em discurso dirigido a diplomatas, o papa Francisco criticou a cultura do cancelamento, o pensamento único, o anacronismo historiográfico e as fake news, em especial aquelas contra a vacinação. No mérito de cada uma dessas questões, não há como discordar substancialmente do sumo pontífice.

No caso do cancelamento, muito melhor do que tentar destruir a reputação de um adversário é rebater os seus argumentos.

Fosse o papa Francisco um cidadão particular ou um ativista de ONG, só poderíamos louvar-lhe as agudas observações —bem mais pertinentes do que quando chamou de "egoístas" os que preferem animais de estimação a filhos, sendo que os próprios padres não estão autorizados a gerá-los.

Mas Francisco é também o líder da Igreja Católica, o que significa que ele carrega 2.000 anos de bagagem. E, se há uma instituição que, ao longo de sua história, abusou de cancelamentos e exceleu em impor o pensamento único, é a Igreja Católica.

Não se trata aqui de aderir àquelas correntes que abraçam o maniqueísmo histórico, segundo o qual a religião seria sempre uma força do atraso que bloqueou o quanto pôde o avanço da ciência e a liberalização dos costumes. A realidade é infinitamente mais complexa e nuançada do que isso.

O ponto central é que, mesmo com abertura para essas ponderações, não há como negar que a igreja esteja por trás de autos da fé e muitas outras manifestações de intolerância. Queimar hereges é, por qualquer ângulo, levar o cancelamento a seu estágio final.

Não é difícil, para quem abraça doses moderadas de relativismo, conciliar as coisas. A igreja agiu dessa forma numa época em que todos os poderosos o faziam.

Mas, para os que defendem que a moral é absoluta, como os religiosos, não é tão simples. É complicado afirmar que queimar pessoas vivas é um problema hoje, mas não era tanto no passado.

Tais considerações não têm o propósito de silenciar o papa Francisco. Seria injusto responsabilizá-lo pelos atos de seus correligionários pregressos. Mas, até para dar maior concretude a seu apelo por contextualização histórica, ele poderia ter abordado alguns desses problemas em seu discurso.

Seja como for, é alentador constatar que temos hoje um papa muito mais preocupado com os grandes desafios do presente do que com os dogmas do passado.

Os cientistas e a ética

Hélio Schwartsman

Cientistas se comportam melhor do que não cientistas diante de problemas éticos? Nunca tantos cientistas foram submetidos a tantos dilemas morais em tão curto espaço de tempo como no Projeto Manhattan (PM), que criou as primeiras bombas atômicas. E eu não diria que eles tenham destoado muito do resto da humanidade.

O principal argumento para arregimentar os pesquisadores é que os EUA precisavam desenvolver essa arma antes de Hitler —um argumento forte, especialmente quando se considera que um número significativo das cabeças pensantes envolvidas no PM era de físicos judeus que fugiram do nazismo. Mas, quando, em novembro de 1944, ficou óbvio que a Alemanha não chegara nem perto de fabricar a bomba, um único indivíduo, Joseph Rotblat, se retirou do PM. Todos os demais continuaram.

Os cientistas se saíram um pouco melhor em relação ao bombardeio de cidades japonesas. Não conseguiram impedi-lo, mas ao menos desenhou-se uma reação, liderada por James Franck e Leo Szilard. Eles achavam que, antes de lançar as bombas sobre cidades, os EUA deveriam fazer uma demonstração de seu poder e dar aos japoneses a oportunidade de render-se. O lançamento da segunda bomba sobre Nagasaki despertou objeção ainda mais vívida dos cientistas. Não obstante, alguns deles, encabeçados por Edward Teller, insistiram em desenvolver a bomba de fusão nuclear, muito mais poderosa que os artefatos de fissão e praticamente sem serventia tática.

Tirei essas informações do excelente "Robert Oppenheimer", a monumental biografia que Ray Monk escreveu do cientista americano que liderou o PM.

Nós, que temos o benefício de conhecer a história, sabemos que o chamado equilíbrio do terror funcionou, evitando a guerra nuclear entre EUA e URSS. Mas, para quem viveu esse período como presente, não como passado, a perspectiva de que o fim do mundo estava próximo era assustadoramente real.

helio@uol.com.br

Atalho pelo lamaçal

Bruno Boghossian

Nenhuma investida de Sergio Moro na corrida presidencial pareceu tão intensa até aqui quanto a busca pelo voto conservador. O ex-juiz escalou um advogado evangélico para coordenar essa área da campanha e se reuniu com mais de 50 líderes religiosos. Na última semana, ele disse que pretende lutar contra a "sexualização precoce" de crianças.

Não há candidato que defenda o contrário, então a promessa de Moro poderia ser encarada como uma proposta vazia para enfrentar um problema inexistente. Essa plataforma, no entanto, lembra o jogo sujo que o bolsonarismo explorou para demonizar adversários e assegurar o domínio do eleitorado conservador.

Em 2018, Jair Bolsonaro transformou a questão num ponto central da campanha. Ele dizia que a esquerda distribuiu na rede pública de ensino um livro infantil que "estimula precocemente as crianças para o sexo". Depois de eleito, usou o tema para esconder os fracassos de seu governo e afirmou ter zerado "aquela sexualização na escola".

O bolsonarismo trabalhou para difundir uma falsa ameaça que só o capitão poderia combater. Apoiado por influenciadores e líderes religiosos, inundou as redes sociais com desinformação e ataques à educação sexual. Sem apresentar nenhum programa consistente, uniu em torno de sua candidatura cerca de dois terços do eleitorado evangélico, um segmento notadamente conservador.

Moro parece disposto a buscar um atalho pelo lamaçal para tomar esses votos de Bolsonaro. Uma maioria significativa (87%) dos eleitores evangélicos dizem conhecer o ex-juiz, mas só 8% votam nele no primeiro turno. Segundo o Datafolha, só 5% dos entrevistados desse grupo o identificam como o candidato "que mais defende os valores da família tradicional brasileira".

O coordenador da campanha de Moro no eleitorado evangélico, Uziel Santana, disse que o ex-juiz se apresenta como um "conservador moderado". Em alguns casos, porém, o candidato caminha em terreno próximo dos desvarios bolsonaristas.

Discos só em sonhos

Ruy Castro

Falando outro dia de filmes que teriam enriquecido o cinema se tivessem sido feitos, lembrei-me de discos que também nunca foram gravados. Um deles, que poderia ter abalado a bossa nova nos anos 60, reuniria o grupo vocal-instrumental Os Cariocas e o instrumental-vocal Tamba Trio. Seus líderes, Severino Filho e Luiz Eça, se adoravam, se admiravam e eram contratados pela Philips. E por que não saiu? Porque nenhum dos dois grupos aceitava fazer só aquilo que realmente faziam como ninguém: Os Cariocas, cantar; o Tamba Trio, tocar. Queriam fazer tudo.

Veja agora esse time: João Gilberto, violão; João Donato, piano; Tião Neto, contrabaixo; Milton Banana, bateria. Só em sonho? Não. Em 1963, eles tocaram por três meses em Viareggio, no sul da Itália. Alguma noite terá sido gravada? Se sim, onde estão as fitas? Se não, por que um estúdio de Roma não teve essa ideia? Porque aquilo era normal, a grande música abundava. Eles nunca mais se viram num palco —nem mesmo João Gilberto e Donato, que levaram a vida se encontrando para queimar um e discutir filosofia.

Francisco Alves e Mario Reis, Tom Jobim e Dorival Caymmi, Leny Andrade e Pery Ribeiro, Doris Monteiro e Lucio Alves, Dick Farney e Claudette Soares, Chico Buarque e Maria Bethânia, todos um dia dividiram um microfone, e com históricos resultados —confira na internet. Por que Emilinha Borba e Marlene, Orlandivo e Jorge Ben, Nelson Cavaquinho e Cartola, Simonal e Elza Soares, Tim Maia e Rita Lee, tão compatíveis, nunca fizeram o mesmo? Porque ninguém pensou nisso.

Os americanos não deixavam passar. Frank Sinatra gravou com Bing Crosby, Louis Armstrong com Ella Fitzgerald, Doris Day com Harry James, Duke Ellington com Charles Mingus, Miles Davis com John Coltrane. Nenhum deles saiu menor desse encontro. Só a música saiu maior.

Mas ainda temos uma chance. Hoje pode-se juntar post mortem quem se queira, eletronicamente.

Vacina institucional

Muniz Sodré

Professor emérito da UFRJ, autor, entre outros, de "A Sociedade Incivil" e "Pensar Nagô". Escreve aos domingos

Diretamente, o filme "A Grande Mentira" (2019), de Bill Condon, não tem nada a ver com o que se passa na vida pública brasileira, avassalada ao longo de três anos pelo fake das redes e pela corrupção do discurso social. Na tela, um vigarista aproxima-se de velha dama milionária para roubá-la. Só que as coisas não se passam exatamente assim, pois o roteiro desmantela aos poucos a farsa inicial e torna incerto o verdadeiro sujeito da fraude.

O interesse de agora é que a expressão "grande mentira" começa a entrar no vocabulário das análises como chave explicativa mais ampla. Basta pensar que a atual ocupação democrática do poder deveu-se a falseamentos que impactaram eleitores convenientes numa conjuntura crítica. Abriu-se uma brecha no arrazoado liberal, campo livre para um ataque.

Sobre esse tipo de lance, mas noutro contexto, individual, os mestres de artes marciais falam de um átimo de tempo em que o corpo perde a unidade e se torna vulnerável. A forma estável, de repente inadequada, abre-se ao golpe inesperado. Tudo depende da ocasião certa.

No corpo coletivo, o ataque lesivo também prospera na oportunidade. Um exemplo histórico entre nós é o Plano Cohen, a falsa conspiração usada por Vargas como pretexto para a ditadura do Estado Novo (1937-45). Quatro anos antes, o incêndio do Reichstag (1933) tinha servido a Hitler como acontecimento crucial para instaurar a Alemanha nazista.

Apesar das diferenças, há uma convergência na crise das mediações entre o poder e as massas, brecha propícia à fabricação de um bode expiatório comum: a suposta ameaça comunista. Nenhuma explicação melhor para a universalidade desse bode do que o Levítico, no Antigo Testamento. O imaginário é sem fronteiras.

Hoje fica cada vez mais nítida a inadequação entre o corpo coletivo oficial e o estado latente da nação. Em sua aversão ao território popular, as elites perderam o pudor. A violência urbana desfez a ideologia da brasilidade cordial. O vácuo da política deu lugar a uma comunicação cega do sistema de poder com o país. Emergiram as minorias, mas se dispersaram rápido demais as mediações tradicionais (partidos, sindicatos etc.). E a internet, com todas as suas redes e aplicativos, não cria espaços reais de representação coletiva.

Fez-se assim oportuna a Grande Mentira do populismo autoritário: uma brecha na imunidade democrática. Deu no que está dando. Mas, como no filme, é viável a desmontagem da farsa. O corpo nacional foi atingido, porém instituições estáveis e independentes despontam como vacina. A reabilitação não pode ser apenas eleitoral e midiática: o grande desafio é a recuperação da civilidade.

TENDÊNCIAS / DEBATES

folha.com/tendencias debates@grupofolha.com.br
Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo

Tenham piedade, excelências

Queiroga, abandone a complacência oportunista

Miguel Srougi

Professor titular de urologia da Faculdade de Medicina da USP, é pós-graduado em urologia pela Universidade Harvard, membro da Academia Nacional de Medicina e presidente do conselho do Instituto 'Criança é Vida'

No início de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) alertou que a humanidade estava sob ataque de um vírus ensandecido, espraiado pelos cinco continentes. Explicitamente, anunciou uma nova pandemia e, implicitamente, indicou que esse patógeno não mais abandonaria o nosso planeta.

Como a história e a ciência previram, e em resposta à pressão evolucionária, o coronavírus ancestral de Wuhan, na China, sofreu sucessivas transmutações para se perenizar, culminando agora com o aparecimento da variante ômicron, já disseminada pelo planeta.

Com a mesma velocidade e competência, os nossos cientistas desvendaram os principais mistérios que envolviam esse novo agente com o objetivo de enfrentar o novo desafio. Assim, demonstraram que:

1 - essa infecção tem uma assombrosa capacidade de disseminação: 10 portadores de ômicron infectam, dentro de 2 a 3 dias, 100 pessoas não vacinadas; 2 - em 8 de janeiro, a variante já era responsável por 98,7% dos casos de Covid no Brasil; 3 - previsão da Universidade de Washington indica uma escalada incontrolável no número de casos em nosso país, com 1 milhão de pessoas sendo infectadas diariamente dentro de dez dias. Esse número não será reconhecido pelo governo federal, que insiste em subestimar vergonhosamente a prevalência da doença; 4 - as taxas de internações em UTI e de óbitos são de 4 a 5 vezes menores nos pacientes infectados pela ômicron se comparadas aos casos atingidos pelas variantes prévias. Esses índices mais baixos não devem ser menosprezados, já que a disseminação irrefreada da doença talvez mate 400 ou mais brasileiros por dia dentro de três semanas; 5 - a vacinação com duas doses do imunizante entre 10% e 51% das pessoas expostas à ômicron, mas três doses protegem 88%; 6 - a capacidade da ômicron de infectar crianças é duas vezes maior que a das variantes anteriores. Apesar da baixa letalidade, crianças precisam ser vacinadas para não se transformarem em reservatórios perpetuadores da pandemia. E, também, porque baixa letalidade não é baixa se quem morre é um ente querido; 7 - bobagens têm sido ditas por pessoas que convencem mais quando ficam caladas. A vacina da Pfizer é bastante segura em crianças, e nenhum óbito foi relatado após quase 9 milhões de doses administradas a esse grupo nos Estados Unidos; e 8 - finalmente, a pandemia pela ômicron só será extinta se pelo menos 90% da população em cada país for imunizada de forma correta e rápida para evitar a emergência de novas variantes agressivas.

Como essa meta é utópica, e provavelmente inatingível, o vírus continuará bailando pelo mundo, reescrevendo de forma trágica a nossa história.

Confesso que, neste momento, não consigo disfarçar minha aflição. Vivendo numa nação estraçalhada, com uma rede sanitária inacessível às pessoas mais simples e, pior, com líderes que não prestam, prevejo um futuro tenebroso para os nossos cidadãos. Sem vislumbrar qualquer possibilidade de o nosso presidente modificar suas atitudes imperfeitas e rudes, só me resta fazer um apelo público, aberto e sincero.

Ministro Marcelo Queiroga: você, como membro de uma classe de heróis que recentemente mudou os destinos da humanidade e com uma história pessoal que até há pouco lhe proporcionou o respeito e a admiração dos cardiologistas brasileiros, não tem o direito de manchar sua biografia e envergonhar seu entorno com atitudes que estão contribuindo para aniquilar o Brasil e o nosso povo.

Por isso, rogo-lhe que se coloque ao lado de tantos filhos da nação e assuma o combate irrestrito à pandemia, pautado na ciência, inspirando e apoiando os demais governantes, estimulando a aplicação das medidas sanitárias reconhecidas, fortalecendo os sistemas de suporte à vida, divulgando estatísticas honestas, necessárias para a gestão da crise, e promovendo a vacinação da nossa população de forma abrangente e rápida. Abandone a complacência oportunista e defenda a nação brasileira contra os ataques do vírus e da indecência.

Pedindo desculpas por repetir, termino relembrando Albert Einstein: "O mundo é um lugar perigoso para se viver, não por causa daqueles que fazem o mal, mas por causa daqueles que observam e deixam o mal acontecer". Hoje, com duplo sentido.

Fido Nesti

Estranhamento inescapável

Portugal e Brasil: o que alguns insistem em não ver

Carlos Fino

Jornalista, é autor do livro 'Portugal-Brasil: Raízes do Estranhamento'

Em artigo nesta **Folha** ("Brasil ama a herança portuguesa", 11/01), José Manuel Diogo afirma que o estranhamento entre Portugal e Brasil —tema da minha tese de doutorado agora publicada em livro— "nunca existiu". Na sua opinião, eu teria partido de uma convicção indemonstrável com base numa amostra fraca e, em vez de ter tido a coragem de recuar e escolher outro tema, avancei para concluir o que não podia ser concluído —a saber, que existe um estranhamento entre Portugal e o Brasil, que o Brasil não valoriza a herança lusitana e que os portugueses menosprezam o Brasil.

O autor tenta assim desvalorizar uma investigação de vários anos, expressa ao longo de 500 páginas e avalizada por duas universidades —a do Minho e a de Brasília. Percebe-se, entretanto, pelo teor da sua prosa, que Diogo afinal não leu a tese, limitando-se a expor, com a ousadia de quem não conhece, uma opinião pré-formada contrária às conclusões que apresentei.

Se tivesse lido, teria percebido que eu não tentei demonstrar a existência de estranhamento entre Portugal e o Brasil —fato por demais conhecido—, mas sim entender, com base em ampla investigação histórica, os porquês dessa realidade onipresente que ele se recusa a ver. Se tivesse lido, teria visto que a maior parte dos fatos que invoca para corroborar as suas posições e diz estarem ausentes da minha investigação constam afinal do meu trabalho, e nenhum deles é suficiente para derrubar o que defendo.

Com efeito, o aumento dos fluxos sociais e das trocas entre os dois países, incluindo os 300 mil imigrantes e os milhares de estudantes do Brasil que frequentam universidades em Portugal, não chegam para superar o antilusitanismo histórico dos brasileiros, que pode perfeitamente viajar incógnito a bordo dos aviões da companhia aérea TAP.

Por outro lado, se é verdade, como assinalo no livro, que as tradições religiosas católicas ainda vão sustentando um lusitanismo difuso, não podemos deixar de ter em conta que o catolicismo está em franco recuo no Brasil, substituído a grande velocidade pelas diferentes correntes evangélicas —como também refiro.

Quanto à nova "lei da nacionalidade" lusa, que reconhece cidadania aos netos de portugueses que tenham vindo para o Brasil, ela é certamente importante, mas não deixa de ser uma medida tomada com grande atraso em relação ao que sempre reivindicou a comunidade portuguesa do Brasil e fica, ainda assim, atrás do que fez a Itália, que reconhece a cidadania até os bisnetos.

Por fim, o fato de os brasileiros terem em geral opinião positiva sobre o Portugal de hoje também não desmente a tese do antilusitanismo histórico que refiro, baseado em extensa investigação histórica que o autor nem sequer se dá ao trabalho de ir verificar. Isso também está no livro —mas ele não leu!

De caminho, ainda me acusa de pretender "sensacionalismo fácil", inoportuno e "perigoso" (!) sobre tema de relevância nacional e bilateral no preciso momento em que se assinalam os 200 anos da Independência do Brasil, como se as celebrações oficiais fossem impedimento da investigação e não, como é óbvio, um estímulo suplementar ao livre debate sobre tema tão relevante.

Em resumo, o autor faz exatamente aquilo de que me acusa: defender uma opinião sem fundamento, baseado apenas em percepção. Mas, como se sabe há muito e escreveu um certo clássico, "se a aparência e a essência das coisas coincidissem, a ciência não seria necessária".

PAINEL DO LEITOR

folha.com/paineldoleitor leitor@grupofolha.com.br
Cartas para al. Barão de Limeira, 425, São Paulo, CEP 01202-900. A Folha se reserva o direito de publicar trechos das mensagens. Informe seu nome completo e endereço

ASSUNTO VOCÊ, LEITOR DA FOLHA, JÁ SE SENTIU EM PERIGO DURANTE UMA VIAGEM DE TURISMO?

Sim. Nas dunas em Natal (RN), com buggies sem cinto de segurança nem oferta de capacete. Nos quadriciclos em Porto de Galinhas (PE). Nas trilhas mal sinalizadas em Fernando de Noronha (RN). Nas passarelas sobre a água em Foz do Iguaçu (PR). Nos barcos e balsas no rio Negro (AM). A conta é enorme.
Eulalia Moreno (São Paulo, SP)

★

Em décadas viajando, não encontrei pior lugar para o turismo que o Cairo. Nas pirâmides, as pessoas cercam o carro e batem na lataria para nos acompanhar (pagando-lhes, é claro). Balançam o carro e forçam a porta para entrar e cobrar. Os guias trocam socos para disputar turistas que querem andar de camelo
Dalmo S. Amorim Júnior (Vitória, ES)

★

Para chegar ao topo da Pedra do Baú, em Campos do Jordão (SP), é necessário escalar 200 degraus prensados no paredão de pedra. Não vi nenhum esquema de segurança, nenhum alerta quanto ao risco. Lembro-me de como minhas pernas tremiam. Em alguns trechos faltava um degrau e era preciso mais força e equilíbrio para subir. E para descer foi outro drama.
Fabiana Matos (São Paulo, SP)

★

Alugamos em 2017 uma pequena traineira em Arraial do Cabo (RJ) para visitar a famosa Gruta Azul, onde barcos entram e manobram. Em alto mar, deparamos com grandes ondulações. Sacudiu muito. Avistamos de longe a longa fila de barcos para entrar na gruta. Mandamos retornar e, aí sim, colocamos os coletes, em razão do alto risco, e retornamos.
Edgard Barros (Rio de Janeiro, RJ)

★

Escadas verticais na praia do Sancho, em Fernando de Noronha. Descem dezenas de pessoas, uma em cima da outra, e a escada é 100% vertical e muito alta. Se uma cair, derruba outras dez de uma altura de uns 20 metros. E tudo rocha em volta para bater a cabeça.
Vinicius Tremocoldi Stipp (Piracicaba, SP)

★

Logo na entrada do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros, você é informado de que ali não existe equipe de resgate e que, se ocorrer algum acidente, você, visitante, tem que ligar para o Corpo de Bombeiros de Alto Paraíso e solicitar resgate. A segurança é precária. Todos os anos temos notícia de pessoas que perderam a vida em um atrativo da chapada.
Patrick José dos Santos (Brasília, DF)

★

Em um passeio de barco nas cataratas do Iguaçu (PR), em setembro de 2020. O guia chegou perto demais da queda d'água. Ficamos muito molhados e a lancha com muita água. Foi muito imprudente, e percebi que isso é rotineiro com todos os barcos. Foi aterrorizante.
Maria Melo (Hidrolândia, GO)

★

No sábado passado (8/1), após não conseguirmos visitar Inhotim, fechado por causa das chuvas, tivemos de pegar uma estrada vicinal para sair de Brumadinho (MG) rumo a Brasília. A pista era bem sinuosa, ladeada por barrancos íngremes, muitos deles já desmoronando. Só nos tranquilizamos quando chegamos à BR-040.
Dionyzio Antonio Martins Klavdianos (Brasília, DF)

★

Em visita, na semana passada, às cidades históricas de Minas Gerais, me senti em risco. Ouro Preto, Tiradentes, Bichinho, Congonhas, São João del-Rei. São cidades montanhosas, com minas ao redor e barragens de rejeitos. Não recomendo em períodos chuvosos.
Fernanda de França Leitão Paiva (Brasília, DF)

★

O Complexo de Couros, um dos principais atrativos da Chapada dos Veadeiros, em Alto Paraíso (GO), é bastante arriscado, especialmente em dias de chuva. Há vários trechos íngremes e escorregadios que terminam em abismos, sem guarda-corpo ou qualquer sinalização de advertência. Zero fiscalização.
Fernanda Mathias (Campo Grande, MS)

★

Estava em um ônibus que ia para Paraty (RJ) e tombou em Ubatuba (SP). O motorista usou uma via onde não era permitida a circulação de ônibus e ali acabou perdendo o controle do veículo. Morreram seis pessoas no acidente.
Felipe Matos (São Paulo, SP)

★

Sim, em 2016, no deserto de Atacama (Chile). Na região de Piedra Roja, havia um lago congelado. O guia disse que era seguro andar sobre ele, mas dava para ver que em algumas partes o gelo havia derretido. Minutos depois, o gelo cedeu e um turista afundou metade do corpo no lago. Tentei ajudá-lo e, quando estendi a mão para puxá-lo, a minha parte do gelo também cedeu e fiquei com água acima da cintura. Conseguimos sair jogando o peso do corpo em uma parte do gelo que ainda estava firme.
Leandro Penha Chaves (São Paulo, SP)

Temas mais comentados pelos leitores no site
De 8 a 14 jan - Total de comentários 15.057

- 362 — Os esbirros de Lula (Catarina Rochamonte) **9.jan**
- 348 — Presidente da Anvisa cobra retratação de Bolsonaro sobre insinuação contra agência (Equilíbrio e Saúde) **8.jan**
- 342 — Bolsonaro diz que Lula na Presidência é 'recondução do criminoso à cena do crime' (Poder) **12.jan**

OUTROS ASSUNTOS

Carnaval

Não faz sentido ouvir especialistas e jornalistas presumindo que a ômicron hibernará até 28/2. Só o Carnaval é problema? Ou se restringem todas as aglomerações, ou se permitem os desfiles. Do contrário, é pura sanha moralista sem embasamento metodológico.
Carlos Eduardo Aguiar Santos (São Paulo, SP)

Pesquisas

É bom tomar cuidado. Alguns jornais estão publicando pesquisa eleitoral que mostra Lula com 45% de preferência do eleitorado. Se a pesquisa for falsa, o jornal perde a credibilidade. Se verdadeira, somos uma nação de picaretas. E neste caso, jornais não são necessários.
André Coutinho (Campinas, SP)

Michel Temer

O que foi aprovado no governo Temer não são os "Dez Mandamentos". Tudo está sujeito a eventuais e pontuais revisões constitucionais, pois a sociedade e as leis malfeitas devem sempre estar sendo aperfeiçoadas. A reforma trabalhista não produziu resultados satisfatórios e ainda por cima precarizou relações de trabalho que já eram desequilibradas.
Sandro Ferreira (Ponta Grossa, PR)

poder

PAINEL | Fábio Zanini

painel@grupofolha.com.br

Hey, Brazil

Rede social muito usada por bolsonaristas e com sócio na mira da PF, a Gettr começou a investir pesado no público brasileiro. Criada por Jason Miller, ex-assessor de Donald Trump, a plataforma tem enviado e-mails em português para conquistar adeptos no país. "Enquanto o Twitter dá mais um passo para se tornar uma plataforma autoritária, o Gettr trabalha dia após dia para preservar seu direito à liberdade de expressão", diz o texto, que começa com a saudação "querido patriota".

NA CRISTA... Miller disse ao Painel que em breve pretende ter uma equipe baseada no Brasil. "Ainda não contratamos funcionários permanentes no Brasil nem abrimos escritório, mas prevejo que faremos isso assim que começarmos a monetizar a plataforma no país", afirma.

...DA ONDA Segundo ele, a plataforma tem registrado "crescimento considerável" por aqui, com mais de 600 mil usuários. O Gettr passou a fazer propaganda no grupo Jovem Pan, que tem linha editorial pró-Bolsonaro. Entre os que aderiram recentemente estão o influenciador Allan dos Santos e Sergio Camargo, da Fundação Palmares.

SAIDEIRA Um dos últimos eventos do governador de São Paulo, João Doria (PSDB), antes de renunciar ao cargo para disputar a Presidência será uma espécie de cartão de visitas para seu programa de governo, baseado em investimentos do setor privado.

TIMING Nos dias 29, 30 e 31 de março, haverá leilões de concessão de loterias, travessias de balsas e parques da capital, com previsão de pagamento de outorgas e investimentos milionários. Dois dias depois, Doria deixará o Palácio dos Bandeirantes.

VERDE SOU Sergio Moro (Podemos) pediu à equipe que formula seu programa de governo que trate de forma unificada as propostas para o agronegócio e o meio ambiente. O ex-juiz entende que essa é uma das maneiras de se diferenciar de Jair Bolsonaro (PL) e negar exclusividade sobre o tema para a esquerda.

REPAGINADO "O agro está sendo penalizado por causa da questão ambiental, como se os produtores fossem meros incendiadores de floresta. Temos no ambiente uma oportunidade, e não um problema", diz o ex-deputado Xico Graziano, especialista no tema e que faz parte do grupo de colaboradores criado pelo presidenciável do Podemos.

MOLHOU O PT desistiu de fazer uma grande celebração em praça pública no aniversário do partido, em fevereiro. A ideia era montar um palco e encher uma praça em Belo Horizonte com apoiadores do ex-presidente Lula, que estaria lá. O motivo do adiamento foi o novo pico da pandemia. Está sendo estudada uma transmissão virtual a partir de MG.

PISCADELA A escolha pelo estado não é por acaso. O prefeito de Belo Horizonte é Alexandre Kalil, do PSD, sigla que o PT deseja ter ao seu lado na eleição.

VAI OU RACHA Paulo Skaf tem dito a aliados que considera sua candidatura ao Senado como a última grande chance que terá na política. Ele planeja grudar em Tarcísio de Freitas, escolhido por Jair Bolsonaro para disputar o governo de SP.

PONTAS O ex-presidente da Fiesp tem dito que espera contar com apoio dos empresários e também dos que desfrutam de serviços oferecidos, por exemplo, pelo Sesi.

PADRINHO Ricardo Nunes, prefeito de SP, tem articulado para que João Cury, seu secretário-executivo de Relações Institucionais, seja candidato a deputado federal pelo MDB.

SANGUE A empreitada, no entanto, tem empecilhos. João é irmão de Fernando Cury, deputado estadual que teve o mandato suspenso por apalpar a também parlamentar Isa Penna (PSOL).

GLOBAL Uma das principais instituições dedicadas à política externa, o Cebri lança em fevereiro uma revista trimestral. "A ideia é criar uma intersecção entre academia, formuladores de políticas públicas e tomadores de decisão", diz Hussein Kalout, ex-secretário de Assuntos Estratégicos da Presidência e um dos editores.

ELENCO A primeira edição tem artigos dos ex-ministros Rubens Ricupero, Celso Amorim, Izabella Teixeira e Marina Silva, além de entrevista com o ex-presidente FHC.

TIROTEIO

> O Lula quer tanto enfrentar o Bolsonaro no segundo turno que é capaz de votar nele no primeiro

Do presidente nacional do PSD, Gilberto Kassab, sobre a atual polarização eleitoral entre o petista e o atual presidente

com Guilherme Seto e Fabio Serapião

GRUPO FOLHA
FOLHA DE S.PAULO ★★★
UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

Redação São Paulo
Al. Barão de Limeira, 425 | Campos Elíseos | 01202-900 | (11) 3224-3222
Ombudsman ombudsman@grupofolha.com.br | 0800-015-9000
Atendimento ao assinante (11) 3224-3090 | 0800-775-8080
Assine a Folha assine.folha.com.br | 0800-015-8000

EDIÇÃO DIGITAL	Digital ilimitado	Digital Premium
DO 1º AO 3º MÊS	R$ 1,90	R$ 1,90
DO 4º AO 12º MÊS	R$ 9,90	R$ 9,90
A PARTIR DO 13º MÊS	R$ 29,90	R$ 39,90

EDIÇÃO IMPRESSA	Venda avulsa seg. a sáb.	dom.	Assinatura semestral* Todos os dias
MG, PR, RJ, SP	R$ 5	R$ 7	R$ 827,90
DF, SC	R$ 5,50	R$ 8	R$ 1 044,90
ES, GO, MT, MS, RS	R$ 6	R$ 8,50	R$ 1 318,90
AL, BA, PE, SE	R$ 9,25	R$ 11	R$ 1 420,90
Outros estados	R$ 10	R$ 11,50	R$ 1 764,90

*À vista com entrega domiciliar diária. Carga tributária 3,65%

CIRCULAÇÃO DIÁRIA (IVC)
358.659 exemplares (novembro de 2021)

Geraldo Alckmin e Lula (PT), com suas esposas, em jantar do grupo Prerrogativas Ricardo Stuckert - 19.dez.2021/Divulgação

Aliados de Lula e Alckmin veem aliança pavimentada mesmo com desgastes

Divergências em propostas de governo trazem ruído, mas não são vistas como impeditivas; imbróglio entre PT e PSB permanece

Carolina Linhares

SÃO PAULO Aliados do ex-presidente Lula (PT) e do ex-governador Geraldo Alckmin (sem partido) avaliam que a construção da chapa conjunta está pavimentada e que a união demonstrou, nos últimos dias, resistir a desafios de ordem programática e partidária.

Mesmo com as linhas gerais do plano econômico de Lula divulgadas na **Folha** em um artigo do ex-ministro Guido Mantega e a ampliação do debate no PT sobre a revogação da reforma trabalhista, interlocutores de Alckmin afirmam que diferenças pontuais nas propostas do petista e do ex-tucano não serão entraves para a aliança.

A leitura de quem acompanha as conversas entre Lula e Alckmin é a de que ambos querem fazer a chapa acontecer e, para isso, estão dispostos a superar diferenças —a união pode ser anunciada em fevereiro.

O ex-governador abandonou os movimentos para disputar novamente o Palácio dos Bandeirantes e se concentrou em debater o país.

Lula, por sua vez, não viu mais surgirem especulações de nomes de vices depois que o de Alckmin entrou na roda. Petistas afirmam que, na opinião do ex-presidente, o jantar que os reuniu publicamente demonstrou que as resistências no partido e na opinião pública foram menores que o esperado.

No entanto, a chapa encontra opositores no PT e no PSDB. Tucanos que contavam com Alckmin em São Paulo para fazer frente ao PSDB do presidenciável João Doria e do seu candidato no estado, Rodrigo Garcia, demonstram decepção e não descartam que o ex-governador volte atrás na escolha por Lula.

Embora a velha guarda tucana admita que o PSDB raiz que defendem já foi próximo do PT, lembrando a boa relação entre Lula e FHC nos anos 1970 e 1980, o entendimento é o de que o petista se deixou corromper no poder e que Alckmin não pode se associar a isso. As diferenças programáticas seriam superáveis; as éticas, não.

Entre as divergências no plano de governo, a ideia de rever a reforma trabalhista, discutida por Lula em reunião com sindicalistas e economistas na terça-feira (11), foi tema de café da manhã entre Alckmin e o presidente do Solidariedade, deputado Paulinho da Força (SP), no dia anterior.

Paulinho, que é contrário à revogação da reforma, afirmou à **Folha** que Alckmin demonstrou haver preocupação do mercado com essa iniciativa.

Mais tarde, petistas e alckmistas passaram a divulgar que o ex-governador, na verdade, demonstrou interesse em estudar o tema e entendia a proposta de Lula não como algo radical, mas como uma iniciativa de diálogo entre as partes para melhorar a legislação.

Como mostrou a **Folha**, membros da cúpula do PT fizeram chegar a Alckmin explicações sobre a proposta. A missão teria apaziguado eventuais estranhamentos do ex-governador em relação ao que sugere o ex-presidente quando fala em imitar o exemplo da Espanha, que revogou a reforma trabalhista.

A postura de Alckmin, contudo, irritou parte dos membros do PT, já que a reversão das mudanças é pauta do partido praticamente desde que a medida foi aprovada no governo Michel Temer (MDB).

A conversa com Paulinho, registrada em foto e divulgada nas redes, sinalizou ainda que embaraços de ordem partidária à formação da aliança também tendem a ser solucionados. No encontro, o deputado reforçou o convite para que Alckmin se filie ao Solidariedade e componha a chapa com Lula. O ex-tucano ainda não deu resposta.

O plano original é o de que Alckmin se filie ao PSB, partido que forneceria a Lula a vice-presidência e que formaria uma federação ou aliança com o PT. Em troca, os petistas abririam mão de candidaturas próprias e apoiariam os pessebistas em cinco estados: RJ, ES, RS, PE e SP.

A questão paulista, no entanto, travou a negociação. O PT não abre mão de lançar o ex-prefeito Fernando Haddad (PT), que aparece à frente do ex-governador Márcio França (PSB) nas pesquisas. O partido argumenta ainda que São Paulo é um estado chave, berço do petismo, e que há chance real de vitória.

Do lado do PT, a expectativa é a de que França ocupe outra vaga na chapa, mas também existe o reconhecimento de que ele tem direito de concorrer —num cenário em que Haddad e o ex-governador se enfrentariam nas urnas.

Já o PSB tampouco está disposto a abrir mão da candidatura de França, que abriu diálogo com o PDT de Ciro Gomes —o ex-governador esteve com o presidente da sigla, Carlos Lupi, neste ano. Sem nome próprio para a Presidência, o partido estaria entre apoiar Ciro ou Lula.

Petistas entendem que o PSB, ao usar Alckmin como moeda de troca na questão paulista, negocia um ativo que não possui. Primeiro porque ele não está filiado ao PSB. Segundo porque Alckmin já demonstrou que quer ser vice de Lula em qualquer partido e que seu projeto não está atrelado ao de França —algo com que alckmistas concordam.

A vantagem de Alckmin no PSB seria agregar à campanha de Lula um partido grande —maior do que o Solidariedade ou o PV, que são outras opções. Mas há entre petistas e membros da terceira via quem aposte que Gilberto Kassab, presidente do PSD, poderia ser vice do Lula, o que supriria essa demanda por uma sigla de peso na coligação.

Kassab, porém, afirma que seu partido lançará a candidatura do senador Rodrigo Pacheco (PSD) à Presidência. E petistas esperam que, de uma forma ou de outra, o PSB se junte ao PT, já que Ciro estacionou nas pesquisas.

O entorno de Alckmin acredita que há tempo para que esse imbróglio partidário se resolva. Em outra frente, tampouco as propostas à esquerda no programa do PT seriam obstáculo intransponível.

Petistas e alckmistas lembram conceitos defendidos tanto por Lula como pelo PSDB raiz, como responsabilidade fiscal, desenvolvimento social e defesa de uma política tributária mais justa.

Além disso, aliados de Alckmin esperam que o programa de governo não seja imposto, mas discutido —já que o ex-governador seria um vice não decorativo.

Outro ponto mencionado é o de que Alckmin retomou sua agenda pública no ano passado, após terminar a eleição presidencial de 2018 com

Continua na pág. A5

> **Não importa se no passado fomos adversários. Se trocamos algumas botinadas. Se no calor da hora dissemos o que não deveríamos ter dito. O tamanho do desafio que temos pela frente faz de cada um de nós um aliado de primeira hora**

Lula (PT)
em referência à Alckmin no jantar do grupo Prerrogativas

Continuação da pág. A4

menos de 5% dos votos, comparecendo a encontros e reuniões de sindicatos e centrais. Desde então, adotou como tema principal a questão do emprego e da renda, além da superação da crise econômica.

Deputados do PT admitem que a escolha por Alckmin pode cair mal entre eleitores ligados à segurança pública, à educação e aos direitos humanos, mas argumentam que esses problemas são administráveis.

Os entusiastas da chapa Lula-Alckmin também já têm resposta para quem resgata atritos entre eles ou falas de um contra o outro. Interlocutores de Lula argumentam que Alckmin, no Governo de São Paulo, teve excelente relação com o então presidente petista e com o então prefeito Haddad.

Eles relembram episódios de pontes, como quando Alckmin e Haddad anunciaram juntos o recuo no aumento de R$ 0,20 no transporte, em 2013. Por outro lado, o presidente Jair Bolsonaro (PL) repetiu, na semana passada, frase de Alckmin sobre a candidatura de Lula em 2018 —a de que uma vitória petista seria uma volta à cena do crime.

Integrantes da cúpula petista dizem que, de qualquer forma, a formalização da escolha de Lula por Alckmin aplacará críticas no partido. Já no grupo político que apoia o ex-tucano em São Paulo, o clima é de insatisfação e cobrança.

O ex-governador se fragiliza ao entrar em conflito com seus companheiros históricos no PSDB e deveria rever a parceria com Lula, opinam. Esses políticos já se reuniram na semana passada em busca de alternativas no estado —como apoiar o tucano Garcia ou lançar um novo nome no PSD.

O PSD havia oferecido legenda a Alckmin para que ele disputasse o Governo de São Paulo. O ex-governador não avançou nas conversas, sinalizando a preferência pela vice.

Agora, Kassab trabalha com outros nomes da ala alckmista do PSDB como opções — os prefeitos Felicio Ramuth (São José dos Campos) e Paulo Serra (Santo André) e o ex-prefeito Paulo Alexandre Barbosa (Santos).

O senador José Aníbal (PSDB-SP), entusiasta da terceira via, diz que falta um programa consistente à chapa Lula-Alckmin. "É um acerto frágil, um acordo sem propósito claro a não ser ganhar a eleição", diz.

Apoiadores da chapa minimizam as críticas e apostam no simbolismo de uma dupla que, para eles, aponta para um governo de conciliação, diálogo e união nacional. Para superar o bolsonarismo, argumentam, é preciso deixar diferenças pessoais e ideológicas para trás, e Lula e Alckmin teriam o desprendimento para isso.

Ombudsman

O colunista está em férias

Veja o que Lula e Alckmin já disseram

"A única coisa que ele sabe fazer é vender coisas. O PSDB não devia ter candidato a nada. Devia ser candidato a [dirigir] uma empresa de vender estatais

Lula
Em 2006, em entrevista

Ao invés de ficar com leviandade, é importante ter em conta o seguinte: quais são as políticas sociais concretas que o PSDB tem para o Brasil? [...] A única coisa que vocês sabem fazer é vender o patrimônio público

Lula
Em 2006, em debate eleitoral

O governador, nas suas bravatas, ele fala de uma moralidade que parece que ele está numa sacristia

Lula
Em 2006, também em debate

"É temerário, é inconcebível o presidente da República dizer que tem conhecimento de ato de corrupção e determinar o seu abafamento. [...] A sociedade merece um esclarecimento dessa questão

Geraldo Alckmin
Em 2005, em resposta a declarações de Lula de que teria abafado denúncias de corrupção no governo FHC

Se há alguém que não tem moral para falar de ética é o governo Lula

Geraldo Alckmin
Em 2006, em debate eleitoral

Não existe a menor chance de aliança com o PT. [...] Jamais terão meu apoio para voltar à cena do crime. Seus apoiadores são aqueles que acampam em frente a uma penitenciária

Geraldo Alckmin
Em 2018, durante a campanha

Brasil made in USA

O que é mau para os Estados Unidos aqui faz o mesmo estrago

Janio de Freitas
Jornalista

Os americanos estão vivendo um sadomasoquismo nacional com fins imprevisíveis: experimentam as aflições latino-americanas incutidas pelos Estados Unidos por mais de um século. Sem interrupção, sem que um só dos países independentes na região, ou em vias de sê-lo, passasse à história como virgem na violação em massa do direito de conduzir-se.

O suspense dos Estados Unidos entre a salvação do seu sistema legal e a vitória da irracionalidade despertada por Trump é, na essência, um sentimento latino-americano, lá vivido com características locais.

A passividade dos latino-americanos ante sua expectativa é, nos americanos, uma queda livre desde as alturas de sua autoimagem até ao estranhamento da própria identidade. A pessoal e a do país. Perplexidade diferente, mas não ausente no lado insurreto, cuja fúria não tem fins definidos, nem nos incapazes de defesa eficaz.

Nesse estado confuso, os poderes políticos, da imprensa/TV e dos demais setores influentes nem sequer foram capazes de ir além da expressão "ameaça à democracia americana", para rotular sua percepção temerosa. O como, o porquê e o para quê não atravessam o choque de realidade ou a incredulidade forçada.

À margem, cresce o uso da expressão "ameaça de guerra civil", impossível saber se por exagero ou lucidez no país belicoso e de população armada. Mas tanto os reprimidos como os avançados buscam socorro, em vão, na pergunta a que muitos nem quereriam responder: como foi possível os Estados Unidos chegarem a isso?

Os inumeráveis fatores não se opõem a uma resposta algo simplória e, no entanto, sintetizadora e real: por interesse ou covardia, as forças influentes deixaram que Trump e a extrema-direita ambiciosa derrubassem sucessivos limites do regime democrático. A reação foi apenas palavrosa e contida, de parte da imprensa e de tevês; reação quase zero das instituições civis tão fortes nos Estados Unidos, e até adesão proveitosa ao trumpismo no empresariado e seu poder incontrastável.

Se o que é bom para os Estados Unidos é bom para o Brasil, como rezava a ditadura militar aqui, o que lá é mau faz aqui o mesmo estrago. Nessa linha, o alto risco a que Bolsonaro e seus seguidores submetem a eleição, em outubro, é uma visão que reproduz bastante o que levou à insegurança do regime americano e se passa na sua dificuldade de resposta à altura.

Bolsonaro retoma a pregação contra o sistema eleitoral, volta a acusar fraudes na eleição presidencial passada, ataca o Supremo e o Tribunal Superior Eleitoral, entrega a liberação das verbas orçamentárias a um líder (no mínimo) suspeito do centrão. Mas há notícia de que o poder empresarial se movimenta, com propósitos de fato eleitorais, como a busca de um nome viável contra Lula e Bolsonaro. Exceto meia dúzia, porém, esses empresários se encolhem no anonimato. "Por medo de represália."

Outro indicador a respeito, também publicado na **Folha** *por Cynthia Rosenburg: "O articulador de um grupo afirma que não houve conversas apenas com Bolsonaro, porque entende que não há diálogo possível com o presidente, e nem com Luiz Inácio Lula da Silva — nesse caso a justificativa é a recusa em dar palco ao petista". Como tal decisão não foi reconsiderada, houve concordância do grupo.*

Trata-se de um estreitamento do horizonte mental, o predomínio do pré-conceito sobre o encontro com a possibilidade do questionamento, do convencimento, da compreensão cancelada pelo interesse e a covardia. É o anticidadão em sua plenitude. Sua busca não é a do melhor candidato, é a do eleito que lhe seja pessoalmente proveitoso.

A notícia alvissareira — uma palavra bem velha para um velho fracasso da nossa democracia —, de movimentos empresariais pró-eleição, contém uma advertência: apesar do retrocesso de que o Brasil ou se recupera em poucos anos ou não se recupera mais, ainda é incerta a posição do poder empresarial caso ocorra o que se teme no processo eleitoral deste ano. E incerteza, no caso, não significa equilíbrio das probabilidades.

Assim como militares se vacinarem, seguindo seus inspiradores desenvolvidos, não é afastamento na relação com Bolsonaro. É afastamento da Covid, e olhe lá.

| DOM. Elio Gaspari, Janio de Freitas | **SEG. Celso Rocha de Barros** | TER. Joel P. da Fonseca | QUA. Elio Gaspari | QUI. Conrado H. Mendes | SEX. Reinaldo Azevedo, Angela Alonso, Silvio Almeida | SÁB. Demétrio Magnoli

poder

Afastamento de militares de Bolsonaro é sinalização a Lula

Episódios no Exército e na Marinha tentam contornar distância do petista

Igor Gielow

SÃO PAULO Os recentes episódios em que as Forças Armadas demonstraram distanciamento do governo do capitão reformado do Exército Jair Bolsonaro (PL) são ao mesmo tempo sinalização de posição e aceno a outros candidatos na disputa presidencial, Luiz Inácio Lula da Silva (PT) à frente.

Segundo a **Folha** ouviu de oficiais-generais das três Forças, apesar de a interlocução com o petista ser basicamente inexistente agora, os eventos falariam por si e serviriam para tirar da sala o bode de um golpe militar contra Lula em caso de vitória em outubro.

Nas duas últimas semanas, alguns fatos se colocaram na sempre espinhosa relação entre os militares e Bolsonaro:

1. O Exército determinou que todos os 67 exercícios militares programados para o ano fossem encerrados até setembro para liberar a tropa no caso de haver violência eleitoral ou, ainda pior, algum cenário ao estilo Capitólio dos EUA.

2. A mesma Força lançou diretrizes no trato público da pandemia que vão contra o negacionismo preconizado por Bolsonaro.

Em particular, criminalizando a divulgação de fake news, tão ao gosto do bolsonarismo, o que causou ruído.

3. O diretor-presidente da Anvisa (Agência Nacional de Vigilância Sanitária), almirante Antonio Barra Torres, divulgou uma duríssima nota chamando o presidente à responsabilidade por ter acusado o órgão de ter interesses escusos na vacinação de crianças, que Bolsonaro critica.

O conjunto de eventos, dizem fardados em altos postos do serviço ativo, estabeleceu de saída no ano eleitoral uma linha divisória entre a balbúrdia presidencial e as Forças.

Mais que isso, buscou dizer aos candidatos ao Planalto que, independentemente de quem vença a eleição, a Força se manterá neutra. Os atos foram necessários já que, do ponto de vista de imagem, o caráter militar do governo causa justificável apreensão da esquerda à direita.

O foco, dizem generais, almirantes e brigadeiros, é, claro, Lula. O petista até tentou estabelecer uma ponte com os fardados no ano passado, mas não foi bem-sucedido.

Há entre militares um sentimento refratário ao petista devido ao que consideram leniência com a corrupção.

Tanto é assim que a candidatura de Sergio Moro (Podemos), o ex-juiz que colocou o petista na cadeia por 580 dias, atrai alguns setores fardados.

Por outro lado, na cúpula, há o pragmatismo de que hoje Lula é o favorito para vencer a eleição. A leitura benigna é a de que os militares buscam reiterar isenção; a mais maquiavélica é a de que não querem revanchismo por parte do novo chefe, caso o petista volte ao poder.

De todo modo, todos os ouvidos lembram o que chamam de tempos de vacas gordas sob Lula, quando a bonança internacional das commodities e uma gestão fiscal responsável até a etapa final de seu mandato permitiram o reequipamento das Forças com programas como o de submarinos, de caças e de blindados.

Segundo interlocutores do ex-presidente, ele ainda vê com reserva o comportamento do Exército em 2018, quando o então comandante Eduardo Villas Bôas pressionou o Supremo Tribunal Federal em um tuíte a não conceder habeas corpus contra sua prisão.

Por outro lado, dizem que não acreditam haver óbice numa eventual relação, e que Lula tem compreendido os sinais que vêm da caserna.

No caso do Exército, o entrechoque não provocou nenhuma crise de maior monta, a não ser questionamentos sobre a questão da Covid-19 que não foram em frente do ministro da Defesa, general da reserva Walter Braga Netto.

Já no de Barra Torres, que enfatizou em sua nota cobrando que Bolsonaro ou recuasse, ou se retratasse, a situação ficou algo em aberto. O Comando da Marinha avalizou os termos do almirante, que enfatizou sua condição de oficial-general médico da reserva ao longo do texto.

Bolsonaro buscou ignorar o episódio, dizendo que não tinha colocado a integridade da agência em dúvida —só para repetir insinuações.

O padrão tem irritado comandantes militares, ciosos de que a sinergia entre o governo Bolsonaro e as Forças é algo difícil de ser extirpada da mentalidade pública.

Como deixou claro livro-depoimento de Villas Bôas, de 2021, os militares operaram uma volta à política nas costas de Bolsonaro quando foi exacerbado o sentimento antipetista na cúpula fardada.

Soldado indisciplinado e processado por isso, o então deputado era visto com desprezo por generais.

Até que um grupo na reserva atentou a seu potencial eleitoral e viu uma possibilidade de volta ao poder. O serviço ativo aquiesceu, e forneceu quadros para o novo governo.

Ao longo de 2019 e 2020, a relação foi turbulenta, dado que Bolsonaro usava a proximidade de forma instrumental na sua disputa com outros Poderes, notadamente o Judiciário, cuja cúpula é malvista entre os fardados. Por outro lado, os militares obtiveram, além de cargos, reforma de carreira e de Previdência que pediam havia 20 anos.

O sucessor de Villas Bôas, Edson Leal Pujol, chocou-se diretamente com Bolsonaro e acabou derrubado, no escopo da crise militar que levou toda a cúpula da Defesa em março passado.

Seu sucessor, Paulo Sérgio Oliveira, vem navegando com mais habilidade, embora tenha tido de ceder ao não punir Eduardo Pazuello quando o general intendente da ativa, ex-ministro da Saúde, foi a ato político com o presidente.

Tanto foi assim que, na sequência dos dois episódios recentes, ele se reuniu com Bolsonaro, que afirmou estar tudo bem na relação com sua antiga casa militar.

Na prática, os militares saíram dos holofotes desde que o presidente baixou o tom de seu embate com Poderes e firmou a aliança com o centrão, depois da crise aguda do 7 de Setembro de 2021. Como as falas recentes de Bolsonaro sugerem, isso é bastante frágil como arcabouço.

Oficiais da ativa se queixam dos movimentos dos generais de terno no governo. As conversas mais recentes giram em torno de Braga Netto, que foi ministro da Casa Civil antes de assumir a Defesa na esteira da crise de março.

Ele se mostrou um dos mais bolsonaristas dos militares no governo e tem seu nome especulado para ocupar a vaga do também general de quatro estrelas da reserva Hamilton Mourão como candidato a vice-presidente na chapa governista.

Há dúvidas se o centrão, que na prática irá governar neste último ano com a cessão de poderes orçamentários à Casa Civil sob o comando do PP, terá apetite para indicar um vice.

O apoio e a bancada que será eleita mesmo que Bolsonaro patine abaixo dos 20% no primeiro turno podem ser suficientes, sem carregar o eventual caixão político do presidente de forma tão explícita.

Neste caso, Braga Netto surge forte, até porque ele é visto como um cumpridor de ordens fiel ao presidente.

O arranjo é apoiado por Luiz Eduardo Ramos (Secretaria-Geral), que segundo aliados quer ocupar a Defesa neste último ano de mandato.

> Se o senhor dispõe de informações que levantem o menor indício de corrupção sobre este brasileiro, não perca tempo nem prevarique, senhor presidente. Determine imediata investigação policial. Agora, se o senhor não possui, exerça a grandeza que o seu cargo demanda e, pelo Deus que o senhor tanto cita, se retrate
>
> **Antônio Barra Torres**
> Presidente da Anvisa, em nota pública a Jair Bolsonaro

O presidente Jair Bolsonaro com o general do Exército Paulo Sergio Nogueira durante cerimônia em Brasília Lúcio Tavora - 25.ago.2021/Xinhua

Todos terão que aceitar resultado da eleição, diz ex-presidente

SÃO PAULO O ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), que lidera as pesquisas para a disputa ao Palácio do Planalto, disse em rede social neste sábado (15) que a população rejeita autoritarismo e que todo mundo terá que respeitar os resultados das eleições de 2022.

A declaração, que rememora posicionamento anterior dele, ocorre após novos ataques do presidente Jair Bolsonaro (PL) ao sistema eleitoral e aos ministros Luís Roberto Barroso e Alexandre de Moraes, do STF (Supremo Tribunal Federal).

"Eu disse nesse começo de ano ao jornal britânico The Telegraph que a democracia brasileira sairá mais forte de 2022, e todos terão que aceitar o resultado das eleições. A maioria dos brasileiros rejeita o autoritarismo e o desastroso desgoverno atual", escreveu Lula em sua conta no Twitter.

Na última quarta-feira (12), Bolsonaro acusou Barroso e Moraes de ameaçar e cassar "liberdade democráticas" com o objetivo, segundo ele, de beneficiar a candidatura de Lula.

"Quem esses dois pensam que são? Que vão tomar medidas drásticas dessa forma, ameaçando, cassando liberdades democráticas nossas, a liberdade de expressão porque eles não querem assim, porque eles têm um candidato. Os dois, sabemos, são defensores do Lula, querem o Lula presidente", declarou Bolsonaro, durante uma entrevista ao site Gazeta Brasil.

Bolsonaro, que fez repetidos ataques a ministros do Supremo antes do atos de raiz golpista do 7 de Setembro, chegou a baixar seu tom nos meses seguintes, após se desculpar e escrever uma carta com auxílio do ex-presidente Michel Temer (MDB).

No final de 2021, porém, voltou a atacar integrantes da corte e o sistema eleitoral.

O presidente ainda investiu contra Moraes e lembrou o julgamento, pelo TSE (Tribunal Superior Eleitoral), que rejeitou a cassação da chapa presidencial por participação em esquema de disparo em massa de fake news nas eleições de 2018.

Na ocasião, Moraes, que será presidente do TSE em 2022, afirmou que, se houver disparo em massa de fake news nas próximas eleições, os responsáveis serão cassados e "irão para a cadeia por atentar contra as eleições e a democracia".

"Eu fui julgado no TSE, a chapa Bolsonaro-Mourão, no final do ano passado; e lá foi a vez do senhor Alexandre de Moras falar claramente: 'houve sim fake news, houve disparo em massa, sabemos; no ano que vem —que é neste ano— se tiver vamos cassar o registro e prender o candidato'", afirmou Bolsonaro.

"Olha, isso é jogar fora das quatro linhas [da Constituição], eu só tenho isso a dizer a vocês. Eu sempre joguei dentro das quatro linhas. Não se pode falar em terrorismo digital. Que terrorismo é esse? É o que ele acha que é? Quem são os checadores de fake news no Brasil? Contratados a troco de quê?", seguiu o presidente.

O tom de Bolsonaro se repetiu na sexta-feira (14), em agenda no Amapá, quando voltou a dizer, sem provas, que houve fraude na eleição presidencial de 2018.

"Era para ter ganho no primeiro turno, se fossem umas eleições limpas no primeiro", afirmou, ao se referir ao pleito que o levou ao Palácio do Planalto.

Bolsonaro foi o mais votado no primeiro turno em 2018, com 46% dos votos válidos. Para prescindir do segundo turno, o candidato precisa receber mais da metade dos votos válidos. A eleição foi decidida no segundo turno, quando Bolsonaro venceu o petista Fernando Haddad.

Pesquisas têm apontado uma ampla vantagem de Lula para a eleição deste ano, que atualmente teria chance de vitória no primeiro turno, com Bolsonaro em um distante segundo lugar.

A retomada da contestação de urnas também ocorreu em entrevista concedida pelo presidente na quinta-feira, mas veiculada apenas na sexta-feira.

Bolsonaro recuperou uma fake news de que pessoas estariam comendo cães e gatos para não passar fome durante restrições na pandemia da Covid em Araraquara, no interior de São Paulo, no ano passado. Ele disse não entender como o prefeito Edinho Silva (PT) foi reeleito e colocou em dúvida o processo eleitoral.

Em rede social neste sábado (15), o ex-presidente Lula disse ainda que o "próximo presidente do Brasil terá que enfrentar o desafio de reconstruir o país, recuperar o crescimento econômico e a inclusão social, dialogando e trabalhando com a sociedade".

"É que nosso mundo precisa de mais cooperação e menos conflito entre os países para enfrentar os desafios globais —pandemia, proteção do meio ambiente, combate à pobreza", afirmou o petista.

APRESENTA

EstúdioFOLHA

Transplantes salvam vidas, mas sucesso depende de vários fatores

Cirurgia de alta complexidade exige equipe multidisciplinar, médicos experientes e estrutura hospitalar; pós-transplante também requer atenção

O transplante de um órgão, como um rim, fígado ou coração, ou de tecido, como medula óssea, é muitas vezes o último recurso da medicina diante da gravidade de determinadas doenças. Quando o paciente está entre a vida e a morte, é fundamental recorrer a quem tem expertise no assunto.

Segundo a Associação Brasileira de Transplante de Órgãos (ABTO), o Brasil conta com cerca de 400 equipes médicas cadastradas para realizar transplantes de órgãos e tecidos. A fila de transplantes no Brasil tem atualmente mais de 50 mil pessoas, segundo o Ministério da Saúde. A maior parte dos pacientes aguarda uma cirurgia de córnea e rim.

"A realização de um transplante é um procedimento de alta complexidade: exige uma equipe multidisciplinar, médicos experientes e muito capacitados e uma estrutura hospitalar com UTI muito boa, enfermagem específica, assistentes sociais... A equipe, da recepcionista ao médico, deve estar alinhada como uma orquestra", afirma a médica Maria Fernanda Carvalho de Camargo, diretora do setor de Nefrologia e Transplante do Samaritano.

O Samaritano, hospital da Rede Americas, realiza diversos tipos de transplante há mais de 20 anos (veja quadro abaixo), entre eles os transplantes renais e as diversas modalidades do transplante de medula óssea – fundamental para o tratamento de doenças graves, como leucemia e linfomas.

Entre 2008 e 2021, foram 330 transplantes renais adultos e 464 transplantes de medula óssea (adultos e pediátricos). Em 2021, o Hospital Samaritano realizou seu 500º transplante renal pediátrico, uma conquista que reforça o posicionamento da instituição como referência nacional e internacional nesse tipo de procedimento de alta complexidade.

João Vicente, de quatro anos, foi uma das 500 crianças que receberam um transplante de rins no hospital. Em 2017, com apenas 45 dias de vida, ele começou a passar mal e, na emergência pediátrica, foi diagnosticada uma descompensação do organismo causada por uma doença renal gravíssima.

"Em Belém não havia estrutura para diagnóstico e tratamento de um bebê tão pequeno. A pediatra que nos atendeu sugeriu que fôssemos para São Paulo", conta a mãe, Elayne Melo Quaresma, 39. Os médicos constataram a necessidade de um transplante renal.

Realizar um transplante em um bebê é sempre uma decisão difícil, mas Elayne buscou informações não apenas sobre a cirurgia, mas, principalmente, sobre o local onde seria realizada e a equipe que atenderia o seu filho. Com base nessas referências, optou pelo transplante no Hospital Samaritano.

Em janeiro de 2019, João Vicente já estava com sete quilos e entrou para a fila do transplante. Nesses dois anos, a família se mudou para São Paulo e ele teve que se submeter a sessões diárias de hemodiálise. O transplante aconteceu em outubro de 2021.

Além dos cuidados com a cirurgia, é preciso atenção redobrada com o pós-transplante porque há o risco de rejeição do órgão ou tecido – nesse período, o paciente deve ser constantemente avaliado pela equipe multidisciplinar.

"O pós-transplante foi o momento mais difícil. Mas a equipe médica é muito boa, muito bem preparada. E hoje o João está ótimo, andando para todo lado, comendo bem..."

Além da expertise da equipe, a mãe destaca o carinho com que ela e o filho foram tratados. "São profissionais extremamente competentes e que cuidam do paciente e da gente, família, de uma forma muito amorosa, com muito carinho."

Maria Fernanda, médica responsável pelo setor de Nefrologia e Transplante, acompanhou toda a jornada de João Vicente e conta que o hospital realiza, em média, 38 transplantes renais pediátricos por ano, mais do que o triplo dos demais centros do mundo.

Além do alto número de transplantes renais pediátricos, outro diferencial do Samaritano é a experiência de sua equipe para realizar o procedimento em crianças com menos de 15 quilos.

"É um tipo de transplante muito delicado, que depende de uma habilidade cirúrgica extrema e de uma estrutura de hospital robusta. Poucos centros do mundo fazem o procedimento em pacientes com baixo peso", diz o pediatra nefrologista Paulo Koch Nogueira, responsável técnico de transplante renal pediátrico no Samaritano.

Esperar um bebê com doença renal crônica atingir 15 quilos para passar por um transplante, como muitos hospitais fazem, significa que ele permanecerá vários anos em diálise. "O transplante é o tratamento mais eficaz que pode ser oferecido para as crianças pequenas com doença renal crônica: é uma questão humanitária fazer isso o quanto antes", diz Nogueira.

Maria Fernanda destaca que o programa clínico de transplante renal pediátrico da instituição foi o primeiro no mundo certificado pela Joint Comission Internacional (JCI), principal certificadora internacional que atesta a qualidade e a segurança dos hospitais em todo o mundo. "Esse reconhecimento internacional demonstra a excelência do cuidado prestado."

Quem passa por um transplante de rim, diz a especialista, sempre será um paciente renal crônico, mas com qualidade de vida. E esse é um ponto central para o hospital, tanto que o Samaritano desenvolveu um indicador que mede a qualidade de vida para as crianças que passam por transplante renal.

"Levantamos dados dos dois últimos anos (2020-2021): o índice de matriculados na escola subiu de 51,4% para 100% no período e a frequência escolar aumentou também, de 45,7% para 70%. Conseguir frequentar a escola normalmente depois de um transplante renal é um indicador de qualidade de vida", diz a médica.

Elayne, mãe de João Vicente, destaca a importância de as pessoas se conscientizarem sobre a doação de órgãos. "Nada disso teria acontecido sem o 'sim' de uma família para a doação."

TRANSPLANTE DE ÓRGÃOS

É um procedimento cirúrgico que consiste na reposição de um órgão (coração, fígado, pâncreas, pulmão, rim) ou tecido (medula óssea, ossos, córneas) do receptor por outro órgão ou tecido normal de um doador

O **doador vivo** pode doar um dos rins, parte do fígado, parte da medula óssea ou parte do pulmão
O **doador falecido** é um paciente com morte encefálica (interrupção das funções cerebrais)

REFERÊNCIA EM TRANSPLANTES RENAIS E DE MEDULA ÓSSEA

A **medula óssea**, encontrada no interior dos ossos, contém as células-tronco que produzem os componentes do sangue (glóbulos vermelhos, glóbulos brancos e plaquetas)

Medula óssea

O **transplante da medula óssea (TMO)** é utilizado no tratamento de doenças que afetam o sistema imune e as células do sangue, como alguns tipos de câncer hematológico (leucemias e linfomas)

INDICADORES DE QUALIDADE DO TRANSPLANTE RENAL PEDIÁTRICO

em %

	2020	2021
Frequência escolar	51,4	100
Taxa de matrícula na escola	45,7	70
Baixa estatura	31,4	33,3

•100% das crianças em idade escolar, que receberam transplante no Hospital Samaritano, estão matriculadas e frequentando a escola indicador de qualidade de vida, pois demonstra a reinserção na vida cotidiana

NÚMERO DE TRANSPLANTES REALIZADOS DE 2008 A 2021 NO HOSPITAL SAMARITANO

504 transplantes renais pediátricos

330 transplantes renais adulto

287 Transplantes de medula óssea adulto

177 Transplantes de medula óssea pediatrico

TRANSPLANTE RENAL PEDIÁTRICO
Número de transplantes por equipe/ano

38 no Samaritano

10 a 12 no mundo

6,3 no Brasil

O HOSPITAL SAMARITANO REALIZA VÁRIOS TIPOS DE TRANSPLANTE

- Transplante cardíaco adulto e pediátrico
- Transplante renal adulto e pediátrico
- Transplante hepático adulto e pediátrico
- Transplante de medula óssea (TMO) adulto e pediátrico
- Transplante de tecidos

Ex-cadete negro da turma de Mourão tenta anular punição de 46 anos atrás

Acusado de 'colar' em provas e de falta de 'aptidão moral' se diz vítima de racismo na ditadura

Vinícius Sassine

BRASÍLIA Maurício do Nascimento tinha tudo pronto: comprou a espada de oficial, mandou fazer a roupa de formatura, já tinha o uniforme do quartel. O cadete de 22 anos, após quatro anos de estudos na Aman (Academia Militar das Agulhas Negras), em Resende (RJ), estava a 17 dias da cerimônia em que cadetes se tornam aspirantes a oficiais.

Um capitão que integrava o time de professores da Infantaria, arma escolhida por Nascimento, mandou chamar o jovem à sua sala. Já não havia mais aulas naquele momento na Aman, a tradicional escola que forma os oficiais do Exército.

"O senhor está desligado da academia. O resultado da sindicância vai ser publicado num boletim interno", disse o capitão ao cadete. "Sim, senhor", respondeu Nascimento, que bateu continência, deu meia volta e saiu da sala.

Um amigo o levou de volta ao Rio de Janeiro no mesmo dia. Ele ainda voltaria à Aman no dia seguinte para entrega de material. Foi seu último gesto como aluno da instituição.

Um boletim interno da Aman de 28 de novembro de 1975 efetivou a exclusão do cadete. Certificados registram uma conclusão formal do curso, mas ele foi impedido de seguir a carreira militar. Nascimento passou a ser, formalmente, aspirante a oficial da Infantaria da reserva.

Na formatura da turma de 1975 estava Antonio Hamilton Martins Mourão. Ele chegou a general de Exército, a mais alta patente possível. Há três anos, é vice-presidente da República.

Mais de 46 anos depois, Nascimento, 68, tenta reescrever a história. Negro, ele diz "rebobinar" na mente o que ocorreu e afirma ter sido vítima de racismo nas fileiras de formação do Exército.

O ex-cadete também aponta a perseguição por parte de agentes da ditadura militar que tinham influência na Aman, sendo impossível, segundo ele, dissociar o que ocorreu do espírito autoritário da época.

Nascimento quer anular a punição aplicada e ter acesso ao relatório final do processo de sindicância que resultou em sua exclusão. O ex-cadete diz nunca ter tido acesso a esse documento.

Para reverter uma punição severa aplicada quase meio século atrás, ele já recorreu aos comandantes da Aman e do Exército e ao ministro da Defesa no governo Jair Bolsonaro (PL) e em governos passados. Mourão teria dito a ele que se dedicaria ao caso, relata. Até agora, tudo foi em vão.

O aspirante da reserva, que passou a maior parte da vida como servidor público do Metrô do Rio —ele permanece na RioTrilhos—, começou a partir de 1998 a reunir documentos sobre a própria história na Aman, um hiato de 23 anos.

"Eu não me sentia discriminado. Essa percepção surgiu com o tempo. Se eu fosse branco, não teria sido excluído", diz Nascimento à **Folha**, em sua casa no Rio. "Eu era o 'neguinho abusado'. O preto que não questiona, que aceita o que lhe impõem, é um preto de alma branca. Quando questiona, é um 'neguinho abusado'."

A partir da documentação solicitada à Aman, fornecida de 1998 em diante, o ex-cadete reuniu informações sobre o que ocorreu em 1975. Esses elementos, para ele, apontam para uma injustiça e uma necessidade de anulação da punição.

Os documentos reunidos mostram: a sindicância durou 24 horas; a Aman apontou falta de "aptidão moral" e não tratou a exclusão como uma punição disciplinar formal; houve diferença de tratamento em relação aos investigados, com punição mais leve para dez cadetes e exclusão de outros três; uma comissão de julgamento se formou no mesmo dia da publicação das penas em boletim interno.

Por três vezes, em 1998, 2014 e 2020, a Aman informou a Nascimento que "não consta no arquivo deste estabelecimento de ensino os autos da sindicância". O ex-cadete recebeu cópias de cinco folhas de boletins internos e cópia de uma pasta individual do então estudante.

A abertura da sindicância ocorreu em 25 de novembro de 1975, em razão de suspeitas de que cadetes "colaram" em provas. O resultado do procedimento foi publicado no dia seguinte.

As punições foram distintas: Nascimento e mais dois foram excluídos do curso de Infantaria, sem especificação clara sobre a infração cometida; nove foram punidos com prisão administrativa de até 30 dias, por "cola"; e um teve a mesma punição por ter mentido sobre a participação de colegas, conforme o boletim interno.

Nascimento nega ter participado de qualquer episódio de "cola". Segundo ele, sua exclusão ocorreu por racismo, por ser questionador e por ter sido "classificado" por oficiais do curso de Infantaria como sendo do "grupo MDB", uma alusão dos oficiais ao partido de oposição à ditadura.

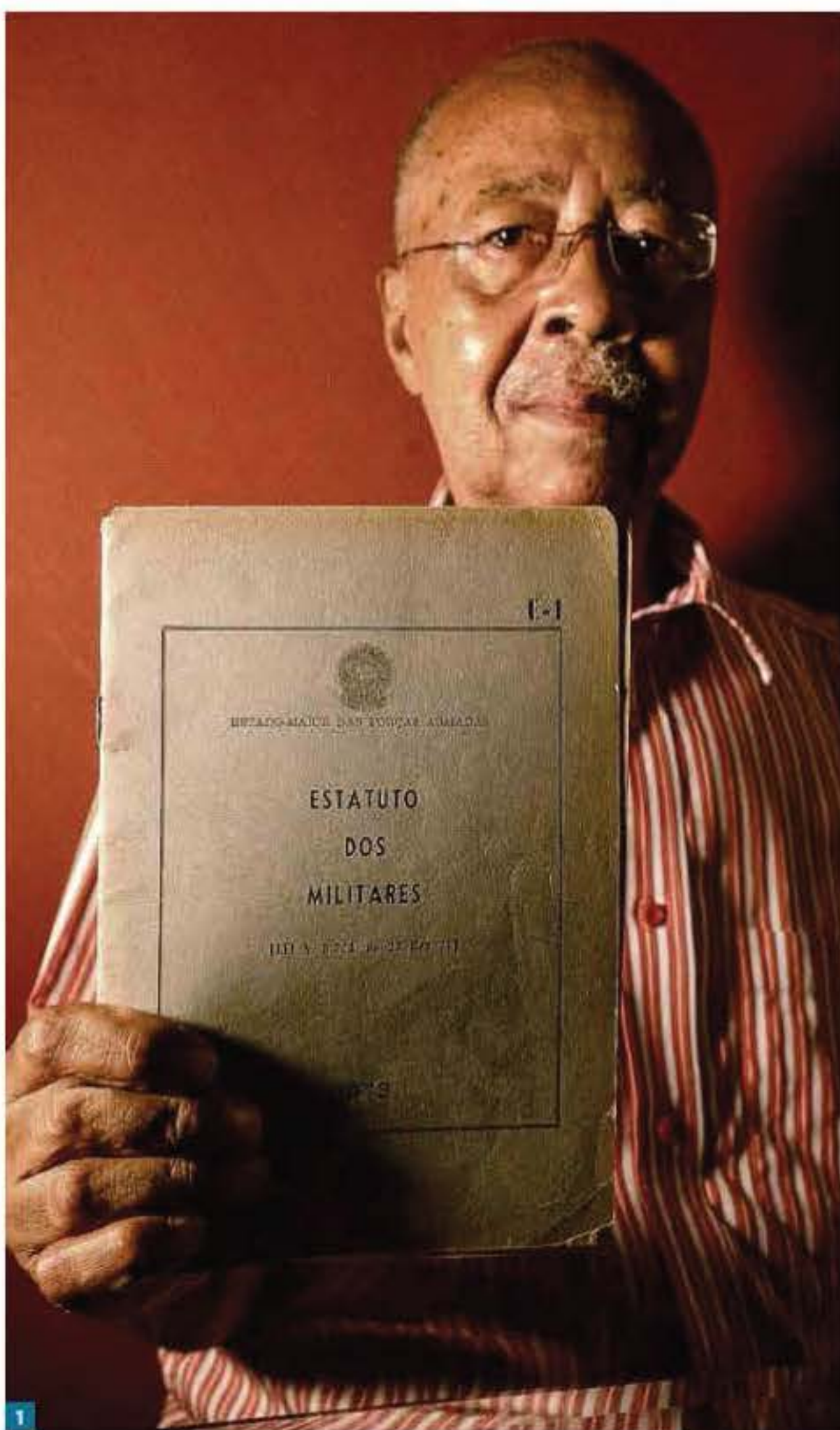
A classificação dos cadetes era explícita, segundo Nascimento. O "grupo da Arena", o partido de apoio à ditadura, era formado por cadetes que concordavam com os métodos de formação da academia.

A **Folha** ouviu cinco militares da turma de 1975, dos quais três foram punidos na mesma sindicância. Nascimento era chamado pelos colegas de "Gasolina" ou "Gasosa", uma referência a um cantor negro que carregava o apelido "Gasolina" nas décadas de 50 e 60.

Os cinco colegas de turma dizem que nunca ficou claro por que Nascimento acabou punido com a exclusão da academia. Dois dizem que a pena foi injusta. Dois afirmam que episódios distintos da "cola" foram incluídos na sindicância.

Um dos excluídos, por exemplo, teria sido punido por incapacidade de pular de um trampolim de cinco metros. Outro teria pedido para sair.

Nascimento afirma ter havido, semanas antes da abertura da sindicância, interrogatórios informais de cadetes acusados de "cola". Oficiais ligados a atos da ditadura participaram desses interrogatórios e também das oitivas formais, como confirma um dos envolvidos na investigação.

"Abriu-se uma sindicância da noite para o dia. Fui ouvido de madrugada. Um oficial me ameaçou, queria me agredir e que eu reagisse contra ele. Ele achou que estava envolvido nesse negócio de 'cola' e dizia: 'Vou dar um soco na sua cara'", diz um ex-cadete, que pede para não ser identificado.

1 Maurício do Nascimento com o estatuto dos militares 2 Carteira de identificação militar do 'cadete Gasolina', aspirante oficial da reserva 3 Maurício na revista Agulhas Negras 1975, da Aman, na ocasião da formatura da turma Tércio Teixeira/Folhapress e Reprodução

> Eu não me sentia discriminado. Essa percepção surgiu com o tempo. Se eu fosse branco, não teria sido excluído
>
> **Maurício do Nascimento**
> aspirante oficial da reserva

> Abriu-se uma sindicância da noite para o dia. Fui ouvido de madrugada. Um oficial me ameaçou, queria me agredir e que eu reagisse contra ele
>
> **ex-cadete não identificado**

A **Folha** não localizou os oficiais vivos relacionados à sindicância aberta em 1975.

"Eu queria ser militar. Meu sonho era ser paraquedista. Não posso ser tachado de que não tinha aptidão moral", afirma Nascimento.

Um documento da Aman de 2 de agosto de 2021, ao negar a revisão da punição aplicada, trata o caso, pela primeira vez, como sendo um processo disciplinar.

Isto abre uma brecha para anulação, segundo o ex-cadete, porque uma punição disciplinar pode ser anulada em qualquer tempo e em qualquer circunstância pelo comandante do Exército.

Três meses antes desse documento, em maio, o general Paulo Sérgio Nogueira de Oliveira, comandante do Exército, negou pedido para anular a punição. Ele argumentou que o cadete tinha dez dias para recorrer, após a decisão do comando da Aman. Isso só teria ocorrido pela primeira vez em janeiro de 1976, dois meses depois.

Vinte anos atrás, o comando do Exército deu a mesma interpretação e entendeu estar prescrito o direito a recurso contra a exclusão. A decisão de duas décadas atrás foi anexada à posição mais recente do comando da Aman, do último dia 30 de novembro, de que "o assunto em tela já se encontra esgotado na esfera administrativa".

Nascimento ainda recorre a Exército e Ministério da Defesa. E espera uma intervenção de Mourão, a quem ele diz ter pedido um cargo no governo Bolsonaro. O presidente e capitão reformado é da turma de 1977 da Aman; Nascimento diz que não o conheceu nem na academia nem depois.

O ex-cadete entende que as recusas de um cargo que ocorreram até agora, na contramão do que ocorre com milhares de militares no governo, se devem ao que se passou em novembro de 1975. Ele quer ser reformado como capitão, e receber salários retroativos a um período de cinco anos.

Se a ofensiva seguir falhando na via administrativa, Nascimento diz que buscará a Justiça.

"Esse governo tem um viés autoritário. Os militares têm mais poder nesse governo, e isso acaba refletindo nessas negativas no meu caso. Se a punição for anulada, eu volto para o jogo."

Mourão diz que não soube o que motivou punição de ex-cadete

Na Aman, o vice-presidente Hamilton Mourão cursou Artilharia. Maurício do Nascimento foi da Infantaria. Mesmo assim, o ex-cadete que tenta anular a punição aplicada em 1975 afirma ter tido uma relação de proximidade com o vice-presidente.

Os dois dividiram um apartamento, com mais quatro cadetes, no primeiro ano do curso, segundo Nascimento. Fizeram dupla no vôlei. E se viam mensalmente nos almoços da "facção carioca", expressão usada para os egressos da turma de 1975 que são do Rio de Janeiro.

Nascimento diz ainda que esteve uma vez com Mourão na Vice-Presidência, em Brasília, em 19 ou 20 de fevereiro de 2019. Não há na agenda oficial um registro do encontro.

A **Folha** questionou Mourão, por meio da assessoria da Vice-Presidência, sobre o caso do colega de Aman.

"O general Mourão, em que pese ser da mesma turma do citado sr. Maurício do Nascimento, é oriundo de arma diferente. No caso, ele foi de Infantaria e o vice-presidente, de Artilharia. À época nem sequer tomou conhecimento dos fatos que levaram à punição do então cadete Nascimento", afirma a Vice-Presidência, em nota.

Segundo Mourão, o assunto "é da esfera do comando do Exército, cabendo à instituição estudos, análise e pronunciamento, se julgar conveniente". "Não existe possibilidade de o general Mourão mediar qualquer colocação em algum cargo de governo para o citado senhor."

Procurados pela reportagem, a Aman e o Ministério da Defesa disseram que respostas às perguntas caberiam ao Exército.

A **Folha** enviou um primeiro email ao Exército, com oito perguntas, em 18 de novembro. Reiterou os questionamentos em 19 e 22 de novembro e em 16 de dezembro. Todos os emails ficaram sem resposta.

ONDE TEM SAÚDE, TEM FUNDAÇÃO DO ABC!

A Fundação do ABC foi criada em 1967 pelas cidades de Santo André, São Bernardo do Campo e São Caetano do Sul, com objetivo de implantar uma faculdade de medicina na região do ABC Paulista. Deu certo! Em 1969, surgia a Faculdade de Medicina do ABC – hoje Centro Universitário FMABC –, uma referência nacional em ensino, pesquisa, extensão e assistência.

Caracterizada como pessoa jurídica de direito privado, qualificada como Organização Social de Saúde e entidade filantrópica de assistência social, saúde e educação, a Fundação do ABC é declarada instituição de Utilidade Pública nos âmbitos federal e estadual e na cidade-sede de Santo André. Em 2007 foi reconhecida como Entidade Benemérita pelas Câmaras de Vereadores de São Bernardo e São Caetano e, em 2009, pela Câmara de Santo André.

Ao longo dos anos, a FUABC foi se consolidando cada vez mais como parceira estratégica de municípios e do Governo do Estado de São Paulo para a gestão de equipamentos públicos de saúde, primando pela qualidade no atendimento, alta resolutividade e humanização. Com mais de 50 anos de tradição, hoje está presente em unidades de saúde instaladas em Santo André, São Bernardo, São Caetano, Mauá, Diadema, Guarulhos, Itatiba, Itapevi, Sorocaba, São Paulo (Capital) e Mogi das Cruzes, além de Praia Grande, Santos e Guarujá.

A entidade conta com mais de 27 mil funcionários diretos e orçamento anual de R$ 2,9 bilhões. Responde pela gestão de 18 hospitais e 6 Ambulatórios Médicos de Especialidades (AMEs), além do Centro Universitário FMABC e de uma Central de Convênios, que está à frente de dezenas de unidades nas áreas de Atenção Básica, Saúde Mental, Urgência e Emergência, entre outras.

Anualmente, a rede de saúde da Fundação do ABC realiza mais de 5 milhões de consultas e atendimentos, além de 68 mil cirurgias, 83,5 mil internações e 12,6 milhões de exames e procedimentos.

Em um ano, milhões de pessoas atendidas

12,6 Milhões de Procedimentos e Exames

5 Milhões de Consultas e atendimentos

83,5 Mil Internações

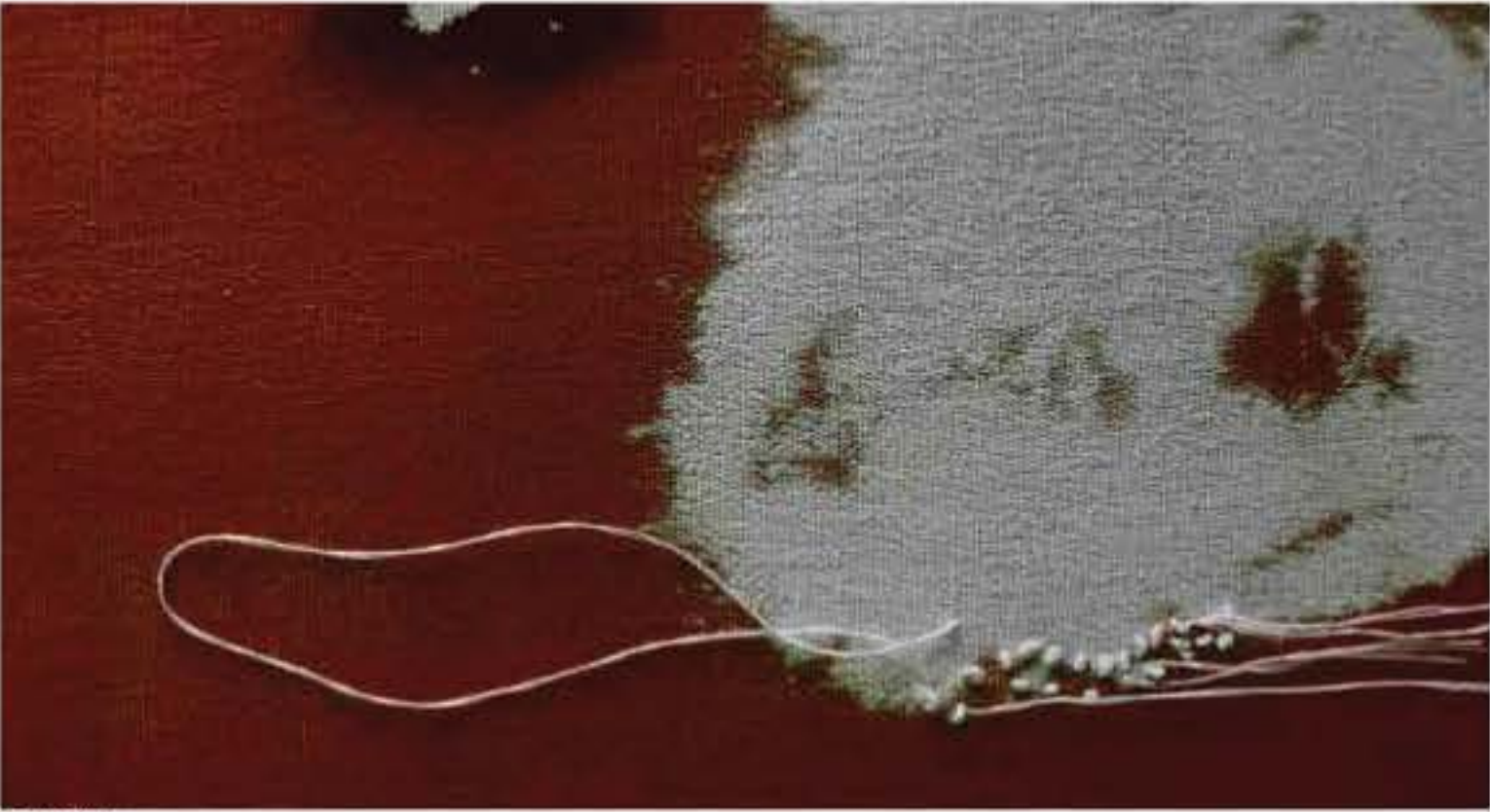
68 Mil Cirurgias

2.9 Bilhões Receita Anual (R$)

27 Mil funcionários diretos

Designed by Freepik

www.fuabc.org.br

fuabcoficial

Juliana Freire

O mico da fábrica de fertilizantes

Bolsonaro acha que o problema vem dos índios

Elio Gaspari

Jornalista, autor de cinco volumes sobre a história do regime militar, entre eles "A Ditadura Encurralada"

O atual governo é amigo do agronegócio, a Petrobras é administrada como uma empresa, o ministro da Economia é um campeão da iniciativa privada e na cidade de Três Lagoas (MS) há um elefante branco, candidato a fóssil.

Com nome de vírus, é a UFN3, ou Unidade de Fertilizantes Nitrogenados, projetada pela Petrobras para produzir ureia e amônia suficientes para reduzir o gargalo das importações. Sua história completou 12 anos e retrata a bagunça da administração pública nacional, onde todos têm razão, mas produzem maluquices.

As obras da UFN3, em terreno doado à prefeitura, começaram em 2011, a cargo da empreiteira Queiroz Galvão e de um consórcio chinês. A obra chegou a ter 7.000 trabalhadores, mas os seus responsáveis começaram a calotear fornecedores e operários, provocando greves e até mesmo desordens. Em 2014 a Petrobras rescindiu o contrato com os empreiteiros e a obra parou, com 83% do serviço já concluído. Aquela altura, a UFN3 já havia consumido cerca de R$ 3 bilhões.

Passaram-se três anos e em 2017 a Petrobras anunciou que venderia a fábrica. Faltou combinar com o Supremo Tribunal Federal e no ano seguinte o ministro Ricardo Lewandowski bloqueou o feirão das privatizações da petroleira. Em 2019 esse bloqueio foi levantado e começou a caça a um comprador, com uma novidade: a Petrobras anunciou que sairia do mercado de fertilizantes.

Quem quiser conhecer esse assunto saberá que todas as partes tomaram as decisões certas e que todos tiveram suas razões, mas a fábrica continuará lá, 84% concluída e inoperante.

Apenas por curiosidade, o general Silva e Luna poderia mandar uma equipe de arqueólogos para pesquisar o caso da UFN3 para responder a algumas perguntas óbvias.

Por que não aparece comprador?

O preço está alto? Como ensinou o Conde Francisco Matarazzo, preço de mercado é o que o freguês quer pagar.

Quando a Petrobras resolveu sair do mercado de fertilizantes e vender a UFN3 usou a linda palavra "desinvestimento" para justificar sua política. No entanto, desinvestir é uma coisa, fabricar micos é outra.

Com sua paixão por afirmações apocalípticas e pela transferência de responsabilidades, o presidente Bolsonaro disse em novembro que "o governo está se virando atrás de fertilizantes" para evitar uma crise de abastecimento e emendou:

"O que é pior disso tudo, né: nós temos aqui potencial para isso tudo, mas o potássio que está lá na foz no rio Amazonas, aquela grande área está demarcada como terra indígena."

Os índios da foz do Amazonas têm pouco a ver com isso. O mico da UFN3 está a 684 quilômetros de Brasília.

O BlackRock se fechou

O gestor do fundo de investimentos BlackRock para a América Latina avisou que não botará dinheiro no Brasil enquanto Bolsonaro estiver no Planalto. Com uma carteira de US$ 9,5 trilhões, é o maior do mundo, opera em cem países com o olho em negócios de longo prazo.

O doutor Paulo Guedes talvez saiba que a coisa é pior. Em outubro passado o BlackRock cogitava sair do Brasil, com uma terrível sinalização para o tal de mercado.

Quem quiser achar que isso é uma gripezinha, que ache.

Amil à venda

Dez anos depois de ter entrado no setor de saúde brasileiro comprando a Amil, a gigante americana Unitedhealth pagou R$ 3 bilhões para se desfazer de sua carteira de clientes individuais e está negociando o restante da sua operação em Pindorama. Ela tem 5,7 milhões de clientes e 19,5 mil colaboradores.

E ainda tem gente achando que empresas estrangeiras fazem fila para operar no Brasil.

O bicentenário de Poyais

As flutuações do humor dos investidores internacionais serão um fator relevante na campanha eleitoral deste ano. Até que ponto o BlackRock não confia mais em Bolsonaro? Até que ponto desconfia de Lula? Só eles sabem, mas neste ano do bicentenário da Independência do Brasil, não custa lembrar que se comemora também o nascimento de Poyais. Era uma nação paradisíaca localizada na América Central, onde está hoje a república de Honduras. Bolsonaro não se fez representar na posse de sua presidente.

Em 1821 um escocês chamado Gregor MacGregor lançou na praça de Londres papéis desse país. Em dinheiro de hoje, com sucessivos lançamentos, recolheu o equivalente a US$ 5 bilhões. Entre setembro de 1822 e janeiro de 1823 ele embarcou cerca de 250 imigrantes que receberiam lotes de terra ou trabalhariam numa cidade que tinha até teatro de ópera. Um deles seria o sapateiro da princesa local.

Os novos habitantes de Poyais encantaram-se com a paisagem quando viram a costa. Ao desembarcar, em setembro, verificaram que Poyais não existia. Era tudo mato e muitos mosquitos. O sapateiro da princesa matou-se.

Alguns colonos regressaram a Londres e contaram o que lhes aconteceu. Mesmo assim, MacGregor fez um novo lançamento de papéis e teve compradores.

O malandraço cometeu a imprudência de lançar papéis em Paris e acabou na cadeia. Julgado, foi absolvido e voltou a operar sem sucesso. Em 1838 estava na penúria e morreu sete anos depois.

Simone Tebet

Está em curso uma costura para fortalecer a candidatura da senadora Simone Tebet, que se lançou pelo MDB.

Com 20 anos de vida pública, ela depende da indicação do seu partido e hoje falta-lhe o apoio de alguns caciques que já estão no navio de Lula.

A singularidade da costura está no seu alcance, pois ela se estende a um pedaço do tucanato, insatisfeito com a opção de João Doria.

Tebet tem a seu favor o desempenho estelar que teve na CPI da Covid.

Joaquim Barbosa

Noutra pista, costura-se a possibilidade de uma candidatura do ex-ministro Joaquim Barbosa. Morreu no nascedouro a possibilidade de ele apoiar o nome de Sergio Moro.

Se Barbosa vier a entrar na corrida, é possível que Moro prefira concorrer a uma cadeira de senador.

Covid na China

Quem entende de China e conversou com o chinês que entende de Covid ouviu que os rigorosos controles de isolamento não serão atenuados antes de junho.

Covid nos EUA

Está passando a barra para os americanos que decidiram não se vacinar.

Há profissionais de saúde defendendo a ideia de que eles sejam tratados em hospitais exclusivos, eventualmente, por profissionais que também são contra as vacinas.

Delfim e Paulo Guedes

Em 1969 o professor Delfim Netto era um desconhecido na elite do Rio e assumiu o Ministério da Fazenda. Aos 39 anos, gordo e com o sotaque dos italianos do Cambuci, fantasiava-se de viúvo com ternos pretos e camisas brancas. Dormia pouco e operava o dia inteiro. Nunca incorporou uma única repartição, mas colocava gente sua onde podia. Três anos depois, tornou-se o ministro da Fazenda mais poderoso da República.

Há três anos, Paulo Guedes aceitou a ridícula nobiliarquia de "Posto Ipiranga" e assumiu anexando quatro ministérios. Três anos depois, deu no que deu.

Ministro diz estar com Covid 3 dias após evento com Bolsonaro

Renato Machado

BRASÍLIA O ministro do Turismo, Gilson Machado Neto, escreveu em suas redes sociais neste sábado (15) que recebeu resultado positivo em exame realizado para detectar a Covid-19. O titular da pasta teve agenda com o presidente Jair Bolsonaro na quarta-feira (12), no Palácio do Planalto.

A Presidência da República foi procurada, mas ainda não informou se Bolsonaro está ciente da infecção do ministro, se vai realizar exame para detectar a doença ou se sentiu sintomas recentemente.

Gilson Machado escreveu em suas redes sociais que está sem sintomas e que vai seguir o protocolo de recuperação do Ministério da Saúde. "Testei positivo para Covid. Estou assintomático. Seguirei o protocolo de recuperação do Ministério da Saúde e do meu médico", escreveu o ministro, que vai cumprir o protocolo no Recife.

O último contato de Gilson Machado com Bolsonaro foi na quarta. A audiência entre os dois está registrada na agenda desse dia do presidente, das 16h às 16h30.

Na sequência, o ministro também participou de uma cerimônia no Planalto do lançamento de linhas de crédito para aquicultura e pesca. O ministro não estava no palco principal, ao lado do chefe do Executivo.

O ministro do Turismo, Gilson Machado (à dir.), sem máscara, durante evento no Planalto na quarta (12) Alan Santos 12.jan.2022/PR

No entanto, estava na primeira fileira dos convidados, sem máscara, ao lado dos também ministros Carlos França (Relações Exteriores) e Joaquim Leite (Ministério do Meio Ambiente), como confirmam imagens da cerimônia.

Nos últimos dias, o ministro vinha defendendo um abrandamento das regras de controle da pandemia, em particular após os casos de infecção em cruzeiros marítimos e a suspensão de novas operações nos portos brasileiros.

Gilson Machado argumentou na ocasião que a variante ômicron não provoca tanto impacto e que por isso seria possível adotar protocolos mais brandos. "É preciso adequar [a portaria] com a ômicron, porque ela não está gerando pressão nos hospitais. Mas a palavra é do ministro da Saúde. Eu torço para que haja esse entendimento", disse ele à Folha na segunda-feira (3).

O ministro também já havia provocado polêmica ao desistir de visitar o museu Cais do Sertão, durante viagem oficial ao Recife, após ser informado de que ele e sua comitiva precisariam apresentar o comprovante de vacinação. Na ocasião, Machado justificou que foi vacinado e que tinha o cartão de vacinação, mas que outros membros da delegação não estavam com o documento.

Também nesta semana, na quarta-feira, o Ministério da Mulher, Família e Direitos Humanos divulgou que a ministra Damares Alves foi infectada pela Covid. O resultado havia saído dois dias antes, informou a pasta, em redes sociais. Damares está de férias desde o dia 23 de dezembro.

Desde o início da pandemia, vários outros ministros também foram infectados pelo novo coronavírus. Além do próprio Jair Bolsonaro, já foram infectados Marcelo Queiroga (Saúde), Tereza Cristina (Agricultura), Fábio Faria (Comunicações), Walter Braga Netto (Defesa), Tarcísio Gomes de Freitas (Infraestrutura), entre outros.

Veja outros políticos que contraíram Covid em 2022

Governadores
- Carlos Moisés (SC)
- Cláudio Castro (RJ)
- Eduardo Leite (RS)
- Flávio Dino (MA)
- Helder Barbalho (PA)
- Ratinho Júnior (PR)

Prefeitos
- Gustavo Henric Costa (Guarulhos)
- João Campos (Recife)
- Marquinhos Trad (Campo Grande)
- Rogério Cruz (Goiânia)

Ministros
- Damares Alves (Mulher, Família e Direitos Humanos)
- Gilson Machado (Turismo)

Deputados
- Jandira Feghali (PCdoB-RJ)
- Marcelo Freixo (PSB-RJ)
- Tabata Amaral (PSB-SP)

Senadores
- Fabiano Contarato (PT-ES)
- Luis Carlos Heinze (PP-RS)

Outros
- ACM Neto (ex-prefeito de Salvador)
- Sergio Moro (ex-ministro)
- Roberto Campos Neto (presidente do Banco Central)

mundo

André Ventura, do partido Chega, discursa no Parlamento português, em Lisboa; ao centro, abaixo, o premiê António Costa Pedro Nunes - 27/out.21/Reuters

Com socialistas à frente, extrema direita ganha força para Parlamento português

Crescimento em pesquisas gera debate sobre participação da sigla Chega em eventual coalizão

Giuliana Miranda

LISBOA Embalados pelo desgaste do governo do premiê socialista António Costa e por um bom resultado em eleições municipais recentes, os partidos de direita em Portugal, puxados pelo tradicional PSD, já concentram mais de 40% das intenções de voto para o próximo pleito legislativo, em 30 de janeiro.

Embora o Partido Socialista siga na liderança das pesquisas, a deterioração da relação da legenda com as demais siglas de esquerda —que inviabilizaram a aprovação do último Orçamento e levaram à convocação das eleições antecipadas— pode provocar a transição do país para um governo liderado pela direita.

No sistema político luso, quando não há maioria no Parlamento, as legendas costuram acordos para formar uma coalizão e conseguir governar. Assim, no cenário de uma eventual "geringonça à direita" —alusão ao apelido da coalizão que levou a esquerda ao poder em 2015—, a possibilidade de participação de um partido da direita radical no arranjo governista é um dos principais pontos de debate hoje.

Pesquisas indicam que o partido Chega, que estreou no Parlamento em 2019 e tem apenas um deputado, deve conquistar mais assentos no pleito e acumular capital político para participar de negociações.

O partido e seu líder —André Ventura, terceiro lugar nas últimas eleições presidenciais— colecionam propostas polêmicas, como castração química de pedófilos, volta da pena de morte e obrigatoriedade de trabalho social para beneficiários do Rendimento Social de Inserção, espécie de Bolsa Família português.

É problemático que um partido como o Chega, com problemas nos tribunais devido a afirmações racistas de seu líder e que diz querer um regime diferente no país, seja tão facilmente integrável pela direita

Marina Costa Lobo
cientista política do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa

A oposição de direita está hoje mais fragmentada, o que é uma novidade em Portugal. As eleições vão consagrar esse fracionamento

António Costa Pinto
cientista político e professor da Universidade de Lisboa

O Chega também já teve integrantes ligados a organizações neonazistas e é frequentemente acusado de discurso discriminatório contra comunidades ciganas. Em dezembro, o Supremo Tribunal de Justiça do país confirmou a condenação de Ventura por "ofensas ao direito à honra" por ter chamado de bandidos, durante um debate na TV, os integrantes de uma família negra e moradora de um conjunto habitacional.

Sem esconder a intenção de integrar um eventual governo de direita, Ventura já fala em exigir ministérios caso seu partido alcance uma votação expressiva. Apesar da pressão, Rui Rio, líder do maior partido de oposição, o PSD (Partido Social-Democrata, de centro-direita), nega a possibilidade de se juntar à direita radical para virar premiê. "Não quero o poder a qualquer preço", disse ele em debate na semana passada.

O social-democrata afirmou que há "diferenças de fundo que impedem um acordo" e citou pontos que classificou de graves no programa do Chega. A cientista política Marina Costa Lobo, do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, destaca, porém, que as declarações descartam a entrada do Chega em um eventual governo, mas não excluem a chance de aceitar apoio parlamentar da legenda.

"É problemático que um partido como o Chega, com problemas nos tribunais devido a afirmações racistas de seu líder e que diz querer um regime diferente no país, seja tão facilmente integrável pela direita", afirma Lobo. "Se em Portugal houvesse um governo apoiado pelo Chega, tão pouco tempo depois de esse partido ter sido criado, seria das normalizações mais rápidas em nível europeu."

O PSD já contou com o apoio do Chega para assumir o governo da região autônoma dos Açores. No final de 2020, social-democratas interromperam mais de duas décadas de liderança socialista no arquipélago graças a uma manobra com a ajuda da legenda de direita radical. Embora a política regional tenha muitas diferenças em relação ao panorama nacional, o arranjo é frequentemente citado nesta campanha eleitoral.

Professor da Universidade de Lisboa, o cientista político António Costa Pinto chama a atenção para o momento de recomposição dos partidos mais à direita em Portugal. Pesquisas mostram queda acentuada do CDS-PP, partido conservador tradicional que hoje surge com 2% da preferência dos portugueses.

Além do Chega, outra legenda de direita deve sair fortalecida da eleição: o Iniciativa Liberal, que defende a agenda liberal clássica de diminuição da participação do Estado e que atualmente tem apenas um deputado.

"A oposição de direita está hoje mais fragmentada, o que é uma novidade em Portugal. As eleições vão consagrar esse fracionamento", diz Pinto. "Na oposição aos socialistas, os dois partidos tradicionais [CDS-PP e PSD] coligavam-se sempre que tinham chance de chegar ao poder. Portanto, era fácil encontrar uma alternativa de governo à direita. Agora, com essa fragmentação, há incerteza também na direita."

André Azevedo Alves, professor do Instituto de Estudos Políticos da Universidade Católica Portuguesa, também considera a reorganização do voto à direita um dos pontos centrais na eleição, já que não são apenas os levantamentos pré-eleitorais a indicar essa tendência, mas também os resultados das últimas eleições municipais, com o crescimento do Chega, principalmente, e da Iniciativa Liberal.

A posição moderada do maior partido da oposição, no entanto, faz com que os analistas não descartem um arranjo entre o Partido Socialista e o PSD. Rui Rio, o líder social-democrata, apresenta-se ao centro do espectro político e evita grandes polarizações com a centro-esquerda. Com ele à frente do PSD, o partido votou junto com a sigla governista em quase dois terços das propostas do Executivo na última legislatura.

"Se o Partido Socialista continuar a ser o mais votado, ele vai tentar evidentemente renegociar apoios à esquerda. Se isso não acontecer, pode tentar negociar um outro tipo de acordo parlamentar", diz Pinto, da Universidade de Lisboa. "Mas é preciso ter cuidado: não é uma coligação com o PSD, mas um acordo."

Assim, para ele, a solução mais provável, caso as pesquisas de intenção de voto mais recentes se confirmem, é que o PSD se abstenha no Parlamento, deixando passar um novo governo socialista.

Raio-X de Portugal

Área: 92.090 km² (pouco menor que o estado de Pernambuco)

População: 10.263.850 (pouco maior que a do estado de Pernambuco)

PIB: US$ 228,54 bi (do Brasil é US$ 1,4 tri)

PIB per capita: US$ 34.090 (no Brasil é US$ 14.836)*

IDH: 38ª posição (Brasil é o 84º)

*Considerando paridade do poder de compra
Fontes: CIA World Factbook, Banco Mundial e PNUD

39% das intenções vão para o Partido Socialista (esquerda)

38% optam pelo Partido Social-Democrata (centro-direita)

6% é a fatia do Chega (ultradireita), mesmo percentual do Bloco de Esquerda

Fonte: Centro de Estudos e Sondagens de Opinião da Universidade Católica de Lisboa

Líder do ActionSA, Herman Mashaba (centro) e militantes do partido em campanha em Joanesburgo Phil Magakoe - 22 set.21/AFP

Novo partido explora discurso anti-imigração na África do Sul

Criada em 2020, ActionSA, de direita, louva capitalismo e ataca sindicatos

Fábio Zanini

SÃO PAULO O sul-africano Herman Mashaba, 62, define-se como um "cruzado capitalista", alguém que não tem problemas em professar sua paixão por esse modelo econômico. "Eu amo o capitalismo, sou um capitalista declarado e sem restrições. É ele que vai nos salvar", diz.

O discurso parece de um curso de coaching, mas é na verdade uma plataforma de governo. Mashaba, empresário do setor de cosméticos, tornou-se uma das principais novidades da política da África do Sul.

Ex-prefeito de Joanesburgo, a maior cidade do país, criou em 2020 o ActionSA, partido cujas prioridades dialogam com o crescente movimento global de expansão da direita radical, embora ele rejeite o rótulo.

Além de defensor implacável do capitalismo, a legenda combate o poder dos sindicatos, denuncia o atraso de políticas socialistas e defende o endurecimento de medidas contra o crime, há décadas um dos maiores problemas do país. De forma mais controversa, pede linha dura contra imigrantes que chegam de modo ilegal à África do Sul vindos de vizinhos bem mais pobres, como Moçambique, Maláui ou Zimbábue.

"A única coisa que as políticas socialistas fizeram pela África foi saquear o continente e enganar a sociedade", diz Mashaba à **Folha**. No contexto africano, a declaração é quase uma ousadia. Na formação dos países do continente, a partir dos anos 1950, a ideologia predominante dos novos grupos no poder era o socialismo. Se havia diferenças, era sobre alinhar-se mais à extinta União Soviética ou à China.

Mesmo após o fim da Guerra Fria, as legendas dominantes seguiram se confundindo com o Estado e implementando políticas intervencionistas na economia. Na África do Sul, o Congresso Nacional Africano (CNA), que liderou a luta contra o apartheid e está no poder desde 1994, tem claramente inspiração de esquerda. Entre seus apoiadores estão o Partido Comunista e a maior central sindical do país.

Ajudar a destronar o CNA na eleição prevista para 2024 é o que move o ex-prefeito, que administrou Joanesburgo entre 2016 e 2019.

Na época, era filiado à Aliança Democrática, legenda de centro que abandonou por achar tímida na defesa de reformas capitalistas. "O CNA é uma organização criminosa, não um partido político", afirma Mashaba. Ele se refere às inúmeras denúncias de corrupção envolvendo líderes da sigla, como o ex-presidente Jacob Zuma (2009-18), preso por desacato à Justiça.

O ActionSA teve seu primeiro teste nas urnas nas eleições municipais de novembro do ano passado. Estrategicamente, decidiu centrar esforços apenas em um punhado de grandes cidades e elegeu 90 vereadores. O resultado foi considerado surpreendente para uma legenda estreante.

Mais importante, a sigla se juntou a outros partidos de oposição para impedir que o CNA formasse o governo em Joanesburgo e na capital, Pretória. A ideia é repetir a estratégia em nível nacional. "O CNA não será governo após 2024. Se não vencermos sozinhos, ficaremos felizes em formar coalizões", diz.

Mashaba se define como um "político acidental", que entrou nesta arena por ter se cansado de ser um "crítico de poltrona". Começou a carreira de empresário nos anos 1980 e diz ter sofrido os efeitos do apartheid como qualquer cidadão negro. Mesmo assim, afirma, prosperou à base de esforço pessoal.

Em 1994, votou no ícone Nelson Mandela, do CNA, para presidente, uma eleição que marcou o fim do regime segregacionista branco no país. Mas decepcionou-se posteriormente com a corrupção e as políticas que, segundo ele, servem apenas para favorecer quadros do partido.

Uma delas é um dos pilares da África do Sul pós-apartheid, o BEE, sigla em inglês para Empoderamento Econômico Negro. Trata-se de um ambicioso programa para distribuir riquezas a camadas historicamente desfavorecidas no país. Por meio da iniciativa, cargos de direção em empresas, licitações, contratos públicos e posições na máquina do Estado são destinados prioritariamente a cidadãos negros.

Embora tenha contribuído para criar uma classe média negra, o BEE também gerou acusações de favorecimento a quadros políticos e clientelismo. Se um dia chegar ao poder, o ex-prefeito promete, como uma de suas primeiras medidas, acabar com o programa. "Quando o programa foi criado, acreditamos que era necessário, porque as pessoas tinham sido impedidas de ter oportunidades. Infelizmente, as ações provaram que eram baseadas em corrupção, não tinham nada a ver com fortalecer os sul-africanos", diz.

O caminho para corrigir injustiças do passado, afirma, é investimento em educação e infraestrutura para gerar empregos. "Precisamos estimular o setor privado, o que levará as pessoas a encontrarem trabalho."

O desemprego na África do Sul é um problema crônico, atingindo 33% da força de trabalho no ano passado, segundo o FMI. Para que esse número baixe, diz Mashaba, é preciso reduzir drasticamente o poder dos sindicatos no país, cuja militância desencorajaria investimentos.

Mas é no capítulo sobre lei e ordem que o ActionSA atrai o maior número de críticas. O manifesto da sigla, embora não ofereça detalhes, promete medidas para que sejam "criminosos, não os cidadãos seguidores da lei, que vivam em medo". Manter a ordem, diz o ex-prefeito, inclui lidar com a imigração.

A África do Sul sofre ondas periódicas de xenofobia nas grandes cidades, em que trabalhadores de países vizinhos acabam sendo alvos de ataques, e o discurso da legenda joga mais combustível nesse cenário. "A África do Sul não pode se dar ao luxo de trazer mais encargos para cá", diz ele, que recusa a pecha de xenofobia. Estrangeiros que venham ao país fazer turismo ou trazer investimentos são bem-vindos, diz.

"A África do Sul foi construída por migrantes, e temos de continuar aceitando que venham, desde que respeitando nossas leis. Não podemos ser um país de anarquia, ou deixar que Estados fracassados terceirizem seus problemas para nós. Já temos problemas suficientes", afirma.

Admirador do ex-presidente americano Donald Trump, ele rejeita, no entanto, a construção de muros nas fronteiras. "Um muro não vai resolver nossos problemas. Precisamos fazer cumprir a lei".

Embora já tenha vindo diversas vezes ao Brasil, inclusive desfilando no Carnaval na Marquês de Sapucaí, Mashaba diz não ter muita familiaridade com a política do país e se esquiva de fazer comentários a respeito do presidente Jair Bolsonaro (PL). Ele afirma que seus modelos internacionais de desenvolvimento são Ruanda e Cingapura, dois países conhecidos por aplicarem uma forma autoritária de desenvolvimento capitalista. "Paul Kagame [presidente de Ruanda] é meu herói", afirma.

Os próximos anos, diz o ex-prefeito, serão de mobilização intensa e organização do partido em todo o país. E sem a intenção de moderar o discurso. "Antes, todo mundo tinha muito medo de tratar de alguns assuntos."

> A África do Sul foi construída por migrantes, e temos de continuar aceitando que venham, desde que respeitando nossas leis. Não podemos ser um país de anarquia, ou deixar que Estados fracassados terceirizem seus problemas
>
> **Herman Mashaba**
> fundador do partido ActionSA

Geógrafo brasileiro ajuda a localizar ossadas da guerra civil de Angola

Patricia Pamplona

FLORIANÓPOLIS Uma cooperação brasileira com Angola se tornou a ferramenta mais recente para ajudar a solucionar uma demanda antiga de familiares de vítimas da guerra civil do país africano. A aplicação desenvolvida em Mato Grosso do Sul de uma tecnologia canadense já foi usada para mapear nove possíveis locais com ossadas do período.

A descoberta começou na aula do geógrafo Ary Rezende Filho, professor da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) na cadeira de pedologia, ciência que estuda o solo. No curso, ele sempre faz uma saída de campo para mostrar o uso de um aparelho, o EM 38-MK, que identifica modificações no solo, e leva a metodologia aos alunos.

Um deles, na turma de 2016, era o perito da Polícia Civil Cícero dos Santos. À época, a corporação buscava corpos das 15 vítimas de um serial killer chamado Nando. Os relatos do criminoso não vinham sendo suficientes, e Cícero levantou a hipótese de que a máquina mostrada no curso de geografia poderia identificar alterações no solo que levassem a um cadáver.

A ideia deu certo, virou tema do trabalho de conclusão de curso e ganhou espaço na mídia. Anos depois, as notícias despertaram a atenção do angolano Hamilton Bonga, integrante da Comissão de Reconciliação em Memória das Vítimas dos Conflitos Políticos (Civicop), que buscava soluções para localizar ossadas de mortos na guerra civil.

Como se dera em Mato Grosso do Sul, escavações de sua equipe em locais indicados por relatos vinham acabando frustradas. Ele achou que a estratégia de Santos e Rezende poderia ajudar e, em novembro, levou o professor brasileiro para Angola.

O geógrafo ficou 30 dias mapeando terrenos indicados como possíveis locais de ossadas. Assim, chegou-se a nove prováveis valas. Ainda não é possível saber se nelas há de fato corpos das vítimas, porque o aparelho não funciona como um raio-x, que mostra o que está sob a terra. É preciso que um especialista analise o que o maquinário aponta.

Um trecho não homogêneo no solo, segundo Rezende, deve ser estudado para determinar se a transformação se deve à interferência humana ou a uma mudança natural — então se faz ou não a escavação.

Nos nove potenciais locais de valas da guerra civil identificados por Rezende, ao menos uma ossada já foi confirmada.

A busca resulta de uma promessa feita em 2021 pelo presidente João Lourenço na véspera do 27 de Maio. A data é marcante porque, em 1977, uma tentativa de golpe liderada por Nito Alves — que até dias antes integrava o partido no poder, o Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) — terminou num massacre que se estendeu por meses.

"O 27 de Maio é recheado de um conjunto de antecedentes políticos, militares e, até certo ponto, de natureza social e econômica", explica Gilson Lázaro, professor associado de ciências sociais da Universidade de Agostinho Neto, em Angola.

Ele cita diferenças raciais e intrigas políticas que contribuíram para a insatisfação popular, fazendo ferver o caldo de um conflito entre movimentos anticoloniais no qual o país estava mergulhado desde antes da independência, em 1975.

O MPLA disputava o comando com a União Nacional para a Independência Total de Angola (Unita) e a Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA). Um acordo pós-independência entre os três, que culminaria em eleições, implodiu em guerra, com o MPLA dominando a capital.

O conflito continuou até a dissolução da União Soviética, quando o partido no poder abandonou a doutrina marxista-leninista, e entrou em cena uma democracia multipartidária.

Em 1992, os três disputaram as primeiras eleições desde a independência, mas a Unita retomou a guerra após o resultado ser favorável ao MPLA. "A partir de 1994 [com o fim do apartheid na África do Sul], fatores externos não pesavam mais", diz Fabrício da Silva, professor de ciência política na Unirio. "O conflito se dava por questões internas, a disputa por petróleo e recursos."

O fim dos confrontos só seria selado em 2002, quando o assassinato do líder da Unita Jonas Savimbi levaria a um acordo de paz. O MPLA continua à frente de Angola até hoje. Estimativas apontam o saldo de 500 mil soldados e civis mortos em três décadas, e reconhecimento do governo por seus erros, por sua vez, iria demorar quase 20 anos.

Segundo Lázaro, o tempo fez crescer a pressão social de gente que viu os pais mortos no conflito, para que se apurasse a verdade e se entregassem as ossadas. Assim, em 26 de maio de 2021, Lourenço pediu desculpas em nome do governo e prometeu: "Esse pedido não se resume a simples palavras, ele reflete nosso sincero arrependimento e a vontade de pôr fim à angústia que as famílias carregam consigo".

O professor pondera que o presidente quer angariar capital político, "ao se escrever como aquele que pediu desculpas, na medida em que esse partido e esse governo têm responsabilidade [no conflito]".

Para Bonga, ele próprio familiar de uma vítima da guerra, seu trabalho fala mais alto. "Todos os países têm um lado obscuro na história, e poucos têm coragem de limpar esse lado. Felizmente nós tivemos."

O professor de geografia da UFMS Ary Rezende Filho
Arquivo pessoal

Raio-X de Angola

Área: 1.246.700 km² (semelhante ao estado do Pará)

População: 33.642.646 (cerca três vezes a do estado do Pará)

PIB: US$ 62,3 bi (do Brasil é US$ 1,4 tri)

PIB per capita: US$ 6.538 (no Brasil é US$ 14.836)*

IDH: 148ª posição (Brasil é o 84º)

*Considerando paridade do poder de compra
Fontes: CIA World Factbook, Banco Mundial e PNUD

Brasileiro se passou por americano por 25 anos

Com identidade de criança morta, comissário de bordo frequentava eventos do mundo da aviação e foi preso em 2021

Thiago Amâncio

SÃO PAULO "Nome completo?"

"Eric Ladd", responde Ricardo. "É muito comum a gente dar nome de guerra nos Estados Unidos, isso em todas as companhias [aéreas]. Eles pedem para a gente não divulgar muito o nome completo, peço desculpas, mas por Eric Ladd todo mundo me conhece."

"Local de nascimento?"

"Atlanta, Geórgia", diz o homem natural de São Paulo, segundo o governo americano.

Foi assim que se apresentou, em uma transmissão ao vivo de agosto de 2020, no canal de YouTube PandAviation, o sujeito que o Departamento de Estado americano afirma que é Ricardo César Guedes.

Convidado a falar sobre sua história de quase 25 anos como comissário de bordo da United Airlines, uma das maiores companhias aéreas do mundo, Ricardo (ou Eric) conta que nasceu nos EUA, mas, filho de mãe brasileira —aqui se confunde e diz que "meio que os dois", pai e mãe, são brasileiros—, foi criado em São Paulo. Arremata afirmando que se considera paulistano e que voltou aos EUA aos 22 para trabalhar com aviação.

Ricardo Guedes, que usou por mais de 25 anos identidade de criança americana morta em 1979, segundo os EUA Twitter/Reprodução

Hoje ele está preso. Segundo o governo americano, por roubar a identidade de William Ericson Ladd, este sim nascido em Atlanta, na Geórgia, em 1974 —e morto em um acidente de carro antes de completar cinco anos de idade.

O brasileiro Ricardo César Guedes obteve passaporte dos EUA, fez carreira na aviação, casou-se e comprou uma série de bens fingindo ser americano durante os mais de 25 anos que assumiu a identidade da criança morta em 1979, segundo a acusação.

Considerado comissário sênior, chegou a participar de voos humanitários em meio à retirada das tropas ocidentais do Afeganistão, em agosto do ano passado. Fã da Apple, transportava iPhones para vender no Brasil e apareceu em vários veículos jornalísticos em 2012, inclusive nesta **Folha**, sempre com o nome de Eric Ladd, como a primeira pessoa a comprar uma nova versão do iPad em Nova York após 30 horas de fila.

Ativo na comunidade da aviação brasileira, participava de eventos e palestras, lembra Lito Sousa, ex-mecânico de aviões e hoje um dos influenciadores mais famosos da área. "Ele me escreveu em 2018 dizendo que viria a um evento no Brasil e queria me conhecer. Trouxe bombons com formato de avião que ele mesmo havia feito. Depois nos encontramos em um voo, ele me tratou superbem. E aí o convidamos para jantar aqui em casa. Uma pessoa agradável, boa de conversa", conta.

Na semana passada, Sousa recebeu da esposa uma sugestão de tema para seu canal no YouTube: a história de um comissário de bordo brasileiro que fingiu ser americano por mais de duas décadas, contada pela primeira vez pelo jornal Houston Chronicle, da cidade do Texas onde o suposto Eric Ladd vivia.

"Estranhei e reconheci o sobrenome. Mandei uma mensagem para ele, ele não recebeu. Fui ver o Instagram, tinha sido apagado. A gente ficou incrédulo. Ninguém nunca desconfiou de nada."

Não se sabe exatamente como Guedes conseguiu a identidade da criança morta, mas, segundo o governo americano, ele entrou duas vezes no país com o nome brasileiro e visto de turista, em 1994 e 1996. No ano desta segunda viagem, Guedes conseguiu emitir um número de seguridade social (equivalente ao CPF no Brasil) com o nome de Ladd, morto havia 17 anos, no estado da Carolina do Norte, vizinho da Geórgia. Em 1997, foi contratado pela United Airlines —ele havia feito cursos de comissário de bordo no Brasil.

Seu primeiro passaporte americano foi emitido em 14 de abril de 1998, também sem sustos. Ele renovou ou pediu alterações (como mais páginas, já que pela profissão viajava muito) no documento seis vezes, em 2006, 2007, 2009, 2013, 2015 e 2018. Em todas, sem obstáculos burocráticos.

A luz de alerta foi acesa em 2020, quando Ladd se casou com um brasileiro e pediu a alteração do passaporte, para incluir o sobrenome do marido. O Escritório de Assuntos Consulares do Departamento de Estado estranhou que o número de seguridade social tivesse sido emitido quando ele tinha só 22 anos —o documento muitas vezes é expedido para bebês, que precisam ser inscritos em planos de saúde dos pais ou em programas de benefícios do governo.

O órgão então identificou outra pessoa de mesmo nome, data e local de nascimento, o verdadeiro William Ericson Ladd, morto mais de quatro décadas antes. Foi aí que a investigação começou. Ao pesquisar a vida do homem, encontraram uma série de laços com o Brasil —como o fato de ter ido ao país em mais da metade das 40 viagens que fez ao exterior naquele 2020.

Nas redes sociais dele, o governo americano identificou uma brasileira que parecia, pelas fotos e publicações, ser sua mãe. O Consulado Geral dos EUA no Recife foi acionado, e bases de dados apontaram que ela tinha um filho, nascido no Brasil, com mais ou menos a mesma idade.

Os americanos, então, compararam as impressões digitais que o governo brasileiro tinha coletado, nos anos 1990, do filho da mulher e confirmaram que Ricardo César Guedes e aquele que se apresentava como William Ericson Ladd eram a mesma pessoa. O passo seguinte foi consultar a família Ladd, que confirmou a morte do menino e disse que nunca havia visto a pessoa que se passava por ele.

Depois de quase um ano de investigações, Guedes foi preso em 22 de setembro de 2021, no Aeroporto Intercontinental George Bush, em Houston. Os agentes o encontraram no portão de embarque e o levaram até uma sala privada, onde ele se identificou como William Ericson Ladd e apresentou o passaporte.

No interrogatório, ele foi alertado: é crime mentir a um agente federal, e o governo sabia de sua identidade verdadeira. Ele respondeu que nasceu nos EUA, mas foi criado por pais missionários no Brasil.

O processo que tramita na Justiça do Texas relata que um policial afirmou que tinha uma certidão de óbito do verdadeiro Ladd, o que fez Guedes se calar. As autoridades ainda mostraram uma foto do túmulo da criança morta, no Alabama. O brasileiro então invocou seu direito de ficar calado e foi detido.

Na prisão, quando a polícia foi colher suas impressões digitais, Guedes perguntou qual nome deveria preencher no formulário. Segundo o processo, ao ouvir que deveria escrever seu nome verdadeiro, assinou "R. Cesar Guedes".

Com um mandado de busca e apreensão, autoridades encontraram na casa dele, em Houston, duas cópias da certidão de nascimento de Ladd e um cartão com seu nome verdadeiro. Na ocasião, o marido disse aos agentes que o conhecia desde a infância, no Brasil, e que sabia que ele não era quem dizia ser. Segundo a acusação, o parceiro deve perder a autorização para viver nos EUA, já que entrou com o processo na imigração com base no casamento com um falso cidadão americano.

Guedes continua preso, aguardando o julgamento, marcado para 18 de abril. Procurada, a defesa afirmou à **Folha** que não comentaria o caso. Consta no processo que, no momento da prisão, ele disse aos agentes: "Eu tinha um sonho, e o sonho acabou. Agora preciso encarar a realidade".

As duas vidas de Ricardo César Guedes

BRASILEIRO

Nascimento São Paulo

Ida para os EUA Entrou no país duas vezes com o nome de brasileiro e visto de turista, em 1994 e 1996

AMERICANO

Seguridade social Em 1996, emitiu documento equivalente ao CPF no Brasil com o nome de William Ericson Ladd, morto em 1979

Comissário de bordo Em 1997, foi contratado pela United Airlines

Passaporte Emitiu o primeiro em 1998, com seis renovações ou alterações entre 2006 e 2018

Descoberta Em 2020, ao pedir alteração do nome por ter se casado, acendeu o alerta das autoridades, que descobriram a farsa

Erupção de vulcão causa tsunami em Tonga, e ondas chegam a Japão e Samoa Americana

NUKUALOFA (TONGA) | REUTERS E AFP A erupção de um vulcão submarino em Tonga, na Oceania, causou tsunamis na capital do país, Nukualofa, no Japão e na Samoa Americana. Há alertas também para ilhas próximas no sul do Pacífico. Até a conclusão desta edição não havia registro de mortos.

O vulcão Hunga Tonga-Hunga Ha'apai, a cerca de 65 km ao norte da capital tonganesa, entrou em erupção na tarde deste sábado (15) —madrugada de sábado no horário de Brasília— e provocou um tsunami de 1,2 metro, segundo o Escritório de Meteorologia australiano. A agência afirmou que monitora o evento, mas que não há ameaça de tsunami para a Austrália.

A erupção durou oito minutos e foi tão forte que foi ouvida "como um trovão distante" a mais de 800 km de distância, disseram autoridades das ilhas Fiji. Horas depois, a agência meteorológica do Japão emitiu alertas de tsunami nas primeiras horas deste domingo (horário local) e afirmou que ondas de até 3 metros podem chegar à costa do país.

Ondas invadem casas em Nukualofa, capital de Tonga, após erupção Reprodução/@sakakimoana no Twitter

De acordo com o boletim, as ilhas Amami, no sul do Japão, foram atingidas por ondas de 1,2 metro, às 23h55 de sábado (11h55 em Brasília), enquanto um tsunami de menor amplitude podia ser observado em outras partes do litoral japonês. Medidores registraram ondas de 83 centímetros de altura em Nukualofa e de aproximadamente 60 centímetros em Pago Pago, capital da Samoa Americana, segundo o Centro de Alerta de Tsunami do Pacífico.

O sistema de monitoramento, localizado nos EUA, chegou a emitir um alerta para o Havaí, que depois foi suspenso. Nas redes sociais, foram postados vídeos do fenômeno.

"Foi uma grande explosão", disse uma moradora, Mere Taufa, ao site de notícias Stuff. "O chão tremeu, a casa inteira foi sacudida. Veio em ondas. Meu irmão mais novo acreditava que bombas estavam explodindo perto de nossa casa."

Poucos minutos depois, a água invadiu a residência da família e ela viu o muro de uma casa vizinha desabar. "Todos começaram a fugir para as alturas", acrescentou.

Fiji emitiu um alerta de tsunami, pedindo aos moradores que evitem a região do litoral devido a fortes correntes e ondas perigosas. A agência de gerenciamento de emergências da Nova Zelândia também divulgou um aviso de possibilidade de correntes fortes e incomuns e ondas imprevisíveis na costa norte e leste do país.

Alertas de tsunami foram emitidos na manhã deste sábado para a Costa Oeste dos EUA, enquanto o Havaí foi afetado por "inundações menores", segundo os serviços meteorológicos americanos. Nas redes sociais, o Escritório Nacional de Emergências do Chile alertou, por sua vez, sobre a possibilidade de um "tsunami menor" atingir a ilha de Páscoa.

mercado

3 em cada 4 ficam sem ajuda do governo em mais de mil cidades

27 milhões de famílias que recebiam auxílio emergencial estão fora do Auxílio Brasil, novo programa social

Thiago Resende e Bruno Boghossian

BRASÍLIA Mesmo com a expansão do Bolsa Família para dar origem a uma marca social para a gestão de Jair Bolsonaro (PL), a transição para o Auxílio Brasil deixa uma lacuna em muitos municípios do país.

Com o fim do pagamento do auxílio emergencial, criado para amparar a população vulnerável durante a pandemia, cerca de 27 milhões de famílias ficaram sem ajuda do governo, fora do novo programa de transferência de renda.

Esse impacto é observado com força nas cidades que sentiram os efeitos do auxílio emergencial, embora tivessem uma cobertura menor do Bolsa Família. Em 1.036 municípios do país, 75% ou mais da população que teve acesso a algum desses benefícios ao longo de 2021 ficou sem atendimento.

Essas cidades figuram entre aquelas que mais ampliaram a cobertura de assistência social enquanto vigorou o auxílio emergencial.

Nesses municípios, 9,1 milhões de pessoas receberam até outubro as parcelas criadas pelo governo durante a pandemia ou o pagamento do Bolsa Família. Só 1,8 milhão delas, no entanto, tem acesso ao novo programa social criado pelo governo Bolsonaro, com um benefício médio de R$ 409 por mês.

A radiografia da cobertura assistencial de famílias vulneráveis leva em consideração dados do Ministério da Cidadania divulgados na terça-feira (11).

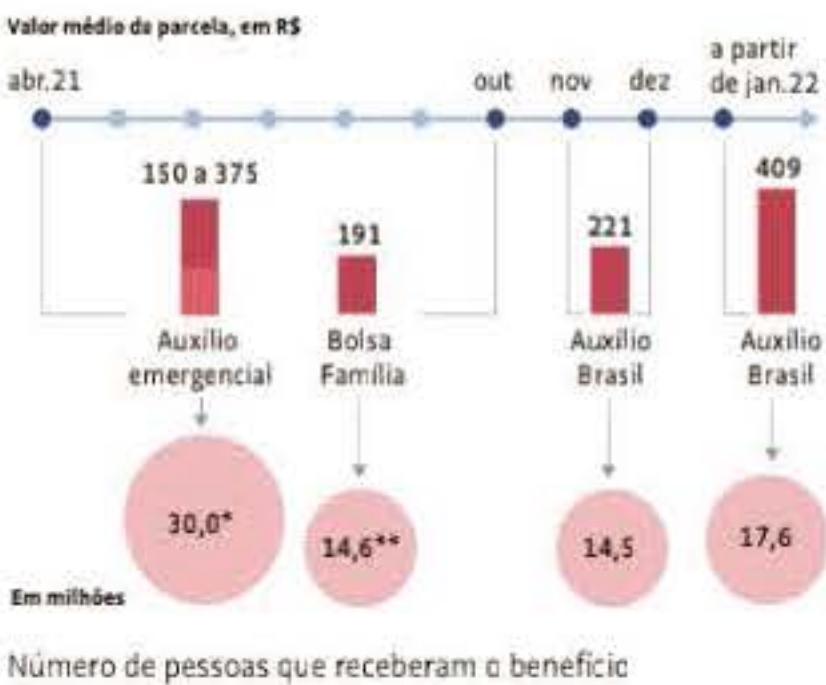
Em janeiro, o governo ampliou de 14,6 milhões para 17,6 milhões o número de famílias atendidas pelo Auxílio Brasil, com benefício médio de R$ 409 por mês. A cobertura ainda fica distante do patamar de 44,6 milhões que receberam o auxílio emergencial ou o Bolsa Família durante a maior parte de 2021.

O Auxílio Brasil surgiu em um contexto de aumento da pobreza no país e de mais procura por assistência social. De janeiro a novembro de 2021, mais de 1,9 milhão de famílias entraram nas faixas de pobreza e extrema pobreza do Cadastro Único (que reúne o público que pode se enquadrar em programas sociais).

A expectativa de técnicos do governo é que esse número seja ainda maior, pois houve uma procura expressiva no fim do ano passado com o encerramento do auxílio emergencial.

Quase 90% dos municípios em que há maior perda de cobertura assistencial são de pequeno ou médio porte, com até 100 mil habitantes. Em Goianira (GO), cerca de 15 mil famílias tiveram acesso aos pagamentos do Bolsa Família e do auxílio emergencial até outubro, mas só 3.469 estão no Auxílio Brasil.

Também há perda expressiva de cobertura em capitais e outras grandes cidades. É o caso de Florianópolis, Cuiabá, Goiânia, Curitiba, Belo Horizonte e Brasília.

Nesses 1.036 municípios, circularam mais de R$ 1,8 bilhão por mês com os pagamentos do auxílio emergencial e do Bolsa Família até outubro de 2021.

Com o Auxílio Brasil, o volume fica em R$ 722 milhões —uma queda significativa na assistência aos mais vulneráveis durante o período em que se busca uma recuperação da economia.

Em Nova Serrana (MG), município de 105 mil habitantes, 23,6 mil famílias tiveram acesso a algum benefício até outubro, mas só 1.576 estão incluídas no novo programa do governo.

O secretário municipal de Desenvolvimento Social, Gustavo Amaral, afirma que, por causa da pandemia e da crise econômica, houve aumento na procura por programas de assistência na cidade. A demanda por inscrições no cadastro do Auxílio Brasil foi um sinal do aumento da pobreza.

"Quem quer entrar no Cadastro Único hoje precisa agendar entrevista para março. Além disso, nem todas as pessoas cadastradas conseguem entrar no programa. Tem fila de espera para receber o benefício", diz Amaral.

Nova Serrana é uma cidade industrial, com forte atuação no ramo calçadista. Por causa da exigência por qualificação, parte dos moradores do município tem dificuldade de encontrar emprego na região, o que agrava o quadro.

Para Luciana Leão, professora-assistente e pesquisadora da Universidade de Michigan, a transferência de renda, que visa dar o suficiente para as famílias se alimentarem, é o primeiro passo do combate à pobreza.

"Os empregos no Brasil ainda são muito frágeis. Nas cidades do interior, mesmo com o crescimento do consumo por causa do auxílio emergencial, a família extremamente pobre dificilmente conseguiu se beneficiar de um impulso na atividade econômica", afirma Leão, que é especialista no combate à pobreza.

A região Sul concentra mais da metade das cidades com perda significativa de cobertura assistencial. São 564 municípios em que 75% ou mais dos antigos beneficiários estão sem pagamentos.

Os três estados da região enfrentam esse desequilíbrio porque tiveram um aumento considerável de beneficiários durante a vigência do auxílio emergencial. No entanto, boa parte da população não se enquadra nos requisitos do Auxílio Brasil.

O ministro da Cidadania, João Roma, afirmou à **Folha** que não é possível comparar o número de beneficiários por causa das características de cada programa. Ele apontou que Bolsa Família e Auxílio Brasil são programas de superação da pobreza, enquanto o auxílio emergencial foi uma resposta a uma calamidade.

"O foco do governo [com o Auxílio Brasil] são as pessoas mais necessitadas. Não se pode estruturar um programa desses em um período posterior ao pagamento do auxílio emergencial sem critérios definidos", disse o ministro.

Roma destacou que o auxílio emergencial fez pagamentos de R$ 350 bilhões, enquanto o orçamento do Auxílio Brasil para 2022 é de cerca de R$ 90 bilhões.

O ministro disse ainda que o governo trabalha para oferecer uma linha de microcrédito para os brasileiros que não recebem os pagamentos do novo programa e afirmou que espera ampliar o público do Auxílio Brasil para 18 milhões de famílias até março.

"É um programa diferente, com elementos transformadores."

Ao elevar o valor médio da transferência de renda, Bolsonaro busca amenizar os efeitos da inflação e pode colher dividendos políticos —uma vez que o patamar anterior do Bolsa Família não superava R$ 200 e não era reajustado desde 2018.

A transição, porém, ocorre num cenário em que o país enfrenta baixo crescimento e uma taxa de desemprego que não recuou aos índices registrados no período anterior à pandemia.

Para receber o auxílio emergencial, a renda por membro da família não poderia ultrapassar meio salário mínimo (R$ 550). No caso do Auxílio Brasil, esse limite passou para R$ 210, patamar aprovado pelo Congresso e sancionado por Bolsonaro.

Em Fagundes Varela (RS), município de 2.741 habitantes, 201 famílias receberam o auxílio emergencial ou o Bolsa Família até outubro, mas apenas 8 estão cobertas pelo Auxílio Brasil.

O prefeito da cidade, Nelton Carlos Conte (MDB), diz que a maior parte dos beneficiários do auxílio emergencial era formada por trabalhadores autônomos, que não têm renda estável.

"A população com maior fragilidade econômica e social foi atendida, e eles puderam ter renda [nesses meses de auxílio]. Isso acabou influenciando o encadeamento de demais setores e movimentou a atividade econômica na cidade", diz Conte.

Os demais municípios impactados na troca do auxílio emergencial pelo Auxílio Brasil estão concentrados na região Sudeste (356 cidades) e no Centro-Oeste, onde 92 cidades terão uma redução de 75% ou mais no número de beneficiários.

O impacto é menor no Norte (23 municípios) e no Nordeste (uma cidade). As duas regiões tinham cobertura mais abrangente do Bolsa Família, o que permite que boa parte dos beneficiários seja absorvida pelo Auxílio Brasil.

Brasileiros ficam sem renda emergencial

*Além dos 30 milhões, cerca de 9,1 milhões que já estavam no Bolsa Família receberam o auxílio emergencial por ter valor maior. **Beneficiários receberam o auxílio emergencial, caso fosse mais vantajoso que o Bolsa Família
Fonte: Ministério da Cidadania

Voluntários do Projeto Ruas distribuem alimentos na região central do Rio Ana Paula Amorim/Projeto Ruas

Sequelas sociais da Covid exigem ações estruturais para além da assistência

Leonardo Vieceli e Fernanda Brigatti

RIO DE JANEIRO E SÃO PAULO A crise gerada pela pandemia, com aumento do desemprego e da fome, impulsionou ações de assistência social dos setores público e privado e até de indivíduos, como doações. Para especialistas, no entanto, as sequelas sociais da Covid-19 vão exigir mudanças estruturais para de fato amparar os mais vulneráveis.

"Durante a pandemia, o Brasil deu anestesia, interrompeu algumas dores, sobretudo com transferência de renda. Mas vamos precisar de operações complementares para a reabilitação", afirma o economista Marcelo Neri, diretor do centro de estudos FGV Social.

Desde a eclosão da Covid, prefeituras de grandes cidades como Rio e São Paulo viram crescer a demanda por serviços de assistência social, exigindo das gestões públicas a ampliação de programas e a criação de novas frentes.

No Rio, a Secretaria de Assistência Social diz ter adotado medidas como aumento no número de vagas em abrigos, transferência emergencial de renda (Auxílio Carioca), inclusão de famílias até então invisíveis no CadÚnico, visitas a comunidades vulneráveis e capacitação de pessoas em abrigos para o mercado de trabalho.

A pasta prevê um aumento no orçamento para assistência social em 2022 de R$ 435 milhões previstos para 2021 para R$ 591,5 milhões para execução em 2022. Até 2024, as principais metas são o combate à extrema pobreza e à insegurança alimentar e a viabilização da empregabilidade da população em situação de rua que está nos abrigos, de acordo com a secretaria.

Segundo a prefeitura, um censo realizado em 2020 identificou 7.272 pessoas em situação de rua no Rio. A gestão municipal diz que não há como comparar o número com anos anteriores, devido à ausência de um levantamento com as mesmas características. O próximo censo está previsto para 2022.

Mesmo sem os dados para comparação, a prefeitura carioca diz que há uma perceptível mudança no perfil das pessoas que estão vivendo na rua.

Pelo censo de 2020, o grupo era formado principalmente por homens adultos e que viviam sozinhos na capital fluminense. Com a crise aprofundada pela pandemia, mais famílias passaram a procurar a rede de assistência municipal em busca de acolhimento.

"Já havia o grupo em situação de rua que frequentava nossas ações aqui no Rio. Com a pandemia, vemos mais pessoas que até moram em casas, mas não conseguem manter a alimentação", afirma Juliana Silva, gestora de parcerias e relacionamento do Projeto Ruas.

O projeto organiza doações de marmitas e corte de cabelo, entre outras atividades. Em uma dessas ações, acompanhada pela **Folha** em dezembro, uma aposentada de 71 anos relatou que conta com o projeto para conseguir se alimentar. Ela pediu que não fosse identificada.

A idosa, que trabalhava como doméstica, vive atualmente em uma ocupação. Segundo ela, diante do valor da aposentadoria, precisa escolher entre comer, comprar remédio e pagar o aluguel.

Para Juliana, além de ações emergenciais por parte do poder público, a melhora do qua-

Continua na pág. A15

+ Medidas adotadas pelas prefeituras

- Com os núcleos de convivência fechados, **cestas básicas e kits de higiene** passaram a ser distribuídos. Em São Paulo, os recursos destinados a esses centros bancaram 1,4 milhão de cestas e 1 milhão de kits
- **Expansão de vagas em abrigos**, ampliadas em 2.600 no Rio de Janeiro em 2021 e expectativa de mais 600 em 2022. A proposta neste ano é de também diversificá-las, com reservas para **mulheres, idosos e a população LGBTQIA+**
- **Ampliação do orçamento** dos núcleos de assistência social

Continuação da pág. A14

dro depende de investimentos em áreas como moradia e educação.

Na capital paulista, a prefeitura não sabe informar quantos cidadãos vivem na rua. Um censo que estava marcado para 2023 foi antecipado para 2021 devido aos impactos da pandemia. A previsão é divulgar os resultados no início de 2022.

Na cidade, o enfrentamento às consequências mais severas da pandemia —falta de segurança alimentar ou vítimas de violência doméstica, por exemplo— está dividido entre as subprefeituras e as secretarias de Assistência Social e de Direitos Humanos.

No período, algumas ações foram ampliadas, como os NCI (Núcleos de Atendimento a Idosos), cujas vagas foram ampliadas em 1.760 colocações, de acordo com a Assistência Social. Outros programas, como o Cidade Solidária e a Rede Cozinha Cidadã, foram criados com o início da crise sanitária.

Em nível nacional, a discussão sobre políticas de assistência social está voltada para o Auxílio Brasil. Lançado pelo governo Jair Bolsonaro (PL), o programa substitui o Bolsa Família, mas tem pontos contestados por especialistas e ainda desperta incertezas sobre a capacidade de financiamento.

"Fala-se em um auxílio de R$ 400 que não leva em conta o tamanho das famílias. As famílias maiores e mais pobres têm uma necessidade maior de ajuda do que as menores. O manual não está sendo seguido", afirma Marcelo Neri, da FGV.

O economista Ely José de Mattos, professor da Escola de Negócios da PUCRS, também questiona pontos do Auxílio Brasil.

"Há uma pressão social por transferência de renda, mas o novo programa ainda está muito incerto. Seria melhor se tivéssemos usado a energia para ampliar e melhorar o Bolsa Família. Estamos desperdiçando algo que é muito valioso, a expertise de um programa social", diz.

Para Mattos, é necessário pensar em transferência de renda acompanhada por iniciativas de inclusão no mercado de trabalho e educação.

"As pessoas não querem viver a vida inteira com doações de cestas básicas. Elas querem trabalhar. Isso só vem com política econômica", afirma Sebastião Santos, presidente da ONG Viva Rio.

Tratar burnout envolve reconhecer papel do coletivo, dizem especialistas

Desde 1º de janeiro, síndrome deixou de ser vista como condição de saúde e passou a ser classificada como fenômeno ocupacional

Fernanda Brigatti

SÃO PAULO O burnout, termo em inglês adotado para descrever o esgotamento profissional, veio a reboque da Covid como uma das principais preocupações recentes no campo da saúde. Há livros sobre o recorte geracional da síndrome, podcasts e perfis em redes sociais tratam do assunto, e celebridades como a ginasta Simome Biles vieram a público contar suas experiências.

Desde o dia 1º de janeiro, a síndrome ganhou nova e mais detalhada descrição na CID-11 (Classificação Internacional de Doenças). De uma condição de saúde, ela passa a ser descrita como fenômeno ocupacional, no índice de "problemas associados com estar empregado ou desempregado".

Para o psiquiatra e psicanalista João Salla, a nova classificação pode ajudar as sociedades médicas a definir fluxos de atendimento.

"Talvez seja um norte interessante para pensar, para olhar para esse paciente em burnout e estabelecer um fluxo de atendimento", diz. "A abordagem do burnout no Brasil ainda é muito acadêmica", critica.

A descrição mais detalhada da síndrome, para além do simples esgotamento profissional, aponta três dimensões que podem ou não ocorrer concomitantemente.

Há a insatisfação profissional que escapa para a vida pessoal, uma sensação permanente de falta de propósito, a despersonalização (quando as pessoas passam a ser vistas como objetos e o trabalhador se expressa por meio de um comportamento cínico) e a exaustão emocional, que pode ser vista como um estado de apatia profunda.

Um ponto delicado na abordagem do burnout é que não há tratamento definido e único para os que são acometidos pela síndrome.

O tratamento, destaca o especialista, é sempre individual. A proteção ao trabalhador, porém, é ambiental, ou seja, tem relação com o local, que geralmente é onde o indivíduo trabalha, mas que também pode ser a universidade, no caso de estudantes.

Em 2019, quando aprovou a nova classificação, a Opas (Organização Pan-Americana da Saúde) e a OMS (Organização Mundial da Saúde) disseram que "burnout se refere especificamente a fenômenos no contexto ocupacional e não deve ser aplicada para descrever experiências em outras áreas da vida".

Salla diz perceber que medidas relativamente simples, como palestras, têm efeito positivo sobre os trabalhadores. Separar um momento para falar do assunto permite que aqueles que compartilham o mesmo ambiente de trabalho possam se identificar um no outro.

"O problema é que a pessoa não fala e o assunto costuma ser ignorado. Quando o funcionário é acometido pelo burnout, ele vai ser visto como um empregado ruim, mas ele é uma pessoa adoecida, e é assim que ele tem que ser tratado."

> **Antes de tudo é necessária uma mudança mais estrutural do capitalismo e da busca por lucro ou as pessoas continuarão sofrendo diante do modelo de sucesso das organizações**
>
> **João Marcio Souza**
> diretor-executivo da Talenses Executive

ONDE PROCURAR AJUDA
Diversos planos de saúde têm programas específicos para lidar com a saúde mental em abordagens multidisciplinares, quando o paciente é atendido por vários tipos de profissional. Empresas maiores costumam ter seus próprios programas, em geral desenvolvidos pela equipe de recursos humanos. Na rede pública, o atendimento pode ser feito a partir da UBS (Unidade Básica de Saúde), onde há serviços ambulatoriais, ou no Caps (Centro de Atenção Psicossocial). Em São Paulo, todos funcionam, segundo a prefeitura, em "regime de porta aberta", ou seja, não é necessário agendamento ou encaminhamento da UBS.

Para João Marcio Souza, diretor-executivo da Talenses Executive, que trabalha com recrutamento e seleção de mão de obra, somente uma revisão mais profunda e, portanto, mais demorada do modo como as empresas funcionam pode ter efeito sobre os casos de burnout.

"Antes de tudo, é necessária uma mudança mais estrutural do capitalismo e da busca por lucro ou as pessoas continuarão sofrendo diante do modelo de sucesso das organizações", diz.

"Estamos vivendo um excesso de presente, de realidade. As pessoas caem no estresse de correr atrás de metas, de crescimento. Já era um modelo agressivo e ainda vem uma pandemia", afirma o executivo.

Na avaliação de Souza, somente uma mudança de comportamento a partir do topo das empresas pode evitar que "se enxugue gelo". O psicanalista João Salla concorda: "A tônica de qualquer mudança é que ela tem que ser de cima para baixo".

Com a nova classificação, o trabalhador que decidir buscar a Justiça do Trabalho em busca de reparação terá mais facilidade? Não necessariamente, segundo o advogado Matheus Cantarella Vieira, da área trabalhista do Mello e Torres Advogados, para quem o maior efeito da reclassificação é aumentar a atenção em relação à doença.

"De qualquer forma, na Justiça, como qualquer doença, é necessário demonstrar a culpa da empresa, que pode ser por não ter feito nada ou por ter feito algo específico", diz. "Nesse sentido, não ter metas abusivas, barrar jornadas longas, respeitar períodos de férias e permitir que a pessoa fique desconectada do trabalho são fatores de proteção."

Para o diretor-executivo da consultoria de marcas iN, Fábio Milnitzky, as organizações já sabiam da importância da saúde física como parte da própria produtividade de seus funcionários.

"Agora é necessário que elas também compreendam a necessidade de desenvolver um ambiente seguro, transparente, de escuta ativa, para que as trocas passem a fazer parte da natureza corporativa."

A nova CID em vigor desde o dia 1º também trouxe outras alterações, como a reorganização dos transtornos que fazem parte do espectro do autismo, e a reclassificação da transsexualidade, que saiu dos distúrbios mentais e agora está no índice de saúde sexual, sob o nome de "incongruência de gênero".

As empresas ou indivíduos interessados em levantar o potencial para o acometimento da síndrome de burnout podem usar adaptações da MBI (Maslach Burnout Inventory), uma escala criada pelo pesquisador que dá nome ao questionário.

É importante usar o teste apenas como uma referência, um parâmetro, que não substitui uma avaliação médica ou psicológica. Ele não representa um diagnóstico, mas pode ajudar o trabalhador a refletir sobre o que está vivendo.

PAINEL S.A.

Joana Cunha
painelsa@grupofolha.com.br

Renato Meirelles

O que segura entregador de app em casa é preço da gasolina, não ômicron

SÃO PAULO A explosão da ômicron, que provocou o afastamento de funcionários contaminados e atrapalhou a operação em diversos setores, atingiu também os entregadores de aplicativos.

Nessa parcela da população, porém, o ficar em casa é forçado por outros motivos, segundo Renato Meirelles, presidente do Instituto Locomotiva.

"Esse cara não se dá ao luxo de não trabalhar por causa da contaminação. Só que ele não tem dinheiro para pagar a gasolina", afirma Meirelles.

*

Falou-se muito sobre o impacto da falta de mão de obra para as empresas nessa onda de contaminação da ômicron, mas e os trabalhadores autônomos? Qual é o impacto para eles? Não dá para entender a questão dos trabalhadores autônomos, os trabalhadores por aplicativo, só pelo contexto da pandemia. Temos que entender o contexto econômico como um todo.

Tem o impacto do aumento do desemprego, que não é um detalhe. Em especial o desemprego entre os jovens, que formam a maior parcela, em especial dos aplicativos. E não é à toa que, no último ano, nós temos 11,7 milhões de brasileiros que passaram a trabalhar por aplicativo. E não estou falando só de Uber e iFood. Estou falando daquela pessoa que é a manicure que passou a ter cliente direto por meio do GetNinjas, do boteco que perdeu cliente na pandemia e passou a vender pelo iFood, daquele que estampa camiseta e passou a vender no Mercado Livre.

Temos no Brasil hoje 34 milhões de brasileiros que ganham uma parte do seu dinheiro por aplicativo. Destes, 62% recebem metade, ou mais, de sua renda por aplicativo. Estamos falando, talvez, do maior setor profissional do país. E essas pessoas estão sofrendo, em especial os que trabalham com transporte, porque o preço da gasolina está lá em cima.

Historicamente, nós pensávamos o preço da gasolina em duas vertentes: a do custo para a logística e a da classe média que abastece seu carro. A pandemia nos fez ver o aumento da gasolina pela lógica do insumo fundamental para os trabalhadores de aplicativo e de entrega.

E quando vem uma onda de contaminação como essa atual? Essas pessoas ficam em casa? Sim e não. Essas pessoas não se dão ao luxo de ter o isolamento social. São trabalhadores que, na grande maioria, têm que vender o almoço para comprar a janta. Apesar dos riscos e da contaminação, não se podem dar ao luxo de não trabalhar.

E tem uma parcela que trabalha em casa, seja estampando boné, seja fazendo bolo para vender. Mas isso tem muito mais a ver com a crise econômica do que com o vírus.

E os entregadores? Têm ficado em casa porque se contaminaram com essa nova variante? Ficam em casa não porque se contaminaram. Ficam porque não têm dinheiro para gasolina. Ele já não tinha alternativa quando estávamos nas outras variantes, que tinham um grau de letalidade maior e a gente não tinha vacina. Hoje, ele não tem ainda mais, por causa de grana.

Cada setor responde de um jeito. Como reage a economia das favelas a isso? Na favela, crise não é exceção. É regra. Essas pessoas cresceram na crise, seja de saúde, segurança, econômica. O que eu chamo de "se virômetro" da favela é muito maior do que na média da população brasileira.

Na favela tem também um nível de solidariedade 35% maior do que na média do Brasil. Esse dado é medido por doações. Por outro lado, essas pessoas têm menor nível de proteção social. E não só pela questão econômica, mas pela própria moradia, têm mais dificuldade em fazer o isolamento.

São as pessoas que mais sofreram com os atrasos do auxílio emergencial do início do ano passado e com a incerteza do que será agora. E são pessoas que, muitas vezes, trabalham na rua.

Essa pessoa se vira indo para a internet e o aplicativo. E são trabalhadores que, na prática, foram os responsáveis pelo Brasil não parar.

Não foi por causa da classe média que o Brasil continuou andando. Foi por causa dos trabalhadores do ônibus, da limpeza, dos caixas de supermercado, de farmácia.

Foram eles que tiveram mais risco com a pandemia e que menos foram protegidos. E, na hora de virar público prioritário para serem vacinados, foram esquecidos em detrimento de quem tinha nível superior.

Não é à toa que o índice de contaminação da periferia é quase o dobro do índice de contaminação do resto do Brasil.

Qual á a sua avaliação sobre a reação dos governos e o que deve ser feito? Como avalia a posição dos que têm retomado restrições? Infelizmente, o que pauta o governo federal e alguns estaduais é a lógica eleitoral e não a lógica do que é melhor para a vida das pessoas. E eles sustentam essa lógica através de falsas polêmicas. Uma delas é a que contrapõe saúde à retomada da economia.

Se o grupo de risco fica doente, não consegue trabalhar, para de consumir, a economia quebra. Só que boa parte dos governantes se ocupam transformando uma questão básica, civilizatória, que é o valor da vida, em uma disputa política.

E não existe retomada da economia que não passe por distribuição de renda. E não é mudar nome de Bolsa Família para Auxílio Brasil por causa de eleição. Distribuição de renda se dá é no aumento do salário mínimo acima da inflação. E isso a gente não viu.

Raio-X
Presidente do Instituto Locomotiva e membro do conselho de professores do Ibmec, onde é titular da cadeira de ciências do consumo. Foi fundador e presidente do Data Favela e participou da comissão que estudou a nova classe média, na Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República em 2012

O Bolsonaro golpista na eleição

Ataque a urnas, ao STF, favor para amigos e loucura antivacina estão no menu

Vinicius Torres Freire

Jornalista, foi secretário de Redação da Folha. É mestre em administração pública pela Universidade Harvard (EUA)

Na semana passada, Jair Bolsonaro voltou a dizer que roubaram seus votos em 2018 —sua vitória teria ocorrido no primeiro turno, caso as eleições fossem "limpas". Voltou a atacar ministros do Supremo Tribunal Federal. Disse que Alexandre de Moraes e Luís Barroso são lulistas.

O Bolsonaro freneticamente golpista de setembro de 2021 volta a botar as asinhas de fora. O arroz com feijão bolsonarista está no prato —ou, melhor dizendo, o pão com leite condensado está na mesa. São mais pistas do que deve ser a campanha da reeleição, sinais visíveis desde a virada do ano de vadiagem e desumanidades. Parece que Bolsonaro e sua turma querem garantir votos para passar para o segundo turno e ver o que dá no mata-mata final.

Como? Com favores localizados e loucura generalizada. Quer garantir aqueles eleitores que, depois de tudo, ainda o apoiam, cerca de 25%, o bastante provavelmente para jogar para fora da pista o pessoal da "terceira vida", apesar de dois terços do eleitorado o rejeitarem.

Bolsonaro quer uma medida provisória a fim de reajustar a tabela do Imposto de Renda, promessa da campanha de 2018. Dá para fazer, com alguma gambiarra no déficit público. Não vai render lá muito voto, mesmo isentando de imposto uma meia dúzia de milhão de eleitores. Pode tentar outros remendos do tipo.

Afora medidas muito aloprадas, Bolsonaro não terá muito mais o que arrumar na frente eleitoral dita "econômica". O ritmo de crescimento da economia e o da inflação estão fora do seu controle; na melhor das hipóteses, teremos estagnação do PIB e taxa de inflação caindo pela metade, mas com um nível de preços insuportavelmente alto.

O interesse maior é manter vivo ao menos parte dos fogos dos infernos que o levaram ao poder, em 2018. Voltou a falar com frequência da facada. Atacou a lisura do sistema eleitoral, ressalte-se, cometendo mais crimes. Moraes e Barroso tocam, lentamente, aliás, os inquéritos sobre essas mentiras, tratadas no Código Penal e na lei do impeachment.

Chamou os dois de lulistas e mais. "Quem eles pensam que são? Vão tomar medidas drásticas dessa forma, ameaçando, cassando liberdades democráticas nossas, a liberdade de expressão. Porque eles não querem assim, porque eles têm candidato. Os dois, nós sabemos, são defensores do Lula, querem o Lula presidente", disse.

É um sinal de que vai apelar ainda mais ao mote de candidato contra o "sistema" que agasalha corruptos e o impede de governar. É teoria da conspiração com fumaças golpistas.

Bolsonaro também açula sua base mais fanática com uma dose de reforço de sua campanha contra as vacinas, sabotando a imunização das crianças e fazendo ataques injuriosos à Anvisa. É um indício de que vai apelar aos piores sentimentos e ignorâncias para manter junto de si o que restou de seu eleitorado. Sim, piores sentimentos: na sua vadiagem dezembrina, fez questão de se mostrar indiferente aos sofrimentos de quem morreu ou perdeu tudo nas enchentes da Bahia.

Na frente política, deu a Ciro Nogueira mais poder de dirigir para ali ou acolá doces gordos do Orçamento. Nogueira é ministro da Casa Civil, presidente licenciado do PP, cardeal, pois, do centrão e deve ser um dos coordenadores de campanha de Bolsonaro. Vai se pagar palanque com rabichos do Orçamento.

Bolsonaro ainda quer dar um jeito de reajustar salários de policiais federais até a metade do ano. Não rende voto e, se houver aumento, vai dar rolo com servidores, talvez contraproducente. Mas ele quer manter a fidelidade de parte dessa tropa. Para quê?

O arsenal de loucuras pode garantir presença no segundo turno, uma sobrevida para tumultuar a eleição o quanto puder.

vinicius.torres@grupofolha.com.br

Felipe Salto

Leniência com inflação produziu resultado fiscal positivo em 2021

Diretor-executivo da IFI diz que alta dos juros vai corroer ganhos em 2022 e colocar dívida novamente em trajetória de crescimento

ENTREVISTA

Eduardo Cucolo

SÃO PAULO As contas do setor público devem registrar o primeiro resultado positivo desde 2013, segundo dados do Banco Central para 2021 que serão divulgados no fim deste mês. Essa suposta melhora, no entanto, é uma ilusão provocada pela disparada da inflação, afirma o diretor-executivo da IFI (Instituição Fiscal Independente), Felipe Salto.

Para 2022, a expectativa da instituição ligada ao Senado é que a alta dos juros comece a corroer esse ganho, colocando a dívida pública novamente em trajetória de crescimento e deixando para o próximo governo a tarefa de recuperar a credibilidade fiscal.

Em entrevista à **Folha**, Salto diz que sociedade e políticos já mostraram que não querem fazer um ajuste só pelo lado da despesa. Por isso, será difícil escapar de um aumento da carga tributária para garantir a estabilidade da dívida e recursos para mais investimentos e gastos sociais.

Agência Senado

Felipe Salto, 34
É diretor-executivo da IFI (Instituição Fiscal Independente) e responsável por sua implantação. Economista e mestre em administração pública e governo pela FGV, trabalhou na assessoria do senador José Serra (PSDB-SP). Vencedor do Prêmio Jabuti de Economia em 2017 com o livro "Finanças Públicas: Da Contabilidade Criativa ao Resgate da Credibilidade" (Record, 2016)

*

A IFI estima que as contas do setor público devam ter fechado 2021 no azul. Você disse que essa suposta melhora é uma ilusão. O que explica esse resultado? O que houve foi a ajuda camarada da inflação, que apareceu de novo, ainda que em menor proporção do que acontecia nos anos 1980. Na época, não tinha déficit no Orçamento. A receita evoluía com a inflação, e a despesa estava fixada desde o ano anterior. Tinha um Orçamento que não refletia a realidade das contas públicas.

Tem um paper de 1993 do Edmar Bacha alertando que, quando fosse feita a estabilização, iria aparecer um déficit enorme. O que aconteceu em 2021, guardadas as proporções, foi a mesma coisa.

A inflação turbinou a receita. Você produziu artificialmente um resultado primário que não vai durar. Tanto que em 2022 ele piora novamente. A dívida vai ficar pelo menos dois pontos percentuais do PIB mais alta até o final do ano, vai ter déficit primário em torno de 1,5% do PIB.

Não é o fim do mundo, mas é uma situação muito delicada. Não dá para simplesmente dizer que houve melhora na situação fiscal. Não houve melhora estrutural. O que houve foi uma leniência com a inflação que produziu efeitos fiscais positivos que são conhecidos na literatura. O fato é que a inflação ajudou.

A relação dívida/PIB caiu de 89% em fevereiro para 81% em novembro de 2021. Isso também foi resultado da inflação? O fator preponderante foi a inflação elevada. Primeiro porque ajudou a elevar a arrecadação em termos nominais. O resultado primário (receita menos despesa) melhorou muito. Estados e municípios também foram beneficiados e devem terminar o ano com superávit.

O aumento da inflação afetou o PIB nominal mais do que se esperava. Ninguém projetava dívida a 83% do PIB, até que, em julho, quando se começou a perceber que a inflação ficaria elevada até o fim do ano e que aquilo já tinha tido um efeito expressivo no PIB nominal, todo o mundo ajustou as projeções.

Claro que houve também dois outros fatores importantes, que foram a reforma da Previdência e o congelamento dos salários dos servidores civis, porque os militares tiveram reajuste.

Mesmo temporária, essa ajuda da inflação poderia ser vista como bem-vinda? É bom que a dívida fique em 83% e não acima de 95%, como muitos projetavam, inclusive nós. É positivo, mas a taxa de juros está muito mais alta. A Selic está em 9,25% ao ano, e a inflação esperada para 2022 é de 5,05%. Estamos falando de uma taxa real de juros de 4% a 4,2%. Isso significa que, para estabilizar uma dívida de 83% do PIB, se o país crescer 1% em 2022, precisaremos de um superávit primário de 2,5% do PIB. O déficit projetado para 2022 é em torno de 1,5%.

O tamanho do desafio fiscal continua enorme. O juro vai corroer todo esse ganho e vai exigir um superávit muito alto para estabilizar a dívida. Por isso que, nas nossas projeções, a dívida ainda cresce nos próximos anos.

É possível conviver com esse endividamento elevado? Não é uma trajetória insustentável. A gente projeta que o resultado primário vai melhorar a médio prazo, mas o nível de endividamento do Brasil é cerca de 30 pontos percentuais do PIB maior do que a média em países em desenvolvimento.

Preocupa inclusive que você veja por aí alguns analistas enaltecendo essa melhora em 2021, quando ela foi quase totalmente explicada pela inflação e ainda há esse desafio fiscal enorme para os próximos anos. Com a inflação estabilizando em 2022 e 2023, o juro volta a diminuir. Por isso o cenário-base da IFI não é explosivo para a dívida/PIB.

Temos o cenário pessimista. Por exemplo, se em 2023 quem assumir a Presidência não conseguir restabelecer o mínimo de credibilidade.

Quem assumir vai ter de partir do zero. O teto de gastos simplesmente foi abolido. Ele continua valendo na letra da Constituição, mas na prática não existe mais. Quem ganhar em 2022 vai ter de dar um direcionamento novo para a política fiscal e que tenha como norte a sustentabilidade da dívida no horizonte de quatro ou cinco anos.

Esse desafio não é impossível, mas também não é uma coisa simples, como alguns estão dizendo por aí. Se a taxa real de juros ficar em 4% e o crescimento econômico voltar para 2% em 2023 e 2024, você ainda vai precisar de um esforço fiscal primário de até 2% do PIB para estabilizar essa dívida. Se vamos sair de um déficit de 1,5%, temos de 3,5 pontos a 4 pontos do PIB de esforço fiscal, o que dá quase R$ 400 bilhões de ajuste.

Representantes de pré-candidatos à Presidência têm apontado a necessidade de rever ou até acabar com o teto. Qual poderia ser a nova âncora fiscal? O grande medo que os agentes econômicos tinham era que a eleição de 2022 levasse à escolha de um grupo político que abandonasse o teto de gastos. Isso já se materializou, porque o próprio governo Bolsonaro resolveu abandonar o teto. É uma mudança tão expressiva, pela nossa conta de R$ 112,6 bilhões de espaço aberto para 2022, que na prática significa a invalidação do teto como concebido em 2016.

O teto de gastos foi positivo enquanto durou. Ajudou a derrubar a dívida, melhorar as escolhas alocativas, aprovar a Previdência, mas ele tinha problemas desde a sua concepção. Foi mal desenhado. A única válvula de escape é o crédito extraordinário. E também preconizava um ajuste muito duro a partir de um certo momento e nenhum nos anos iniciais. Por isso ficou impossível de cumprir na ausência de mudanças estruturais do lado da despesa.

O fundamental é que precisa haver compromisso político em torno do ajuste fiscal. Se não houver isso, não tem regra que resolva.

Há espaço para fazer ajuste e ampliar gastos sociais e investimentos? A discussão mais importante para 2023 vai ser como resgatar a responsabilidade fiscal, mas também garantir o espaço necessário para os gastos que vão aumentar. Por exemplo, o gasto com saúde e o gasto social tendem a aumentar na próxima década. Os países da OCDE, até 2050, vão aumentar o gasto com saúde em oito pontos percentuais do PIB, por causa do envelhecimento. No Brasil, ainda não há estudo nesse sentido. Isso vai ter de entrar na discussão da nova regra fiscal em 2023. Você vai ter de dar conta também de aumentar o investimento público, que vai ter um papel importante no resgate de investimento privado.

Vai ser difícil. Acho que não vamos escapar de um ajuste também pelo aumento da carga tributária. Só pelo lado da despesa, já vimos que o Congresso, a sociedade e o próprio governo não estão dispostos a isso. Tanto que, agora que o teto ia exercer sua função, houve uma virada de mesa, para gastar R$ 112,6 bilhões a mais em 2022. E não é pelo gasto social, que vai custar de R$ 50 bilhões a R$ 55 bilhões. É para fazer os gastos aprovados no final do ano, emendas de relator e tudo isso.

É preciso colocar as forças políticas na mesa e decidir qual vai ser a forma da responsabilidade fiscal, se vai ser mais pelo lado da receita ou da despesa e que tipo de gastos estamos dispostos a cortar. Há gastos, inclusive tributários, que vêm sendo carregados por décadas sem uma revisão adequada a partir de uma avaliação técnica isenta.

O Mauro Benevides está certo na entrevista que ele deu [para a **Folha**]. É o investimento que está pagando o pato [com o teto de gastos]. E porque está pagando? Porque ninguém quer enfrentar os gastos obrigatórios.

Empresário aliado de Bolsonaro vai à Justiça para obter canal de TV digital

Anatel e Comunicações são contra pedido de Marcos Tolentino, que é dono da TV Rede Brasil

Julio Wiziack

BRASÍLIA Com pedido de indiciamento pela CPI da Pandemia, o empresário Marcos Tolentino, dono da TV Rede Brasil e amigo do presidente Jair Bolsonaro (PL), tenta obter na Justiça um feito inédito: o direito de ganhar, sem custos, um segundo canal digital de TV.

Na prática, segundo entendimento da Anatel (Agência Nacional de Telecomunicações) e do Ministério das Comunicações, o empresário pretende, via judicial, acumular dois canais digitais a partir de uma única concessão analógica.

Há uma década, quando a TV analógica foi desligada, cada radiodifusor receberia um canal digital correspondente. Na avaliação de técnicos do governo, caso obtenha sucesso, abriria espaço para que as demais emissoras questionassem todo o arcabouço jurídico do setor.

O empresário Marcos Tolentino, em depoimento no Senado para a CPI da Covid Adriano Machado - 14.out.21/Reuters

O Ministério das Comunicações e a Anatel afirmaram à Justiça que o pedido é estapafúrdio e ilegal. Mesmo assim, Tolentino insiste em seguir com o processo.

Em outro caso, o aliado de Bolsonaro fora beneficiado na pandemia por um decreto que permitiu aos concessionários de TV dividir suas frequências em até quatro blocos para transmitir sua programação própria por um deles e alugar para terceiros os demais.

Foi graças a isso que a Igreja Universal, do bispo Edir Macedo, outro amigo de Bolsonaro, passou a transmitir cultos e programação na rede aberta de TV.

Em relação aos canais digitais, no final do ano passado, à revelia dos órgãos competentes, a emissora do empresário, cujo nome oficial é Sistema Pantanal de Comunicação, passou a emitir sua programação de uma segunda estação do grupo, localizada na avenida Paulista, em São Paulo.

Os sinais deram interferência na rede da TIM, prejudicando chamadas de voz de mais de 4,3 milhões de clientes e conexões de internet de mais de 5,5 milhões em São Paulo, São Bernardo do Campo, Diadema, São Caetano do Sul, Guarulhos, Osasco e outros municípios da região metropolitana.

A operadora reclamou para a Anatel, que lacrou o transmissor da emissora na avenida Paulista e lavrou um auto de infração.

O grupo de Tolentino se aproveitou de um registro em duplicidade no sistema de distribuição de canais da Anatel, conhecido como Mosaico, para conseguir fazer com que dois canais digitais pudessem funcionar na mesma localidade e atrelados à mesma concessão da TV analógica.

O processo estava pendente de análise, justamente pela impossibilidade técnica e legal de que essa situação pudesse ocorrer.

À **Folha** Tolentino afirmou que o canal lacrado era primário e, portanto, não poderia causar interferências, motivo pelo qual recorreu à Justiça. Segundo ele, houve um equívoco. Consultados, o Ministério das Comunicações e a Anatel disseram que só comentam o caso nos autos do processo.

Um decreto de 2010, que definiu critérios de migração da TV analógica para a digital, determinou que "toda outorga [de concessão analógica] seria contemplada com a consignação de um canal digital".

À Justiça a Anatel afirmou que o Sistema de Comunicação Pantanal operava à época da digitalização no canal 50, na tecnologia analógica.

"Diante disso, foi consignado, à entidade, um canal de radiofrequência com largura de banda de 6 MHz [megahertz]. (...) A entidade obteve a consignação do canal digital 56 como par de seu canal analógico primário 50", respondeu a agência no processo.

No entanto, a Anatel explicou que "seria consignado o canal 56 da localidade de Barueri [na Grande São Paulo], com as coordenadas geográficas do canal em São Paulo [capital]".

O canal digital 56 foi então atrelado como par da concessão do grupo de Tolentino. No entanto, por equívoco, de acordo com a Anatel, ele foi cadastrado como canal secundário em São Paulo.

Um canal secundário opera de forma precária e sem direito a ter seus sinais protegidos, mas com o dever de evitar interferências em quem opera em caráter primário (com proteção).

Essa situação perdurou até que a telefonia celular começasse a operar na faixa de 700 MHz (megahertz), principal faixa de 3G e 4G. Antes da implementação do serviço, a Rede Brasil passou a operar em definitivo no canal 32 (digital).

No final do ano passado, no entanto, a emissora emitiu sinais a partir de São Paulo na frequência de 700 MHz, derrubando chamadas telefônicas e dificultando conexões de internet em toda a região metropolitana de São Paulo.

Frequência é uma avenida no ar por onde as empresas fazem trafegar seus sinais. Quando uma empresa ocupa a faixa da outra, ocorrem interferências.

A faixa de 700 MHz não pode mais ser explorada por radiodifusores porque foi leiloada para as operadoras de telefonia, que pagaram mais de R$ 10 bilhões pelo direito de uso e custos atrelados ao deslocamento dos sinais de TV para outra faixa.

Fiscais da Anatel então lacraram o transmissor da emissora de Tolentino e abriram um processo sancionador que segue em curso na agência reguladora.

Durante o recesso de final de ano, a Rede Brasil foi à Justiça contra a medida da Anatel e obteve uma liminar favorável até que o Ministério das Comunicações se manifestasse, o que ocorreu de forma tão célere que nem deu tempo de os fiscais da Anatel cumprirem a decisão liminar para deslacrar a estação da emissora.

Em recurso, Tolentino criticou ao juízo a eficiência do governo que, "em menos de 24 horas", tomou decisões pendentes há anos.

"Estranhamente, processos que estavam pendentes de decisão desde 2019 foram decididos e negados, em tempo recorde de 24 (vinte quatro) horas, causando estranheza o diminuto tempo levado pelo Ministério das Comunicações para: analisá-los; expedir Nota Técnica; assinar; e publicar o despacho. Tudo, repita-se, em impressionantes 24 (vinte e quatro) horas, contadas da decisão em que este Juízo estabeleceu prazo para esclarecimento da Anatel sobre o motivo pelo qual ainda não havia cumprido a decisão de deslacre do Canal 56D", escreve a defesa da empresa à Justiça.

No processo, o Ministério das Comunicações afirma, e demonstra, que o grupo —que agora solicita o pareamento com o canal 13D— já obteve o pareamento com o canal 32.

Amigo de Bolsonaro, Tolentino foi alvo da CPI da Pandemia por suspeita de ser sócio oculto da FIB Bank Garantias, companhia usada pela Precisa Medicamentos como intermediária para oferecer uma carta de fiança à Saúde em negociação suspeita para a compra da vacina Covaxin.

A comissão recomendou o indiciamento sob acusação de formação de organização criminosa e improbidade administrativa.

Sobre o processo em andamento, Tolentino afirma que houve afronta a uma decisão judicial.

"Existe um grande equívoco da administração pública ao manter o lacre do canal 56D legalmente outorgado, com base em um erro do cadastro [do canal no sistema Mosaico], em afronta direta a uma decisão judicial que, até agora, vem sendo solenemente ignorada", disse o empresário.

"Por fim, na hipótese de haver interferência entre os serviços, e considerando a condição de caráter primário do canal protegido contra interferência, caberia à Anatel sanar a suscitada interferência com a alteração do canal para outra [frequência]."

Hipermercado Extra; maioria dos pontos será transformada em unidades do Assaí Wikimedia Commons

Lojistas do Extra reclamam de processo de retirada

Há relatos de bloqueio da entrada e queixas quanto ao valor da indenização

Daniele Madureira

BRASÍLIA Imagine chegar para mais um dia de trabalho e encontrar a loja trancada com correntes, que impedem o acesso tanto dos funcionários quanto dos clientes. Foi o que aconteceu na quinta-feira (13) com os franqueados da fabricante de colchões Ortobom, no Extra Alcântara, no Rio de Janeiro, no Extra Montese e no Extra Mister Hull, ambos em Fortaleza (CE). A mesma coisa já havia ocorrido no dia 5 no Extra da Avenida Vasco da Gama, em Salvador, e no final de dezembro com o Extra Niterói (RJ).

O motivo para a atitude inusitada foi a rescisão unilateral do contrato de locação do Extra com os lojistas que têm pontos nas galerias que dão acesso aos hipermercados, ou nos estacionamentos.

Depois que o Extra, controlado pelo GPA (Grupo Pão de Açúcar), vendeu em outubro seus pontos para o Assaí (cujos principais acionistas são os mesmos do GPA), o GPA Malls, responsável pela locação dos espaços, começou um processo de esvaziar os hipermercados, o que passa pela rescisão unilateral dos contratos com os lojistas que tinham negócios nas galerias.

As lojas do Extra serão, na sua maioria, reformadas para se tornarem pontos da bandeira de atacarejo Assaí. Em troca, segundo apurou a **Folha**, o GPA vem oferecendo indenização considerada irrisória pelos lojistas: 10% das vendas do primeiro semestre de 2021, um período fraco em vendas devido à pandemia.

"Mas todos os nossos franqueados estão com o aluguel e demais obrigações contratuais em dia. Eles não podem impedir o acesso, se a própria loja do Extra continua funcionando", disse à **Folha** o diretor comercial da Ortobom, Rubens Francisco Dias Filho. Os casos das lojas acorrentadas foram resolvidos com a administração de cada loja, perante a ameaça de chamar a polícia.

Portão que dá acesso a loja fechado com corrente Ortobom

"Os contratos de locação são com a Ortobom, não com os franqueados. Mas eles enviaram aos lojistas um aviso de que o aluguel estava vencido e para desocuparem a loja em 30 dias", afirma Dias, que tem 22 lojas em hipermercados Extra. Segundo ele, a medida é uma maneira de intimidação aos lojistas.

Quem também vem observando essa prática é a Casa do Pão de Queijo. Com 20 franquias em lojas do Extra, a empresa informou que foi afastada das negociações de indenização pelo GPA Malls. "Ficamos muito incomodados com o processo, muito rápido e avassalador. Mas eles não quiseram que a bandeira interferisse. Simplesmente não me atendem no GPA", disse à **Folha** o diretor de expansão da Casa do Pão de Queijo, Ricardo Bertucci.

Um franqueado da Casa do Pão de Queijo do Extra Anhanguera recebeu uma proposta de indenização de R$ 38 mil, equivalente a 10% do que ele investiu no negócio, e foi avisado 15 dias antes do fechamento do hipermercado.

"Eles estavam lá uma vida inteira", diz Bertucci. "Era o ganha pão de um casal".

Não existe garantia de que, depois de encerrada a reforma do ponto, o lojista possa voltar na administração Assaí. Para alguns franqueados da Casa do Pão de Queijo, por exemplo, foi informado de que a empresa não pretende reservar espaços para galeria.

Quem resolveu se manter nos Extras desde novembro começou a enfrentar desconforto físico. O ar condicionado dos ambientes foi desligado, o acesso ao estacionamento foi bloqueado, e até o uso do banheiro foi impedido.

Alguns lojistas resistem. A Abrasel (Associação Brasileira de Bares e Restaurantes) confirma ter recebido queixas de associados quanto ao processo. Em Belo Horizonte, uma franqueada da Cacau Show acionou a Justiça para manter a operação, mesmo com a unidade do Extra fechada.

Além de Ortobom, Casa do Pão de Queijo e Cacau Show, relatos ouvidos pela reportagem indicam que o embate com o Extra atinge também franqueados de outras grandes marcas, como Giraffas, Rei do Mate, Oakberry e O Boticário. Nem todos concordam em falar, temendo represálias por parte do GPA Malls, com quem ainda estão em negociação.

"Os clientes estão sendo muito prejudicados: as lojas foram fechadas ou estão com vendas comprometidas, já que o próprio Extra não repõe mais os estoques. As propostas de indenização são pífias, e nem de longe cobrem todos os prejuízos", diz o advogado Daniel Cerveira, que representa algumas redes na negociação com o GPA Malls.

Além disso, afirma Cerveira, a comunicação do GPA foi falha: não foi instituído um comitê para receber os locatários dos espaços e preparar a transição para o encerramento das operações.

"Uma conduta passível de ser criticada", afirma. Segundo ele, a atitude não condiz com a de uma empresa que preza pelos conceitos ESG — de governança ambiental, social e corporativa.

Empresa nega que impeça acesso a estabelecimentos

OUTRO LADO

Procurada pela reportagem, o GPA informou, por meio da sua assessoria de imprensa, que "não está impedindo parceiros e lojistas de acessar seus espaços".

De acordo com a companhia, em outubro de 2021 foi comunicado o fim do hipermercado Extra. "Das 103 lojas da rede, 70 pontos comerciais serão convertidos em Assaí, e as demais 33 unidades serão transformadas em outros formatos do GPA ou fechadas", informou a empresa.

Leia a íntegra da nota enviada à **Folha**:

"O GPA esclarece que, independentemente do encerramento das atividades do Extra Hiper, sempre prezou e continuará prezando pelo relacionamento com seus parceiros lojistas, e que a proposta apresentada a eles leva em consideração as características contratuais e as eventuais intervenções que poderão acontecer nos espaços com o novo empreendimento. Vale esclarecer que, neste momento, as negociações estão sendo realizadas pelo GPA, empresa responsável pela gestão das galerias das unidades de hipermercados, individualmente com cada lojista. Nos próximos meses, o GPA fará a cessão desses contratos para o Assaí".

"Em relação aos lojistas que permanecerão após a abertura do Assaí, a expectativa é que eles tenham um aumento de fluxo significativo, de pelo menos duas vezes mais quando comparado ao que era registrado anteriormente. Por fim, o tempo que essas 70 unidades negociadas com o Assaí ficarão fechadas depende do cronograma de obras da empresa atacadista, o que ainda será definido e combinado com cada lojista."

Samuel Pessôa
O colunista está em férias

Dona do Sonrisal e do Eno rejeita oferta de R$ 380 bi da Unilever

FINANCIAL TIMES | LONDRES E MIAMI A GSK (GlaxoSmithKline) recusou uma oferta de £ 50 bilhões (R$ 380 bilhões) da Unilever para adquirir sua joint venture de saúde do consumidor com a Pfizer, sob o argumento de que ela "fundamentalmente subvaloriza" a empresa e suas perspectivas futuras.

A empresa vem se preparando para separar a divisão, uma joint venture com a Pfizer que, no Brasil, é dona, entre outros produtos, da pasta de dentes Sensodyne, do sal de frutas Eno, do Sonrisal, do CataflamPro, do Advil e do Centrum.

A GSK disse que recusou três abordagens, incluindo uma de £ 50 bilhões que incluía £ 41,7 bilhões em dinheiro e £ 8,3 bilhões em ações da Unilever, feita em 30 de dezembro.

"O conselho da GSK concluiu por unanimidade que as propostas não eram do melhor interesse dos acionistas da GSK, pois basicamente subvalorizavam o negócio de produtos de saúde do consumidor", disse a companhia em um comunicado.

"O conselho da GSK, portanto, continua focado em executar sua proposta de cisão do negócio de produtos de saúde do consumidor, para criar uma nova companhia global independente de consumo líder da categoria que, dependendo da aprovação dos acionistas, deverá ser realizada em meados de 2022."

A Unilever que tinha "abordado a GSK e a Pfizer sobre uma potencial aquisição do negócio, mas não quis comentar se vai tentar uma oferta mais alta.

Tradução de Luiz Roberto Mendes Gonçalves

esg

Eric Pedersen

Investidores devem olhar para empresas que alinham sua trajetória à redução de carbono

Para diretor da Nordea Asset Management, excluir do portfólio companhias sem compromissos sociais e ambientais claros serve para enviar mensagem ao mercado

ENTREVISTA

Lucas Bombana

SÃO PAULO Com cerca de € 393 bilhões (R$ 2,5 trilhões) em ativos sob gestão, a escandinava Nordea Asset Management é uma das referências globais em investimentos sob a ótica ESG (sigla em inglês para ambiental, social e de governança).

Em 2020, a gestora virou notícia ao sacar da carteira ações do frigorífico JBS por não enxergar melhorias em governança ambiental. Após o episódio, a empresa disse seguir "rigorosa política de controle de compra de matéria-prima".

"Devemos deixar claro que nossa paciência tem limites e que a exclusão é, em alguns casos, necessária para enviar uma mensagem clara às empresas que estão atrasadas nesse processo", diz Eric Pedersen, diretor da área de investimentos responsáveis da Nordea Asset Management.

"Investimos em empresas que ajudam a acelerar a transição para uma energia limpa e a eliminação de combustíveis fósseis, e desinvestimos de empresas que estão retardando essa transição."

*

Eric Pedersen, 54
É diretor da área de investimentos responsáveis da Nordea Asset Management, gestora de recursos escandinava com R$ 2,5 trilhões sob administração. Formou-se em economia pela Universidade de Copenhague (Dinamarca), e, após concluir a tese de mestrado sobre reforma econômica na Índia, começou a carreira na ONU como economista júnior no Pnud (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento) na República do Mali, África

Divulgação

Como a Nordea Asset Management tem acompanhado o processo de transição energética em curso na economia global? Os custos de mitigação envolvidos na prevenção de novos aumentos de temperatura provavelmente afetarão adversamente os retornos dos ativos até pelo menos meados do século. De modo geral, as economias emergentes parecem ser as mais afetadas pelas mudanças climáticas.

Por outro lado, existem oportunidades de investimento substanciais na própria transição climática, onde a China é um dos maiores mercados potenciais.

Segundo um estudo da Nordea, enquanto as temperaturas globais forem mantidas em cerca de 2°C acima do nível pré-industrial, os países europeus, e os nórdicos em particular, parecem ser os menos afetados. Esse resultado é uma combinação de vários fatores. A temperatura média atual é suficientemente baixa, de forma que um aumento moderado, na verdade, elevaria a produtividade.

Isso se deve em parte à gama de condições em que os próprios seres humanos são mais produtivos, mas também porque a maioria das economias europeias depende menos diretamente do capital natural que pode ser destruído em consequência das mudanças climáticas do que, por exemplo, um país como o Brasil.

Quais as melhores maneiras de os investidores se posicionarem para aproveitar ao máximo o processo de transição energética? Os investidores devem olhar para as empresas que têm buscado alinhar sua trajetória com as metas de redução de carbono do Acordo de Paris, empresas que começaram a investir na construção de soluções e processos para uma economia mais verde.

A política de investimento responsável da Nordea determina nosso compromisso de termos um portfólio alinhado com as metas do Acordo de Paris, o que significa que as estratégias de investimento devem ser consistentes. E a medida mais importante que podemos tomar para limitar o aquecimento global é reduzir as emissões a partir de combustíveis fósseis.

Por isso investimos em empresas que ajudam a acelerar a transição para energia limpa e desinvestimos de empresas que estão retardando essa transição. Devemos deixar claro que nossa paciência tem limites, e que a exclusão é, em alguns casos, necessária para enviar uma mensagem clara às empresas que estão atrasadas nesse processo.

Como funciona o trabalho de engajamento da área de investimento responsável da Nordea Asset Management com as empresas investidas nas carteiras? Acreditamos que a melhoria da gestão de riscos é vital para gerar retorno com responsabilidade e que o engajamento pode resultar em vantagem competitiva, aumentando a probabilidade de sucesso das empresas a longo prazo.

O envolvimento com as empresas investidas nos permite abordar riscos e oportunidades de sustentabilidade relevantes. O diálogo nos permite expor nossas expectativas sobre o comportamento empresarial e apoiar as empresas na melhoria de seu desempenho em sustentabilidade.

O sr. pode citar alguns exemplos de empresas em que a Nordea Asset Management promoveu o trabalho de engajamento de maneira bem-sucedida? A Samsung SDI é um exemplo. A empresa é especializada em tecnologia de íon de lítio, produzindo baterias recarregáveis para telefones celulares, painéis solares e veículos elétricos. O cobalto é uma matéria-prima fundamental para o negócio.

No entanto, 70% do suprimento global de cobalto é proveniente da RDC (República Democrática do Congo), onde a mineração geralmente não é regulamentada —ou é até mesmo ilegal—, com diversos relatos de abusos dos direitos humanos, incluindo trabalho infantil.

> Investimos em empresas que ajudam a acelerar a transição para energia limpa e desinvestimos de empresas que estão retardando essa transição

> A medida mais importante que podemos tomar para limitar o aquecimento global é reduzir as emissões a partir de combustíveis fósseis

Solicitamos à Samsung SDI que garantisse que seu suprimento de cobalto fosse de origem sustentável certificada. Após uma visita de campo à Coreia do Sul, em 2017, pedimos à empresa que fizesse uma auditoria, de modo a aumentar a transparência de sua cadeia de fornecimento.

Como resposta, a Samsung SDI criou uma ferramenta de gerenciamento de risco. A empresa tomou medidas para garantir uma linha de fornecimento com total transparência, mas também está trabalhando com pares do setor para resolver o problema em nível governamental.

Além de continuar a trabalhar em torno da transparência da cadeia de abastecimento, encomendamos um relatório que deverá ser publicado no próximo ano, revisando os riscos ESG na indústria de mineração de cobalto na RDC.

Há também o caso da Xcel Energy, empresa que fornece eletricidade e gás natural para clientes de varejo nos Estados EUA. Antes do início do nosso engajamento, a companhia baseava 60% de sua geração de eletricidade em carvão e outros combustíveis fósseis.

Trabalhamos para que a empresa se alinhasse às metas estabelecidas pela iniciativa Climate Action 100+, que visa garantir que os maiores emissores corporativos de gases de efeito estufa tomem as medidas para mitigar os efeitos das mudanças climáticas.

Poucos meses após o início do engajamento, a Xcel se tornou a primeira do setor a se comprometer com o fornecimento de eletricidade 100% livre de emissões até 2050. Também se comprometeu a uma redução de 80% nas emissões associadas à eletricidade até 2030.

Embora a empresa ainda não tenha um plano detalhado para atingir suas metas após 2030, as metas de 2050 estão estabelecidas.

O diálogo contínuo com a companhia está atualmente focado em esforços no período de 2020 a 2030 e nas possibilidades concretas de realizar fechamentos mais cedo do que o planejado de usinas a carvão, com adição de maior capacidade renovável.

Quais empresas brasileiras se destacam no ranking ESG da Nordea? Posso mencionar as cinco empresas brasileiras que atualmente detemos em nossa estratégia de ações "Emerging Stars ESG": Itaú Unibanco, BR Properties, Lojas Renner, Hapvida e Raia Drogasil. Para entrar nessa seleção, fazemos uma análise completa dos aspectos ESG, como informações a respeito de suas práticas comerciais e controvérsias.

A Renner, por exemplo, tem fortes práticas de governança ao longo de toda sua cadeia de suprimentos, com um código de conduta que precisa ser seguido pelos fornecedores. A política da Raia Drogasil de contratar pessoas da comunidade local, contribuindo dessa maneira com o desenvolvimento da região, também é uma ação que avaliamos de forma positiva.

No caso do Itaú, o fato de um grande banco ter poucas questões controversas relacionadas ao seu nome já representa uma importante conquista, em nossa avaliação. O banco também tem adotado medidas na frente de responsabilidade social, como por meio do programa "Todos pela Saúde", ou via concessão e extensão de linhas de crédito a clientes atingidos pela crise do coronavírus.

Como a Nordea Asset Management avalia a evolução dos últimos anos no engajamento dos mercados emergentes em relação aos investimentos responsáveis, sejam por empresas ou investidores? Nos mercados emergentes, geralmente há pouca divulgação em relação aos riscos ESG. Portanto, antes de comprarmos a ação de uma empresa, precisamos nos encontrar, de preferência pessoalmente, e fazer perguntas.

Aproveitamos muitas das oportunidades para nos envolvermos ativamente com as empresas de modo a gerar mudanças benéficas. Nossos esforços de engajamento incluem trabalhar na melhoria da divulgação de informações.

Felizmente, estamos vendo melhorias na divulgação ESG em mercados emergentes. Por exemplo, a Bolsa de Valores de Hong Kong, uma das principais da Ásia, está em processo de tornar a divulgação de riscos ESG uma responsabilidade dos conselhos.

Os mercados emergentes representam uma oportunidade de empolgante, na medida em que buscamos empresas que possam se tornar "ESG Stars" no futuro. Quando identificamos empresas que demonstram esse potencial, trabalhamos com elas para examinar as áreas onde suas credenciais ESG podem ser aprimoradas e padronizadas.

Brasileiros que dizem ter contraído Covid são o dobro da cifra oficial

Pesquisa Datafolha aponta que 42 milhões de pessoas com 16 anos ou mais afirmam ter recebido diagnóstico

Isabela Palhares e Cláudia Collucci

SÃO PAULO Um em cada quatro brasileiros com 16 ou mais anos de idade diz ter recebido diagnóstico de Covid desde o início da pandemia, o que representa cerca de 42 milhões de pessoas infectadas, segundo pesquisa do Datafolha. O número é quase o dobro do total de casos registrados oficialmente no país.

A pesquisa foi feita por telefone nos dias 12 e 13 de janeiro, com 2.023 pessoas de 16 anos ou mais em todas os estados do Brasil. A margem de erro é de dois pontos percentuais para mais ou para menos.

Segundo o levantamento, 25% dos entrevistados disseram ter feito teste que confirmou a infecção pelo vírus, o que significa 41,95 milhões de pessoas contaminadas desde março de 2020. Os registros oficiais, coletados pelo consórcio de imprensa, somaram, até esta quinta (13), 22,8 milhões de casos confirmados para a doença em todo o período da pandemia.

Os dados oficiais de casos positivos reunidos pelo consórcio se referem a todas as idades. Já os do Datafolha só indicam as infecções em quem tem mais de 16 anos, o que aponta para uma subnotificação ainda maior nas estatísticas do país.

Para especialistas ouvidos pela **Folha**, a diferença entre os números não surpreende, já que o país tem problemas na sistematização dos dados de infectados.

Depois de quase dois anos desde o início da pandemia, o Brasil não tem nem sequer padronização para o envio dos dados de testes com resultado positivo a serem contabilizados pelo governo federal, afirmam especialistas.

Somam-se a isso o alto número de testes rápidos de Covid-19 feitos em farmácias ou unidades volantes que não entraram nas estatísticas oficiais, problemas dos sistemas de informação entre os municípios, estados e o Ministério da Saúde e a falta de estímulo das equipes para a notificação dos casos positivos.

"Os casos oficiais representam apenas a ponta visível do iceberg. A parte submersa, os casos não captados pela estatística oficial, é muito maior. Isso decorre de uma política fracassada de testagem", diz o epidemiologista Pedro Hallal, coordenador do estudo Epicovid-19.

"O dinheiro do povo foi usado para produzir placebo, a cloroquina, e não para investir em testes ou máscaras, que são coisas que realmente funcionam para frear a pandemia", completa.

Os dados do Datafolha apontam ainda que a subnotificação tem aumentado no país. Segundo a pesquisa, 3% dos entrevistados disseram ter tido Covid nos últimos 30 dias, o que representa 4 milhões de pessoas. O número é o sêxtuplo do que indicam os registros oficiais do período, que contabilizam 621.530 casos positivos, conforme o consórcio de imprensa.

Segundo os especialistas, o aumento da subnotificação no último mês está relacionado ao apagão de dados que ocorre no país desde que os sistemas do Ministério da Saúde foram derrubados por ataques de hackers, em dezembro, e também à chegada da variante ômicron.

O médico infectologista Esper Kallás, professor da USP e colunista da **Folha**, explica que, por ser altamente transmissível, a ômicron tem contaminado tanto as pessoas que já tiveram Covid quanto as que já foram vacinadas contra a doença, por isso, a tendência é de aumento da subnotificação. "Os dados do governo sempre ficam muito aquém da realidade."

A pesquisa do Datafolha mostra também que o número de pessoas com sintomas que podem ser de Covid nos últimos 30 dias é elevado — muito superior ao dos que dizem ter contraído o vírus e recebido teste positivo.

Dos entrevistados, 30% disseram ter tido tosse e nariz entupido (o que representa 50,3 milhões de pessoas), 22% relataram ter tido febre (36,9 milhões) e 9%, falta de ar (15,1 milhões), no período.

Apesar do alto percentual de pessoas com sintomas, só 17% dos entrevistados dizem ter feito exame para a Covid. Para os especialistas, isso ocorre em razão da indisponibilidade de insumos e da ausência de recomendação clara para a testagem de casos suspeitos. O resultado é a detecção do vírus apenas nos casos mais sérios e/ou que demandam internação.

A pesquisa mostra ainda que a maior proporção de pessoas com testes positivos para a doença está entre os de maior renda. Entre aqueles que têm renda superior a 10 salários mínimos, 37% disseram ter recebido teste positivo para o vírus. Já entre os que têm renda de até 2 salários mínimos, 19% foram detectados com Covid.

Os mais jovens também relatam ter sido mais contaminados. Na faixa etária de 16 a 24 anos, 28% disseram ter recebido teste positivo para a Covid. Entre os que têm 25 a 34 anos, foram 29%. Entre 35 e 44 anos, 31%. A proporção cai para 25%, entre 45 e 59 anos, e 14%, para quem tem 60 anos ou mais.

O médico sanitarista Claudio Maierovitch, da Fiocruz de Brasília, diz que a testagem no Brasil não tem servido para controle da doença, ou seja, para isolar as pessoas, orientar sobre a quarentena ou qualquer outra estratégia de vigilância.

"A testagem está servindo apenas para contabilidade. Aquilo que a gente espera da vigilância em saúde ou da vigilância epidemiológica está se resumindo à contagem de casos. Se não serve para nada, é mais um motivo para as pessoas não se preocuparem em notificar. Se a informação não é útil, as pessoas deixam de alimentar o banco. Isso acontece em vários sistemas de informação", diz Maierovitch, que já presidiu a Anvisa e foi diretor de vigilância de doenças transmissíveis do Ministério da Saúde.

Os especialistas explicam que uma boa política de testes, como a adotada no Reino Unido e na Alemanha, envolve a testagem assistencial (de pessoas com sintomas ou que tiveram contato com alguém doente), amostral (para identificar assintomáticos) e a de vigilância genômica (para identificar variantes). "Em cada uma das três o Brasil é um fracasso", resume Hallal.

Para Wallace Casaca, coordenador da plataforma Info Tracker, sem os dados de infectados, o Brasil administra a pandemia às cegas e, por isso, não consegue adotar medidas para evitar a cadeia de transmissão do vírus.

"Não há uma visão fidedigna do vírus no país e só conseguimos entender o tamanho do problema quando explodem os dados de internação e óbito, que é quando há muito pouco a fazer", diz.

Para o epidemiologista Paulo Lotufo, professor da USP, a subnotificação é mais um capítulo das coisas mal explicadas da gestão da pandemia de Covid no Brasil. "Onde estão os números?"

Uma exigência do Ministério da Saúde também pode explicar parte da subnotificação de casos. Desde agosto de 2021, a pasta passou a pedir a inclusão do número de lote e do nome do fabricante dos testes de antígeno para a notificação dos casos identificados por meio deles na plataforma e-SUS Notifica.

Desde então, a quantidade de resultados positivos e negativos provenientes desses testes sofreu uma queda abrupta. O efeito da nova regra atinge principalmente o registro dos casos sintomáticos leves e que podem ajudar a entender a transmissão do coronavírus.

Sergio Mena Barreto, presidente da Abrafarma (associação das grandes redes de drogarias, onde são ofertados os testes rápidos de antígeno), diz que as unidades nunca deixaram de enviar as notificações, mas encontram dificuldade para o registro por falta de padronização no país.

"Somos obrigados a enviar as notificações, mas não sabemos como essas informações são processadas, já que cada município e estado tem regras diferentes. Em alguns locais, devemos informar à autoridade sanitária do município ou ao estado, outros liberam diretamente ao Ministério da Saúde. O Brasil tem uma colcha de retalhos dessa regra e não sabemos qual o tratamento que se dá aos dados desses testes", diz.

Segundo dados da associação, somente nesta quinta-feira (13), as farmácias do país realizaram 86 mil testes de Covid, com uma positividade de 39,25%, o que significa a identificação de 33.755 infecções. O número representaria 30% dos casos contabilizados oficialmente pelos estados. No entanto, não é possível saber se esses dados estão de fato dentro dos registros oficiais.

Os casos oficiais representam apenas a ponta visível do iceberg. A parte submersa, os casos não captados pela estatística oficial, é muito maior. Isso decorre de uma política fracassada de testagem

Pedro Hallal
coordenador do estudo Epicovid-19

A testagem está servindo apenas para contabilidade. Aquilo que a gente espera da vigilância em saúde ou da vigilância epidemiológica está se resumindo à contagem de casos. Se não serve para nada, é mais um motivo para as pessoas não se preocuparem em notificar. Se a informação não é útil, as pessoas deixam de alimentar o banco

Claudio Maierovitch
médico sanitarista da Fiocruz

só conseguimos entender o tamanho do problema quando explodem os dados de internação e óbito, que é quando há muito pouco a fazer

Wallace Casaca
coordenador do Info Tracker

Parcela da população que declara já ter pegado Covid é o dobro da registrada nos estados

Mais jovens relatam maior contaminação

3% dos entrevistados declara ter pegado Covid nos últimos 30 dias

Pessoas que dizem ter pegado Covid nos últimos 30 dias

Você pegou o coronavírus e teve Covid nos últimos 30 dias?

Em %

Declara ter sido contaminado	3
Declara não ter sido contaminado	94
Não sabe se foi contaminado	3

*Considera a população de 16 anos ou mais **Dados oficiais informados pelas secretarias de Saúde ao consórcio de imprensa até quinta-feira, sem distinção de faixa etária Fonte: Pesquisa Datafolha com 2.023 entrevistas por telefone com brasileiros adultos de 16 anos ou mais que possuem celular em todos os estados do país nos dias 12 e 13 de janeiro de 2022. A margem de erro é de dois pontos percentuais

Mais de 8 milhões não puderam fazer teste no último mês

Isabela Palhares e Isabella Menon

SÃO PAULO Em meio à explosão de casos de Covid, 8,1 milhões de brasileiros afirmam que não conseguiram encontrar testes para a doença em farmácias ou unidades de saúde nos últimos 30 dias, aponta a pesquisa do Datafolha.

Do total de entrevistados, 3% afirmam ter tido Covid no último mês, o que representa 4 milhões de brasileiros. Entre os 97% que relataram não ter contraído a doença, 5%, o equivalente a 8,1 milhões de pessoas, disseram não ter conseguido encontrar o teste.

O país corre risco de desabastecimento de testes no momento em que há projeção de uma escalada de casos, com estimativas de que o Brasil possa chegar a ter 1,3 milhão de infecções por dia.

O temor já levou a Associação Brasileira de Medicina Diagnóstica a recomendar aos laboratórios que priorizem a testagem em pacientes com sintomas mais graves.

A indisponibilidade de testes já atinge as redes públicas e privadas do país, levando pessoas com sintomas a desistir do diagnóstico. Foi o que aconteceu com a publicitária Ulhiana Oliveira, 26.

Ela começou a apresentar tosse, dor no corpo, garganta inflamada e coriza na segunda (10) e iniciou uma saga para realizar o exame. Encontrou uma vaga em um laboratório, mas, no dia do exame, recebeu uma mensagem informando a suspensão do teste.

"Desisti e vou continuar em casa até o décimo dia [da doença]", diz ela, que mora com o namorado, que também não conseguiu o exame.

A dona de casa Roberta Costabile, 48, também desistiu de ser testada e até de receber atendimento médico. Ela, que mora em Atibaia, no interior de São Paulo, procurou um hospital da cidade depois de ter febre e dor de garganta.

Além da espera, que poderia durar até cinco horas, informaram que só fariam testes em casos com sintomas mais graves. "Eu realmente desisti", afirma.

Datafolha mostra a dimensão do 'elefante' da pandemia no país

Por falta de dados, entender a doença no Brasil é como descrever o lendário paquiderme que não enxergamos

ANÁLISE

Atila Iamarino

Entender a pandemia no Brasil e o que enfrentaremos com o espalhamento explosivo da variante ômicron é como descrever o lendário elefante que não enxergamos. Quantos brasileiros tiveram Covid? Quantos não se vacinaram? Quantos pretendem vacinar os filhos? Mesmo essas perguntas diretas têm mais de uma resposta.

Na parábola, um elefante é apalpado por vários cegos que tentam descrever o animal que não conheciam. Quem inspeciona a tromba acha que é uma cobra, quem toca as pernas acha que parece um tronco de árvore, quem toca o ventre imagina uma parede.

Todos oferecem uma perspectiva válida, mas incompleta. Mortes em excesso, números oficiais e relatos descrevem o elefante da pandemia, mas cada um descreve só uma parte. Agora o Datafolha traz outra parte do paquiderme.

Talvez seu rabo, que parece uma corda que começamos a puxar e vemos que tem muito mais preso na outra ponta. Como uma população cansada, que já se expõe bastante e está vulnerável à ômicron.

Segundo o Datafolha, cerca de 42 milhões de brasileiros receberam resultado positivo para a Covid. O painel oficial do Ministério da Saúde, atualizado pela última vez em 9 de dezembro de 2021, reporta quase 20 milhões de casos positivos a menos do que a pesquisa estima —já conforme o consórcio de imprensa, foram 22,8 milhões de casos até esta quinta-feira (13).

Outro número oficial, escrito em fonte mais discreta, descreve os quase 617 mil óbitos e a letalidade de 2,8% do novo coronavírus no Brasil. Uma letalidade três vezes maior do que a estimada para a doença. O que indica que tivemos pelo menos três vezes mais casos do que os oficiais.

Considerando as subnotificações e que muitos óbitos aconteceram quando já tínhamos vacinas sendo aplicadas, o que reduziu muito a letalidade do vírus, devemos ter passado dos 100 milhões de brasileiros com Covid.

A diferença entre os pelo menos 100 milhões e os 42 milhões do Datafolha pode estar na nossa testagem limitada. Além de desperdiçarmos milhões de testes, ainda testamos só casos mais graves em muitas regiões. Tanto que 70% dos entrevistados declararam não ter sido contaminados pela Covid, número incompatível com nossa realidade.

Já os 20 milhões de testes positivos que não foram para nosso painel oficial demandam uma revisão importante do sistema de notificação. O atraso descabível dos números oficiais, desatualizados por mais de um mês, é um dos sinais das dificuldades que o sistema que o governo já tentou tirar do ar enfrenta.

Independente da descrição mais próxima do elefante real de casos, se não tivéssemos vacinas e se todos os curados estivessem protegidos, ainda poderíamos ter pelo menos meio país vulnerável.

Ou, olhando esse elefante por outro lado, ainda poderíamos ver o dobro de mortes se seguíssemos o sonho de quem promove o contágio como forma de proteção na imunidade de rebanho.

Felizmente, nos vacinamos muito. Segundo o Datafolha, só 10% dos brasileiros com 16 anos ou mais ainda não tomaram duas doses de vacina. E só 2% não se vacinaram nem pretendem se vacinar. Um forte sinal de que nosso movimento antivacina conta com muitos não praticantes que falam mal da vacina em público, mas já carimbaram sua carteirinha de vacinação.

A diferença para a estimativa de 100% da população adulta vacinada, registrada em algumas cidades, tem explicações. Os 100% totais são estimados com base no último Censo, de 2010. E muitas cidades ainda têm uma população flutuante de trabalhadores e visitantes que não aparecem nos números oficiais.

Por isso, números oficiais podem passar dos 100% dos adultos vacinados. Os 90% do Datafolha podem indicar algo mais próximo do real.

Outro aspecto do elefante indica que estamos entrando em outro período perigoso. Segundo a pesquisa, cerca de 4 milhões de brasileiros acreditam que tiveram Covid nos últimos 30 dias. Mas outra resposta é ainda mais intrigante. Mais de um quarto dos entrevistados, o equivalente a 50 milhões, afirmam ter tido gripe nos últimos 30 dias.

Temos uma epidemia de gripe, sem dúvidas. Mas a ômicron é o vírus com o espalhamento mais rápido que a humanidade já viu. Ela é pelo menos três vezes mais transmissível do que a gripe.

Os sintomas mais comuns da ômicron em vacinados são bem parecidos com os da gripe, como nariz escorrendo, congestão nasal e garganta raspando. Provavelmente, muitos estão com Covid e confundem com a gripe, graças à proteção das vacinas.

Mas não estamos tranquilos. Apesar da proteção que vacinados ainda têm mesmo contra hospitalização pela ômicron, se ainda tivermos 10% dos adultos sem vacina, podemos esperar um grande estrago. No Reino Unido, mais de 60% dos leitos de UTI são ocupados pelos menos de 10% da população que não se vacinaram. É uma parcela pequena que não se protegeu e que está sofrendo mais e ocupando mais o sistema de saúde. O elefante pode ser muito maior do que nossos sentidos nos informam.

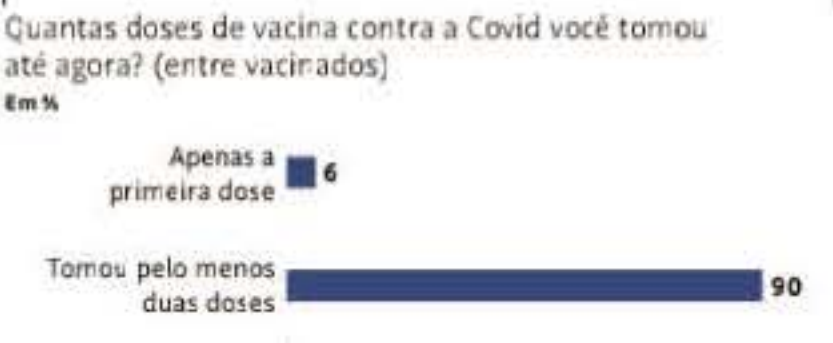
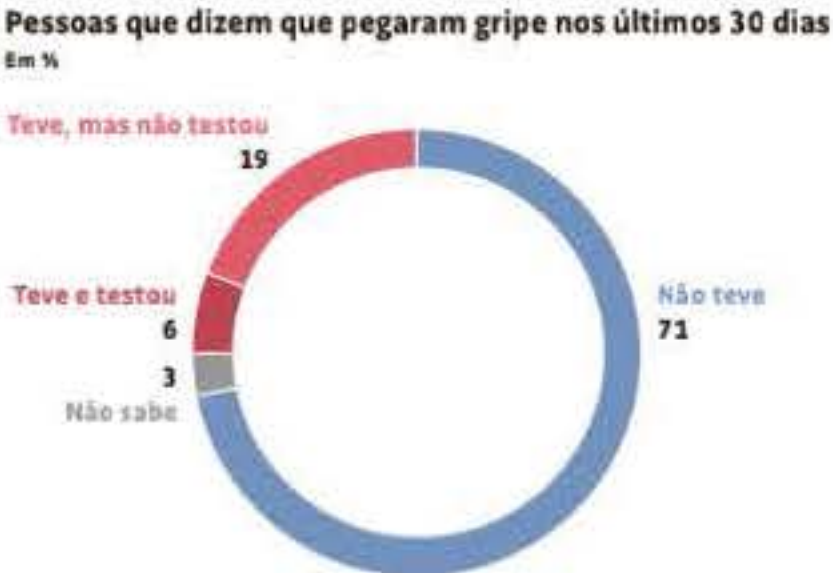
[...]

Os 20 milhões de testes positivos que não foram para nosso painel oficial demandam uma revisão importante do sistema de notificação. O atraso descabível é um dos sinais das dificuldades que o sistema que o governo já tentou tirar do ar enfrenta

Maioria da população diz que já se vacinou

Você já se vacinou contra a Covid? Pretende se vacinar?
Em %

Quantas doses de vacina contra a Covid você tomou até agora? (entre vacinados)
Em %

Quando você teve Covid, havia tomado alguma dose da vacina? Quantas?
Em %

20% passaram o Réveillon com mais de dez pessoas

Quantas pessoas aproximadamente havia no local em que você passou a noite da virada de 2021 para 2022, no Réveillon?
Em %

Pessoas que dizem que pegaram gripe nos últimos 30 dias
Em %

Procurou atendimento médico para tratar dos sintomas da gripe?
Em %

Nos últimos 30 dias, teve gripe?
Em %

Alguém que mora na sua casa — 45
Algum parente, mas não mora na sua casa — 58
Algum amigo próximo — 57
Algum colega de trabalho, faculdade ou escola — 40
Total — 81

*Considera a população de 16 anos ou mais
**Dados oficiais informados pelas secretarias de Saúde ao consórcio de imprensa até quinta-feira, sem distinção de faixa etária
Fonte: Pesquisa Datafolha com 2.023 entrevistas por telefone com brasileiros adultos de 16 anos ou mais que possuem celular em todos os estados do país nos dias 12 e 13 de janeiro de 2022. A margem de erro é de dois pontos percentuais

Maioria dos que tiveram Covid afirma que não estava vacinada à época

Phillippe Watanabe

SÃO PAULO Nove em cada dez brasileiros que afirmam ter contraído a Covid-19 não estavam com ciclo vacinal completo ou nem sequer estavam vacinados quando tiveram a doença, segundo pesquisa Datafolha.

Foram entrevistadas por telefone 2.023 pessoas maiores de 16 anos em todos os estados brasileiros, nos dias 12 e 13 de janeiro deste ano. A margem de erro é de dois pontos percentuais.

A informação que abre este texto diz respeito somente ao grupo que declarou ter tido Covid, 647 pessoas. Nesse grupo, 10% dos entrevistados estavam com ao menos duas doses da vacina.

O Datafolha aponta que pouco menos de 10% dos adultos do país afirmaram que não tinham a cobertura vacinal primária completa quando contraíram a doença. Isso representaria cerca de 15 milhões de brasileiros com mais de 18 anos e com menos de duas doses de vacina recebidas.

Aqui vale uma ressalva: o instituto não diferenciou a vacina da Janssen, de dose única —em linhas gerais, foi considerado que o imunizante em questão teria regime primário ideal de duas doses.

No fim do ano passado, o Ministério da Saúde anunciou a orientação de que todos que tomaram a vacina da Janssen devem tomar uma dose de reforço da mesma fabricante de dois a seis meses após a dose inicial. De acordo com a pasta, há um aumento significativo da proteção com o reforço.

O consórcio de veículos de imprensa, colaboração entre **Folha**, UOL, O Estado de S. Paulo, Extra, O Globo e G1, aponta que cerca de 68% da população total do Brasil já estão com esquema primário completo, ou seja, com duas doses de vacina ou com uma dose da Janssen —diferença importante de ser notada em relação aos dados do Datafolha. Para a população adulta, o consórcio aponta que 89,63% receberam duas doses ou o imunizante de dose única.

Ao serem contaminados pelo Sars-CoV-2, 76% dos entrevistados brancos afirmam que não tinham tomado nenhuma dose da vacina e 87% e 86% de pardos e pretos, respectivamente, respondem o mesmo.

Olhando por regiões, 79% dos entrevistados do Sudeste se contaminaram quando ainda não tinham tomado a vacina, contra 88% do Centro-Oeste e do Norte, e 87% do Nordeste.

Ainda segundo a pesquisa, 95% dos assalariados sem registro, ao ter Covid, não tinham tomado nenhuma dose do imunizante. Porcentagem tão alta —também 95%— se repete somente entre estudantes.

A taxa cai para 83% entre os assalariados registrados, para 69% entre funcionários públicos e para 65% entre aposentados.

Há também diferenças entre as pessoas com ensino superior que contraíram Covid sem ter tomado nenhuma dose de vacina (77%) e as com ensino médio (87%) e fundamental (83%).

A diferença é maior ao se observar as divisões por renda familiar. Cerca de 69% das pessoas com mais de dez salários mínimos de renda familiar mensal pegaram Covid ainda sem qualquer dose de vacina recebida. Para os que têm renda de até dois salários mínimos, a taxa sobe para 90%.

Os dados anteriores podem ser representações das diferentes pandemias vividas no Brasil, principalmente ao se considerar o período pré-vacinal, em 2020, e os primeiros meses de 2021, com imunização disponível apenas para alguns grupos etários, ao mesmo tempo em que a variante gama fazia o país acumular números elevados de casos e mortes.

Ao menos parte dos empregos formais, com salários costumeiramente mais elevados, possibilitavam o trabalho remoto e, consequentemente, menos deslocamentos e menos risco de contágio. Enquanto isso, outros trabalhos, principalmente os informais, com remuneração menor, resultaram em continuidade dos serviços e em um risco maior.

No Réveillon, 20% estavam com 11 ou mais pessoas

Dois em cada dez brasileiros passaram a virada de 2021 para 2022 em grupos de 11 ou mais pessoas, segundo pesquisa Datafolha.

Outros 19% afirmam ter passado a virada de ano com 6 a 10 pessoas. Isso quer dizer que cerca de 40% dos brasileiros passaram o Réveillon com 6 ou mais pessoas.

Os mais jovens, de 16 a 24 anos, foram os que mais passaram a data em grupos maiores do que 11 pessoas (29%). Cerca de 22% dos entrevistados com ensino médio completo e 24% com ensino superior fizeram o mesmo.

Na virada de 2020 para 2021, ainda sem vacinas, em meio à expansão da variante gama no país e ao aumento de casos no Brasil e no mundo, especialistas e entidades de saúde indicavam que o mais seguro seria passar as festas de fim de ano em casa, sem deslocamentos e preferencialmente só com quem morasse na própria casa.

Em compensação, na última virada de ano, com uma cobertura vacinal de ciclo primário (ou seja, duas doses de vacina) ampla na população adulta, especialistas apontavam que encontrar familiares seria algo possível.

Mas com alguns cuidados básicos, como só haver no evento pessoas totalmente vacinadas e com dose de reforço (se possível), uso de máscaras e, de preferência, em locais ventilados. E um outro ponto ainda mais importante: grupos pequenos.

A preocupação era o possível impacto que a ômicron poderia ter no país durante e após as festas de fim de ano. A variante tem uma capacidade de transmissão extremamente maior do que as anteriores. Logo no início deste ano os casos de Covid dispararam de modo nunca antes visto na pandemia.

A média móvel de infecções explodiu 733% em relação a duas semanas atrás, segundo dados coletados pelo consórcio de veículos de imprensa. A média passou de 8.180 infectados por dia, em 31 de dezembro, para 68.160 casos diários, na sexta (14).

As internações e ocupação de leitos de Covid também subiram rapidamente. Pelo menos um terço dos estados e dez capitais estão em alerta crítico ou intermediário para a ocupação de leitos públicos de UTI para a Covid, segundo boletim divulgado pela Fiocruz.

A OMS (Organização Mundial da Saúde) chegou a alertar que a disponibilidade de vacinas poderia criar uma falsa sensação de segurança.

1 Antonio Luís Moreira e a mulher, Tatiana Dinato, participam de testes da Pfizer; 2 o técnico em enfermagem Thiago Cuesta da Silva e 3 o hematologista Cesar de Almeida Neto foram voluntários em estudos da AstraZeneca; 4 e a pediatra Ana Escobar, da Coronavac Fotos Eduardo Knapp/Folhapress

Vacinação em massa orgulha voluntários em pesquisas

Mais de 55 mil participam de estudos de imunizantes contra Covid no país

Fábio Pescarini

SÃO PAULO No início de agosto de 2020, quando a cidade de São Paulo somava quase 10 mil mortes por Covid-19 e 240 mil casos confirmados da doença, Antonio Luís Mota Moreira, o DJ Tonyy, 58, assistiu a uma reportagem sobre o recrutamento de voluntários para a terceira fase de testes da vacina da Pfizer contra o novo coronavírus.

Viu ali a chance de dar uma segurança a mais para a mulher, a gerente de marketing digital Tatiana Dinato, 36, do grupo de risco por ser asmática. Os dois superaram o receio de participar de um projeto incerto e, na manhã seguinte, estavam no laboratório responsável pelo recrutamento na zona sul de São Paulo.

Tonyy e Tatiana fazem parte do grupo de mais de 55 mil pessoas que desde 2020 participam de estudos clínicos de vacinas contra a Covid-19 no Brasil, segundo a Anvisa (Agência Nacional de Vigilância Sanitária). Ao todo, são 11 projetos aprovados. No mundo, há 326 vacinas em desenvolvimento, das quais 132 na fase de testes clínicos.

No fim, Tonny, que queria adiantar a vacinação da mulher, é quem foi imunizado. Ela recebeu placebo.

O DJ tomou a primeira dose cinco meses antes do início da vacinação em geral, em 17 de janeiro de 2021, mês em que finalmente Tatiana foi imunizada no projeto da Pfizer.

Ambos não foram infectados, já tomaram a terceira dose e vão ser monitorados durante dois anos pelo projeto, que tem visitas periódicas para realização de exames, acompanhamento médico, aplicativo para preenchimento de questionário sobre o estado de saúde e um kit de teste para Covid em casa.

"Foi a coisa mais importante que fiz na vida. Fui voluntário de uma vacina que está salvando vidas", diz o DJ, sobre um sentimento comum entre os voluntários ouvidos pela **Folha**, o orgulho por ter colaborado com estudos que já garantiram a imunização completa de 145 milhões de pessoas no país.

"Vi muita coisa ruim nesta pandemia, tristes, por isso, quando soube da possibilidade de me voluntariar para vacina, achei que poderia contribuir para a saúde das outras pessoas", afirmou a enfermeira Jane Cristina Dias Alves, 44, coordenadora da UTI (Unidade de Terapia Intensiva) adulta do Hospital São Paulo, na zona sul da capital.

> "Diziam que eu seria cobaia, mas eu tinha era uma satisfação de dever cumprido
>
> **Cecília Tavares**
> enfermeira, voluntária em estudo da Coronavac

Jane foi voluntária na Unifesp (Universidade Federal de São Paulo) para o desenvolvimento da AstraZeneca. Ela recebeu a primeira dose em julho de 2020. E só soube que havia sido imunizada de verdade em janeiro de 2021, quando começou a vacinação dos profissionais da saúde e houve a abertura do "cegamento", que informa se a pessoa recebeu vacina ou placebo.

Ela ainda levou o voluntariado para casa. Seu pai de 72 anos fez parte dos estudos da Unifesp para a aplicação da AstraZeneca em idosos.

Jane não teve reações à injeção. O que não aconteceu com a enfermeira Cecília Tavares, 42, voluntária para estudos da Coronavac. Supervisora técnica da rede municipal de saúde na Vila Alpina, na zona leste, ela afirmou ter sentido o mal-estar relatado por algumas pessoas que são vacinadas. "Mas é um orgulho imenso participar de um projeto como esses."

Imunizada quando a campanha foi aberta ao público, ela pegou Covid-19 em abril do ano passado.

"Não tive medo pela garantia da vacinação, me sentia muito fortalecida", disse a enfermeira, que relatou as críticas feitas por colegas ao se inscrever no programa de estudos. "Diziam que eu seria cobaia, mas eu tinha era uma satisfação de dever cumprido."

Cesar de Almeida Neto, hematologista do Dasa Hospital 9 de Julho, na Bela Vista, na região central, afirmou ter sido chamado de louco quando disse que seria voluntário dos estudos da AstraZeneca. E não se esquece daquele 27 de setembro de 2020, quando tomou a primeira dose de um placebo na Unifesp.

"Na época pensei que, se a gente iria necessitar destas vacinas, era preciso que pessoas se voluntariassem. Fui sem medo", afirmou ele, que, sem ter sido imunizado no estudo, tomou a primeira dose da Coronavac em 20 de janeiro, quando a vacina foi aplicada em médicos do Hospital 9 de Julho. "Não me vi no direito de não aceitar a Coronavac porque estava na pesquisa [da AstraZeneca], para garantir, inclusive, a segurança dos meus pacientes."

"Colegas do Hospital das Clínicas falaram que estavam recrutando profissionais de saúde com mais de 60 anos para testes da Coronavac, daí falei na hora: 'sou eu'", brinca ainda hoje Ana Escobar, 63, pediatra e professora da Faculdade de Medicina da USP (Universidade de São Paulo), que recebeu a segunda dose da vacina em dezembro de 2020.

A médica, que foi infectada pelo vírus no ano passado e teve sintomas leves, afirmou ter sido um "prazer gigante" participar de algo que está acontecendo em todo o mundo e que ainda usa argumentos científicos para convencer outras pessoas a se vacinarem.

"Muitos me chamaram de corajosa, que fui cooptada", afirmou a bióloga Cristina Piratininga Jatobá, 58, que tomou dois placebos em estudo da AstraZeneca. "Só que não participei do projeto por ato de coragem, mas para colaborar com a ciência", afirmou.

Para Thiago Cuesta da Silva, 41, que trabalha em UTIs nos hospitais São Paulo e Samaritano Paulista, os voluntários podem ser considerados "pilotos que pegaram um avião em pane".

"Era preciso bater no peito e tentar achar algo que freasse tudo que acontecia", disse o técnico em enfermagem, que fez parte dos estudos da Oxford/AstraZeneca.

cotidiano

Reprodução Observatório IDS

METEORO É VISTO EM CIDADES DE SÃO PAULO, MINAS GERAIS E GOIÁS

Moradores de cidades de Minas Gerais, São Paulo e Goiás registraram a queda de um meteoro na noite de sexta-feira (14). Além das imagens, uma explosão foi ouvida em alguns lugares. O bólido, como é chamado o meteoro em chamas, aconteceu às 20h53 (horário de Brasília), de acordo com o observatório IDS, em Patos de Minas. "É comum [a queda de meteoros], mas não nessa magnitude e com possibilidade de fragmento no solo", afirmou Ivan Soares, operador da Bramon (Brazilian Meteor Observation Network) e responsável pelo Observatório IDS.

De Kung Fu a ioga, SP oferece 70 ações públicas aos idosos

Até 2024, projeto pretende implantar atividades em toda a capital paulista

VIDA PÚBLICA

Tatiana Cavalcanti

SÃO PAULO "Acabei de voltar da aula de zumba. Às vezes esqueço que tenho 71 anos". É assim que a aposentada Ivone Rodrigues Ciocci inicia a conversa com a reportagem. Ela também luta kung fu e joga capoeira no Polo Cultural da Terceira Idade, no Cambuci, no centro de SP.

Essas atividades fazem parte Plano Intersetorial de Políticas Públicas para o Envelhecimento, lançado pela Prefeitura de São Paulo em outubro de 2021 com o compromisso de implementar 70 ações para pessoas acima de 60 anos até 2024 em áreas como cultura, saúde e cuidado domiciliar.

De acordo com Raíssa Monteiro Saré, coordenadora de Promoção e Defesa de Direitos Humanos, o programa quer mostrar que os idosos têm valor à sociedade. "O objetivo é que eles interajam e conheçam outras pessoas, além de aproveitar todos os serviços que oferecemos para desfrutarem de autonomia."

O projeto surge em momento de aumento da expectativa de vida no país. Atualmente, 15% da população da capital paulista têm 60 anos ou mais, e a previsão da Fundação Seade é que o percentual dobre até 2050. Segundo estimativa do IBGE, a cidade tem 12,4 milhões de habitantes em 2021.

Muito mais do que bem-estar ou passatempo, os mais velhos precisam de autonomia e saúde para terem disposição. Para isso, eles devem ser vistos e ouvidos. É assim que a antropóloga Mirian Goldenberg, 65, uma das maiores estudiosas da velhice do país, descreve a qualidade de vida na maturidade.

Para a especialista —colunista da Folha e autora de 30 livros, entre eles "A Invenção de uma Bela Velhice"—, o Estado, a sociedade e a família não devem ser obstáculos nesse processo, e, sim, facilitadores. "Não podemos roubar a autonomia dos mais velhos. É preciso combater a 'velhofobia', que está impregnada dentro das nossas próprias casas, de nós mesmos."

Por essa razão, uma das ideias do programa é usar o conhecimento e as lembranças dos mais velhos para um intercâmbio com novas gerações, como no Brincando Como Antigamente, da secretaria de Esportes. Ali, os idosos vão encontrar jovens para contar histórias e ensiná-los a construir brinquedos do passado e, claro, a interagir com eles.

Além dessas atividades, como culinária, danças variadas, artesanato, pintura em tecido e oficina da memória, que já existiam em sua maioria antes do programa, a coordenadora afirma que no Polo Cultural os idosos podem se voluntariar para ensinar aos demais sobre algum assunto que eles dominem.

"Já temos idosos ensinando francês e espanhol, por exemplo, a outros idosos. Mostra como estamos abertos a receber ajuda deles mesmos."

A ideia da prefeitura, explica Raíssa, é que todas as 469 UBSs (Unidades Básicas de Saúde) da capital paulista tenham alguma atividade para envelhecimento ativo.

Para Mirian, as políticas públicas propostas pela prefeitura parecem viáveis e são necessárias. "O mais importante é tirar tudo isso do papel, imediatamente, agora, já."

A aposentada Ivone Rodrigues Ciocci, 71, treina kung fu na Vila Itororó Eduardo Knapp/Folhapress

> Não podemos roubar a autonomia dos mais velhos. É preciso combater o que chamo de 'velhofobia', impregnada dentro das nossas próprias casas, de nós mesmos
>
> **Mirian Goldenberg**, antropóloga, escritora e estudiosa da velhice no país

Conheça 25 iniciativas voltadas aos idosos até 2024 em São Paulo

CENTRO
- Kung fu e capoeira
- Teatro
- Oficina de memória e hatha ioga
- Padaria artesanal ajuda a criar pratos saudáveis
- Conhecimento digital dá dicas para usar tablets e celulares

LESTE
- Programa Vem Dançar (bailes temáticos)
- Culinária
- Rodas de música
- Suporte domiciliar para ir ao banco, alimentação e fazer compras
- Treinamento de profissionais para o cuidado ao idoso

OESTE
- Jogos e brincadeiras
- Cinema e exposições
- Roda de histórias
- Oficinas de tapeçaria e artesanatos
- Acompanhantes levam idosos a consultas, exames, mercado e cinema

NORTE
- Danças circular e livre
- Passeios culturais
- Caminhadas
- Uso de quadras e piscinas
- Centros Educacionais Unificados têm cursos como administração e aprendizagem de instrumentos

SUL
- Tai chi chuan
- Pintura em tela
- Empréstimo de livros em bibliotecas
- Atividades físicas
- Ações de autocuidado e autonomia ajudam idosos debilitados a cozinhar, tomar banho e arrumar a casa

Serviço
Confira mais informações e os endereços no site www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/direitos_humanos/idosos/rede_de_atendimento

* A maioria das atividades citadas já estão disponíveis nas cinco regiões da cidade

MORTES

coluna.obituario@grupofolha.com.br

Elo da família, não media esforços para ajudar os amigos

ALAN VINICIUS BARCELOS XAVIER (1988-2022)

Priscila Camazano

SÃO PAULO O empresário Alan Vinicius Barcelos Xavier fazia questão que todos ao seu redor estivessem bem. Os familiares, os amigos e os funcionários eram sempre bem assistidos por ele. Considerado o elo da família, organizava tudo para todos e sempre com bom humor.

"Alan tem uma história muito bonita com os amigos e as pessoas que contratavam os nossos serviços. Ele foi muito homenageado. No dia do velório, vi o tanto que ele era amado e querido por todo mundo e que não era só o meu amor que enxergava isso", afirma a viúva, Camila de Arruda Volpado, 31.

Segundo filho de pais goianos, ele nasceu em Quirinópolis (GO), mas foi criado em Cuiabá (MT). Alan tinha um irmão um pouco mais velho, que nasceu no mesmo dia que ele, mas que infelizmente os pais também perderam há alguns anos.

Há sete anos, conheceu Camila por meio de uma amiga em comum. "Desde então nunca mais ficamos longe nem que fosse por um dia", lembra a viúva.

Formado em engenharia ambiental, ele administrava, com a mulher e os pais, a empresa Xavier Engenharia Sanitária e Ambiental.

"Nosso objetivo era trabalhar para poder dar um estudo muito bom para a filha dele —de dez anos, fruto do primeiro casamento, por quem ele era fissurado e apaixonado—, e uma qualidade de vida para os pais dele", afirma Camila.

Alan era muito desafiador. Ele tinha pressa na vida para resolver as coisas e era muito sonhador, mas com o pé no chão. Os dois eram parceiros no lazer e no trabalho. "Gostávamos de ficar com a família, de ir para a fazenda e trabalhar o gado. Nós sempre fomos muito parceiros em tudo nessa vida."

O empresário e 14 amigos ficaram conhecidos após o vídeo de uma pegadinha feita no Ano-Novo viralizar nas redes sociais.

As esposas combinaram de comprar para os maridos o mesmo estilo de camiseta. Sem saberem, foram convencidos a vestir a peça de roupa em tom de azul, rosa e branco para ir à festa. Cada um que chegava ao local da celebração da passagem do ano, se deparava com a coincidência. A reação foi gravada, postada nas redes sociais e viralizou.

Em 4 de janeiro, Alan sofreu um acidente de moto em uma rodovia em Cuiabá (MT) e morreu aos 33 anos. Ele deixa os pais, a filha, a mulher e amigos.

Procure o Serviço Funerário Municipal de São Paulo: tel. (11) 3396-3800 e central 156; prefeitura.sp.gov.br/servicofunerario.

Anúncio pago na Folha: tel. (11) 3224-4000. Seg. a sex.: 10h às 20h. Sáb. e dom.: 12h às 17h.

Aviso gratuito na seção: folha.com/mortes até as 18h para publicação no dia seguinte (15h de sexta para publicação aos domingos) ou pelo telefone (11) 3224-3305 das 16h às 18h em dias úteis. Informe um número de telefone para checagem das informações.

Adams Carvalho

Cento e cinquenta

É o número de pessoas com quem conseguimos ter relações significativas

Antonio Prata
Escritor e roteirista, autor de "Nu, de Botas"

O Ilan Kow me apresentou o podcast do Alan Alda, o Alan Alda me apresentou aos estudos do Robin Dunbar, o Robin Dunbar não me apresentou a ninguém —mas falou coisas muito interessantes na entrevista. O Ilan foi meu editor no Estadão. O Alan foi o protagonista de M.A.S.H. O Ilan é meu amigo. O Alan, infelizmente, não. Robin Dunbar, antropólogo, psicólogo e primatologista britânico, não é meu amigo, nem do Ilan, nem do Alan, mas em compensação descobriu e batizou o "Número de Dunbar". Cento e cinquenta é, na média, a quantidade de pessoas com quem um ser humano consegue estabelecer relacionamentos significativos, simultaneamente.

Não só um ser humano. Perto de 150 é o número máximo em qualquer bando de primatas. Passou disso, divide-se em dois. Quando éramos caçadores e coletores, cento e cinquenta era a média de indivíduos de cada grupo. O Facebook fez uma pesquisa com 60 milhões de usuários e descobriu que, apesar de uns perfis terem trecentos "amigos", os que realmente importam são, tchanans: 150.

Segundo Dunbar, num povoado com até 150 moradores, todo mundo se conhece e as relações pessoais funcionam como instituições. Você evita bater a carteira da senhora sentada sobre o monte de feno não pelo imperativo moral, mas porque a senhora sentada sobre o monte de feno é a dona Magali, filha do Elcinho Bola Sete, que tocava triângulo na banda de salsa do tio Olavo —que Deus o tenha. Passou de 150, virou bagunça: entra polícia, catraca, pulseirinha VIP e outros balangandãs foucaultianos.

Robin Dunbar cita estudos: pessoas com muitos vínculos significativos adoecem menos e vivem mais. Tocar triângulo na banda de salsa do tio Olavo faz com que o cérebro do Elcinho Bola Sete libere dopamina, que colabora no fortalecimento do sistema imunológico. Imagina quantos meses de vida não garante um abraço coletivo num gol do Corinthians?

Entre os 150, cada indivíduo tem uma relação íntima com apenas cinco pessoas. Durante a pandemia, aos trancos e barrancos, demos um jeito de continuar próximos desses cinco. Dos outros 145, não. Minhas maiores alegrias nesta reabertura (momentaneamente pausada pelo pentelho do ômicron, mas em breve retomada, inexorável e definitivamente) têm sido ver estes 145.

Outro dia visitei minha amiga Flávia. Quem abriu a porta foi o marido, Luiz. A gente se conhece pouco. Pra mim, ele é marido da minha amiga. Pra ele, sou amigo da mulher. Mas foi bater o olho pra sentir meus leucócitos bombando e entender que o mesmo ocorria no sistema imunológico adiante. Deu vontade de abraçar e pular gritando "arrá, urrú, 150 é nosso!".

Desde que se aposentou, há 20 anos, o pai do Ilan encontrava seus cinco amigos duas vezes por dia. De manhã, tomavam café na padaria da esquina. Mesma mesa. Mesmos lugares. Fim da tarde, tomavam café numa doceria do shopping. Mesma mesa. Mesmos lugares. Ano retrasado, a padaria foi reformada e meteram uma catraca bem onde a turma do pai do Ilan se sentava. Não consultaram os caras, nem avisaram. O pessoal chegou pra tomar café e o programa tinha morrido.

Num bom bando de uns, digamos, 130 macacos-prego, duvido que isso acontecia. O primeiro que chegasse com a catraca recebia uma sova de cocô e desistia da estupidez. É meio nojento, mas, convenhamos, tem sabedoria.

|DOM. Antonio Prata |SEG. **Marcia Castro**, Maria Homem |TER. Vera Iaconelli |QUA. Ilona Szabó de Carvalho, Jairo Marques |QUI. Sérgio Rodrigues |SEX. Tati Bernardi |SÁB. Oscar Vilhena Vieira, Luís Francisco Carvalho Filho

Sobre corações e espíritos de porcos

Receptor de órgão animal transgênico esfaqueou conhecido 33 anos antes

Marcelo Leite

Jornalista de ciência e ambiente, autor de "Psiconautas - Viagens com a Ciência Psicodélica Brasileira" (ed. Fósforo)

Andamos tão distraídos, sob o peso da tragédia brasileira, que passou sem a devida atenção esta notícia: um coração de porco foi implantado no peito de um homem, nos EUA. O transplante ocorreu em 7 de janeiro, e o anúncio, três dias depois.

A façanha teve lugar no Centro Médico da Universidade de Maryland. David Bennett Sr., 57, passava bem após receber um órgão suíno com genes deletados ou incluídos para diminuir o risco de rejeição pelo organismo receptor.

O paciente consentiu com a operação porque estava para morrer de insuficiência cardíaca e não se qualificava para receber um coração humano. Entre outras razões, por estar doente demais e não seguir recomendações médicas vitais.

Noutros tempos, a notícia teria desencadeado tempestades de questionamentos éticos. Num país em que o elogio da tortura, do estupro e de assassinatos políticos elegeu um presidente que sonega vacinas para crianças, passou batido.

Por bem menos —um rim porcino ligado a mulher com morte cerebral— esta coluna, há três meses, falava em "nova era da medicina" e "revolução dos xenotransplantes". O título impresso era parecido, "Sobre rins e espíritos de porcos".

Há alguns pedregulhos éticos no caminho dos transplantes de órgãos suínos transgênicos, porém. Convém começar pelas boas razões para fazê-los: faltam doadores, aqui e alhures, e muita gente morre na lista de espera.

Há mais de 50 mil brasileiros na fila por órgãos. Em 2020, ingressaram nela 27.579 pessoas, e 2.765 morreram sem recebê-los (56 óbitos infantis, mas este número será considerado pequeno no primeiro escalão de Brasília).

No caso de transplantes de coração, estima-se que seriam necessárias 1.681 cirurgias por ano. No primeiro ano da pandemia, realizaram-se 307, redução de 17% sobre 2019. Pesquisar alternativas suínas se justifica, assim, por razões humanitárias.

Argumenta-se, em contrário, que é muito alto o risco para o paciente. Ora, Bennett Sr. estava desenganado e consentiu com o experimento. Disse que já tinha uma válvula de porco no coração (ninguém se espanta mais com isso), alegou que queria viver e ainda fez piada, perguntando se começaria a grunhir.

Seu caso equivale a uma prova de princípio, mas não há como seguir adiante sem ela. Para futuros pacientes, claro, o risco terá de ser muito reduzido, com mais testes de laboratório para comprovar que a alteração genética é segura o bastante.

Segura para pacientes humanos, não para os porcos doadores sacrificados, objetam defensores de animais. Eles consideram que mesmo a manipulação de genes constitui violação dos direitos desses seres inteligentes à dignidade e à vida.

A ponderação é razoável. Mas o argumento empalidece diante de 3,5 milhões de porcos mortos a cada dia só para sua carne saborosa alimentar os humanos.

Mais espinhosa se mostra a revelação de que Bennett Sr. esfaqueara Edward Shumaker em 1988, confinando-o a uma cadeira de rodas. Condenado, cumpriu 6 dos 10 anos da pena e viveu a vida de doente relapso pelos 27 anos seguintes, enquanto sua vítima morria cheio de escaras em 2007.

Familiares de Shumaker disseram ao jornal The Washington Post que prefeririam ver o transplante beneficiando alguém mais merecedor. Como diz o colega Hélio Schwartsman, no entanto, médicos não são juízes da conduta de seus pacientes; sua obrigação é tratar todas as pessoas e salvar vidas.

No caso de Bennett Sr., só um coração de porco poderia fazer isso. No caso do Brasil, só precisamos livrar-nos dos espíritos de porco (com perdão desses nobres animais pelo termo bioeticamente incorreto).

| DOM. Reinaldo José Lopes, Marcelo Leite | **QUA.** Atila Iamarino, **Esper Kallás**

Clitóris em fêmeas de golfinho é capaz de dar prazer sexual

Espécie faz sexo para se reproduzir e também para fortalecer laços sociais

Reinaldo José Lopes

Estudo examinou anatomia genital de fêmeas de golfinho-nariz-de-garrafa Dara Orbach

SÃO CARLOS (SP) As fêmeas de golfinho-nariz-de-garrafa (*Tursiops truncatus*) têm muita coisa em comum com as humanas: inteligência elevada, vida social complexa —e, segundo um novo estudo, um clitóris muito sensível, capaz de intensificar seu prazer sexual.

Como não é possível investigar as sensações das fêmeas de cetáceo durante a cópula, a conclusão foi alcançada por meios indiretos, examinando os detalhes da anatomia genital delas.

"Todas as vezes que dissecávamos uma vagina da espécie, acabavam aparecendo aqueles clitóris muito grandes, e ficávamos curiosos para saber se alguém já tinha examinado os órgãos em detalhes e verificado se funcionavam como um clitóris humano", contou em comunicado a bióloga Patricia Brennan, da Faculdade Mount Holyoke (EUA).

Ao descobrirem que ninguém tinha feito isso antes, Brennan e dois colegas coletaram os dados que acabam de ser publicados na revista científica Current Biology.

Não foi preciso sacrificar nenhuma fêmea de delfim para isso. A equipe de cientistas dissecou a genitália de 11 cetáceos que morreram de causas naturais no litoral americano. Examinaram os tecidos com tomografia computadorizada e também com métodos que investigam a estrutura das células.

"Sabíamos que os golfinhos fazem sexo não só para se reproduzir como também para fortalecer laços sociais, então parecia provável que o clitóris fosse funcional", explica Brennan. Vários detalhes sugerem que é o que acontece.

Tal como em humanos do sexo feminino, o clitóris das cetáceas tem projeção que seria análoga à glande (a chamada "cabeça") do pênis, a qual, em muitas mulheres, é a região mais sensível do órgão.

Debaixo dessa protuberância há uma grande área de tecido erétil (ou seja, capaz de ficar ereta sob excitação). E essa área erétil tem volume mais de dez vezes maior em fêmeas adultas quando comparada à de filhotes, o que sugere uma ligação entre ela e a maturidade sexual.

Quando comparada à entrada da vagina, a região clitoriana dos golfinhos tem uma epiderme bem mais fina, o que é um indicativo de maior sensibilidade.

E, debaixo dessa pele, há uma abundância de terminações nervosas. Isso inclui estruturas que provavelmente pertencem ao grupo dos chamados mecanorreceptores de baixo limiar —ou seja, "sensores" do sistema nervoso projetados para detectar toques e pressões mais leves.

Estudos sobre a sensibilidade sexual de outros mamíferos, e mesmo de pessoas do sexo feminino, só ganharam força nas últimas décadas, o que indica que ainda há muito a se descobrir, diz Brennan.

esporte

ESPORTE AO VIVO | 11h **West Ham x Leeds United** Inglês, ESPN BRASIL | 13h **Costa do Marfim x S. Leoa** Copa Africana, BAND | 15h30 **Real Madrid x Athletic** Supercopa, ESPN BRASIL

Busca por técnico estrangeiro cresce e 2022 inicia com recorde de forasteiros

Seis clubes da Série A começam o ano com treinadores de fora do país, superando 2021 e 2020

Bruno Rodrigues

SÃO PAULO O português Paulo Sousa, 51, e o uruguaio Alexander Medina, 43, já se apresentaram aos seus novos comandados e deram início à pré-temporada no Flamengo e no Internacional, respectivamente. Antonio "Turco" Mohamed, argentino de 51 anos, foi anunciado na última quinta-feira (13) pelo Atlético-MG e em breve começará a trabalhar com a equipe mineira.

O trio se junta a outros três estrangeiros que comandam clubes da Série A do Campeonato Brasileiro: o também lusitano Abel Ferreira, 43, do Palmeiras, o paraguaio Gustavo Morínigo, 44, do Coritiba, recém-promovido à primeira divisão, e o argentino Juan Pablo Vojvoda, 46, do Fortaleza.

Nunca neste século uma temporada do futebol nacional havia se iniciado com seis comandantes de fora do país na elite. Tanto em 2021 como em 2020, que detinham o recorde até então, quatro clubes tinham começado o ano com nomes não brasileiros.

Jorge Jesus, um dos responsáveis por essa busca de treinadores de outros países, em razão de seu sucesso à frente do Flamengo em 2019, foi considerado pelo próprio clube carioca como uma opção para assumir o time após a saída de Renato Gaúcho. Seu compatriota Paulo Sousa acabou ficando com o cargo.

Demitido do Benfica, Jesus também foi desejado pelo Atlético-MG, outro negócio que não se concretizou.

Os títulos do português pelo Flamengo há dois anos intensificaram a procura dos rivais por suas versões particulares (e raras) de estrangeiro que chega, logo se adapta e vence. Na temporada 2020, no ano seguinte às conquistas de Jesus na Libertadores e no Brasileiro, dez técnicos de fora desembarcaram em clubes da primeira divisão.

Em 2021, o número foi menor, mas a busca continuou grande: nove treinadores comandaram equipes da Série A.

Entretanto, apesar da aposta constante em forasteiros, vale para esses profissionais a mesma lei da curta duração que aflige muitos técnicos brasileiros.

Dos nove que passaram por clubes da elite em 2021, apenas Abel Ferreira, Juan Pablo Vojvoda e Gustavo Florentín viraram o ano empregados.

Os argentinos Ariel Holan e Diego Dabove se despediram com dois meses de trabalho. O espanhol Miguel Ángel Ramírez, que começou o ano no Internacional, foi embora depois de três meses.

Nem mesmo um título conseguiu manter Hernán Crespo por uma temporada inteira no São Paulo. Campeão paulista, erguendo troféu que tirou o clube do Morumbi de uma fila de nove anos, o argentino não resistiu à instabilidade da equipe no Brasileiro e foi demitido.

Há mais de um ano no comando de suas equipes, Abel Ferreira e Gustavo Morínigo são exceções. Ambos amparados nos resultados, mas também na manutenção do trabalho em meio às turbulências.

O palmeirense chegou ao país em outubro de 2020 e em pouco mais de três meses já havia conquistado a Copa Libertadores e a Copa do Brasil.

Embora tenha tido um começo exitoso, Abel conviveu com críticas de partes da torcida e da imprensa ao longo da última temporada, que começou com queda na semi do Mundial de Clubes e derrotas na Supercopa do Brasil e na Recopa Sul-Americana. Depois, ficou com o vice paulista, perdendo a final para o São Paulo.

Contudo, o português manteve a equipe sempre nas primeiras colocações do Brasileiro e, mais uma vez, levantou a taça de campeão da América. O torcedor palmeirense, que comemorou o Natal de 2020 com apenas um título continental, celebrou a ceia natalina em 2021 como tricampeão.

Gustavo Morínigo precisou enfrentar um processo muito mais problemático que o encarado pelo colega português.

Contratado em janeiro de 2021 com o Coritiba em situação delicada na Série A, não conseguiu livrar o clube do rebaixamento. Mas a diretoria resolveu continuar com o paraguaio, que recolocou os paranaenses na primeira divisão.

O técnico português Paulo Sousa, 51, comandará o Flamengo nesta temporada Flamengo/Divulgação

Técnicos estrangeiros na elite do futebol brasileiro em 2021

Menos profissionais de fora passaram por clubes da Série A em comparação a 2020

Em meses

Juca Kfouri
O colunista está em férias

Australian Open oferece mais do que a novela Novak Djokovic

Daniel E. de Castro

SÃO PAULO Após ver o noticiário praticamente tomado pela novela Novak Djokovic nas duas últimas semanas, o Australian Open, primeiro evento do Grand Slam em 2022, começa nesta segunda-feira (17), noite de domingo no Brasil.

O torneio volta ao mês de janeiro após ser adiado para fevereiro em 2021, por conta da pandemia. Desta vez, com a exigência de vacinação, não houve imposição de quarentena, mas o aumento de casos de Covid relacionados à variante ômicron fez com que o público fosse limitado a 50%.

A primeira rodada acontece a partir das 21h deste domingo (16), no horário de Brasília. Os canais ESPN transmitem na TV fechada, e todos os jogos estarão disponíveis no Star+, streaming da Disney.

Há algumas ausências importantes confirmadas. Roger Federer e Serena Williams, ambos com 40 anos e em recuperação de lesões, serão desfalques. A duplista brasileira Luisa Stefani, que precisou passar por cirurgia no joelho direito, também está fora.

Se Djokovic for retirado da chave, o favoritismo passará para o russo Daniil Medvedev, 25, e o alemão Alexander Zverev, 24. Em caso de título, eles poderão se aproximar de uma inédita liderança do ranking.

Segundo e terceiro colocados, respectivamente, conquistaram três dos principais troféus em disputa no segundo semestre de 2021. Zverev foi campeão olímpico e do ATP Finals, e Medvedev faturou seu primeiro Slam ao dominar Djokovic na final do US Open.

O retrospecto dos confrontos está empatado em 6 a 6. O russo vinha de cinco vitórias consecutivas, desde 2020, até ser derrotado pelo alemão na decisão do ATP Finals.

Zverev ainda busca o seu primeiro troféu de Slam, assim como o grego Stefanos Tsitsipas, 23, que tenta recuperar a boa forma do primeiro semestre de 2021, antes de sofrer lesão no cotovelo direito.

Rafael Nadal, que assim como Novak Djokovic possui 20 títulos de Grand Slam, mas ao contrário do sérvio está devidamente vacinado, terá a oportunidade de se tornar o recordista com 21 troféus.

Depois de jogar apenas um torneio no segundo semestre, Nadal, 35, voltou às quadras com título há uma semana, no ATP 250 de Melbourne.

O espanhol deve chegar com grande apetite e não pode ser descartado, mas o torneio australiano sempre foi o Slam em que ele teve mais dificuldade para triunfar mesmo nos melhores dias. É o único dos quatro grandes eventos que venceu apenas uma vez, em 2009.

Com quatro títulos de Grand Slam, dois em Melbourne e dois em Nova York, Naomi Osaka, 24, sempre chega à Austrália bem cotada para vencer. Foi o que ela conseguiu em 2021, em campanha na qual perdeu apenas um set e sobreviveu após salvar dois match points diante de Garbiñe Muguruza nas oitavas.

O restante da temporada foi marcado por emoções e turbulências. Foi escolhida para acender a chama olímpica em Tóquio, mas teve atuação ruim em quadra nos Jogos em casa. Também pautou discussões relevantes ao recusar dar entrevistas coletivas em Roland Garros e revelar um quadro de depressão.

Aumentaram as esperanças

Não sou cego. Reconheço que muitas coisas melhoraram no futebol

Tostão

Cronista esportivo, participou como jogador das Copas de 1966 e 1970. É formado em medicina

Há tempos, critico a maneira ultrapassada de jogar de várias equipes brasileiras, a ausência de mais craques na seleção, no nível dos melhores do mundo, e a estrutura viciada e desorganizada do futebol brasileiro. São reflexos do que acontece no país, da falta de profissionalismo, da pouca insistência em fazer bem-feito e do pouco desenvolvimento técnico, social, educacional e moral que assola o Brasil.

Mas não sou cego. Reconheço que muitas coisas melhoraram no futebol, como a presença, no ano passado, de três clubes fortes, dentro e fora de campo, Flamengo, Atlético e Palmeiras. Outras equipes, como Fortaleza, Bragantino e Athletico, tiveram, na média, bons resultados e desempenhos. Vi também evoluções nas estratégias de jogo: pressão para recuperar a bola, defesa e ataque em bloco e maior troca de passes.

Na seleção, aumentaram as esperanças com a enorme evolução de Vinicius Junior e com as boas atuações, nos clubes e no time brasileiro, de vários outros jogadores, como Paquetá, Fabinho, Militão, Raphinha e Antony.

Faltam à seleção jogadores excepcionais na função de centroavante, nas laterais e no meio-campo, naquela posição que é chamada no Brasil de segundo volante —que joga de uma intermediária à outra, que marca, constrói e ataca.

O melhor que atua nessa posição no Brasil, Edenílson, não foi convocado, não por injustiça, mas pela incapacidade do país de formar grandes jogadores nessa posição. Edenílson tem 32 anos, destaca-se mais pela força física, pela capacidade de atacar e de defender, e não fez a formação habitual das categorias de base.

Daniel Alves, que terá 39 anos na Copa, foi convocado e, provavelmente, será o titular no Mundial. Contra o Real Madrid, além de mostrar sua classe nos passes, marcou bem Vinicius Junior. Em vez de chegar junto para tomar a bola, Daniel recuava para não receber a bola nas costas. O Brasil não tem outro excelente para a posição. Danilo, contundido, é apenas um bom jogador, e Emerson, convocado, não tem talento para jogar na seleção.

Tite mudou, nas últimas convocações, vários jogadores. Saíram Firmino, Richarlison, que está lesionado, e Everton Cebolinha, e entraram Raphinha, Antony, Matheus Cunha, Rodrygo e Vinicius Junior. No Real, Vinicius Junior aprendeu a ser um ponta veloz e driblador e também a entrar pelo meio, no momento certo, para definir a jogada com um passe ou com uma finalização. Mas ainda é cedo para colocá-lo no nível dos melhores jogadores do mundo.

Como Neymar está contundido e Paquetá, suspenso para a primeira partida contra o Equador, é provável que, de acordo com o esquema tático que tem sido utilizado, Coutinho, mesmo fora de forma, seja o substituto de Neymar, para atuar mais próximo ao centroavante. Essa é a melhor posição para ele, pois dribla e finaliza bem de fora da área. Na Copa de 2018, Coutinho jogou muito recuado, na função de Renato Augusto. Não tinha força física para atacar e defender.

Quando tiver Vinicius Junior pela esquerda e Neymar pelo centro, próximo ao centroavante, Tite terá de arrumar uma posição para Paquetá, pela direita ou mais recuado, no lugar de Fred, pelo menos em alguns momentos da partida.

Paquetá pode também atuar mais à frente, como no Lyon, entre Vinicius Junior e Neymar, dois atacantes agressivos, que precisam contar com um facilitador, com toques rápidos e precisos. Conheço essa história. A vida e o futebol não começaram nem terminaram com a internet.

NOSSO ESTRANHO AMOR

Chico Felitti
folha.com/nossoestranhoamor

Bob e Ana: o casal menos vigiado do Brasil

Pouca gente sabe, mas, antes de o BBB começar, há uma espécie de ensaio de Big Brother Brasil que acontece escondido do grande público. É uma das fases finais do processo seletivo do programa, em que a direção junta candidatos que já foram entrevistados por horas. E colocam essas pessoas em um salão de festas de hotel para... Bom, para viver, assim como elas vão fazer numa casa vigiada por câmeras e por milhões de brasileiros.

"Não falam nada. Te deixam solto num salão de festas e ficam ali, olhando como você vai reagir. É bem doido", diz Bob, um empresário que foi para a final da seletiva do BBB anos atrás. "É muito esquisito, porque ninguém sabe o que fazer. É tipo receber uma prova do Enem, mas com as perguntas em branco. Você precisa responder sem saber qual é a pergunta", ri a dançarina Ana, que participou do processo seletivo no mesmo ano que Bob. Nenhum dos dois vai revelar sua identidade porque, afinal, eles assinaram com seus nomes completos um contrato de confidencialidade.

No dia do ensaio de BBB, os dois acharam por bem mostrar o que tinham de mais único. "Eu fiz a simpática. Comecei a puxar papo com todo mundo, fazer piada, mostrar que eu rendia", diz Ana. Já Bob apostou na marra como característica que o faria único. "É uma situação esquisita, então eu já tava meio cabreiro. Cruzei os braços e conversei com quem parecia comigo. Eu não sou bom de fingir, e não ia fingir que sei fingir, sabe?"

O experimento social durou quase quatro horas. Eles contam que, em dado momento, uma pessoa se agachou em um canto e começou a chorar. Pessoas flertaram. Houve um ensaio de briga, mas punhos não foram empregados —até porque uso de violência física é eliminação do programa na certa.

Ao fim da tarde que passaram confinados no hotel, num bairro periférico de São Paulo, os dois já tinham feito amigos. Bob tinha passado a maior parte do tempo conversando com um chef de cozinha que, como ele, queria abrir um restaurante. Já Ana tinha criado uma patota com um maquiador e uma estudante de direito. "É tão esquisito, porque eu sentia que a gente podia ser amigo mesmo, tipo melhor amigo, por mais que tivesse se conhecido naquele dia", diz ela.

O olhar dos dois não se cruzou durante o ensaio de BBB. Mas, assim que saíram do hotel, se viram na mesma rodinha de meia dúzia de pessoas. O grupelho cometeu uma infração. Foram para o apartamento de uma das amigas de Ana para tomar uma cerveja e conversar sobre a experiência surreal que estavam vivendo em sigilo, e com isso descumpriram a ordem da produção, que era de não manter contato.

Ali, na casa de um candidato a BBB, os dois conversaram e trocaram telefones. Mas só foram trocar mensagens meses depois, quando o programa já havia estreado. Saíram para tomar uma cerveja sem burlar as regras de um processo seletivo. Falaram de BBB. De como nenhum dos dois tinha recebido uma resposta negativa, só deixaram de ser procurados pela produção. Falaram sobre a dificuldade que era não poder contar para ninguém que estavam prestes a entrar no programa mais comentado do Brasil. E daí pararam de falar de uma simulação de vida real e começaram a falar da vida real mesmo. E deram risada. E viram que tinham muita coisa em comum, e ainda mais coisa de diferente, mas de instigante. Veio o beijo. E um segundo date. E um terceiro. E, quando viram, já estavam juntos há algumas edições do BBB, com planos de um casamento (em breve) e filhos (em breve, se depender dele, daqui a uns dez anos, se depender dela).

O casal de ex-quase-futuros-BBBs hoje vive longe das câmeras. Ela abriu uma escola de dança, que teve de fechar durante a pandemia e resgatar no meio de 2021. Ele trabalha em uma empresa de telefonia móvel, mas ainda sonha com o restaurante próprio. Os dois dizem que não trocariam os empregos por um convite de Boninho. Mas vão estar na frente da televisão no dia 17 de janeiro de 2022, com os olhos costurados na tela para ver quem serão os participantes do programa. "Só quem já participou sabe como aquilo é esquisito", diz Ana. "Ou quase participou", arremata Bob.

Erik Jennings Simões via BBC News Brasil

IMAGEM DA SEMANA

Viralizou a imagem de um jovem do povo Zo'é, do Pará, carregando o pai nas costas para tomar a vacina contra a Covid-19. O registro foi feito pelo médico Erik Jennings Simões em janeiro de 2021, mas só foi publicado nesta semana. Exceção entre os indígenas, muito impactados pela pandemia, os 325 Zo'é não registraram casos de coronavírus. Eles adotaram estratégia de isolamento que os separou em grupos menores que não se cruzavam.

CRUZADAS

HORIZONTAIS
1. Acrescentado **2.** Estonteada e perturbada **3.** (Vanessa da) Cantora e compositora / Fato, roupa **4.** (Biol.) O conjunto dos seres vivos de uma área / Como esse **5.** Expectoração **6.** O hábitat do polvo / (Fut.) Jogo entre equipes tradicionais **7.** Partidários de reformas extremas **8.** Rótula do joelho / Sigla do estado de Torres e Osório **9.** Os satélites de Saturno e Júpiter / Ideia central **10.** As iniciais da atriz e diretora de cinema norte-americana Jolie, de "O Colecionador de Ossos" / Garantir como fiador **11.** (Vieira) Avenida do Rio de Janeiro de luxuosos prédios / Sigla inglesa do ácido desoxirribonucleico, a substância básica de todos os seres **12.** (Matem.) Multiplicadores **13.** (da Serra) Parque nacional localizado entre SC e RS.

VERTICAIS
1. Além disso / A parte líquida do sangue vivo **2.** Atriz carioca, companheira de Lázaro Ramos **3.** Monarca absoluto / Ainda bem! **4.** Texto ou peça teatral / Tirar o nó **5.** O organismo humano psicologicamente considerado / Ação que visa iludir, lograr uma pessoa, um animal / O calçado dos caubóis **6.** O cantor Maia (1942-1998), de "Gostava Tanto de Você" / Moderação de impulsos / Ordem do Dia **7.** Instalação para condução das águas de uma fonte para um reservatório / Planta usada como condimento **8.** O ex-ditador ugandense Idi Amin / Do atual Myanmar, país asiático **9.** Exclamação de alegria por notícia ou acontecimento feliz.

HORIZONTAIS: 1. Aditado, **2.** Aturdida, **3.** Mata, Muda, **4.** Bioma, Tal, **5.** Escarro, **6.** Mar, Dérbi, **7.** Radicais, **8.** Patela, RS, **9.** Luas, Tema, **10.** AJ, Abonar, **11.** Souto, DNA, **12.** Fatores, **13.** Aparados. **VERTICAIS: 1.** Também, Plasma, **2.** Taís Araújo, **3.** Autocrata, Ufa, **4.** Drama, Desatar, **5.** Id, Ardil, Bota, **6.** Tim, Recato, OD, **7.** Adutora, Endro, **8.** Dada, Birmanês, **9.** Alvíssaras.

SUDOKU

texto art.br/fsp
DIFÍCIL

	7		4				2	
	4	6		5	2			
2			6	7				
1		8		9	6			2
7			3	4		1		6
				8	1			7
			9	6		8	4	
	8				4		5	

O Sudoku é um tipo de desafio lógico com origem europeia e aprimorado pelos EUA e pelo Japão. As regras são simples: o jogador deve preencher o quadrado maior, que está dividido em nove grids, com nove lacunas cada um, de forma que todos os espaços em branco contenham números de 1 a 9. Os algarismos não podem se repetir na mesma coluna, linha ou grid

SOLUÇÃO

FRASES DA SEMANA

BEM-VINDA, A CASA É SUA
Jair Bolsonaro
Presidente minimizou, em entrevista ao site Gazeta do Brasil na quarta (12), o impacto da chegada da variante ômicron ao Brasil e disse que a mutação não causou mortes —um senhor de 68 anos, com as três doses da vacina, morreu em Goiás

"[A] ômicron, que já espalhou pelo mundo todo, como as próprias pessoas que entendem de verdade dizem: que ela tem uma capacidade de difundir muito grande, mas de letalidade muito pequena"

NENHUM POR TODOS, TODOS POR UM
Especialistas da OMS
Grupo alerta em comunicado emitido na terça (11) que doses de reforço da vacina não funcionarão para combater a pandemia de Covid-19 e é preciso desenvolver imunizantes melhores

"É improvável que uma estratégia de vacinação baseada em reforço reiterado das primeiras vacinas seja apropriada ou viável"

VIVER NA PELE
Luís Fernandes Júnior
Guineense foi vítima de racismo ao ser acusado de roubo após tentar comprar mochila na Zara no Shopping da Bahia

"Fui perceber o racismo no Brasil. Nunca havia vivenciado isso. Na Guiné-Bissau, a discriminação se trata mais de uma questão de privilégios econômicos de alguns cidadãos que herdaram poder de portugueses ou, então, daqueles que falam português com sotaque de Portugal e são vistos como mais inteligentes"

TETO NA CULTURA
Regina Duarte
A atriz, que chefiou a Secretaria Especial da Cultura em 2020, celebrou anúncio do secretário de fomento da Secretaria Especial da Cultura, André Porciuncula, que prevê a redução do teto para cachês em projetos culturais realizados por meio da Lei Rouanet para R$ 3 mil

"Novidade importante para o setor cultural brasileiro"

DO LATIM CANCELLARE
Papa Francisco
O pontífice criticou na segunda-feira (10) a cultura do cancelamento em um discurso a diplomatas de mais de 180 países

"Sob o pretexto de defender a diversidade, acaba anulando todo o sentido de identidade, com o risco de silenciar posições que defendem uma compreensão respeitosa e equilibrada das várias sensibilidades"

LA VIE SANS ROSE
Stefano Paoloni
Secretário-geral do sindicato de polícia italiano assinou carta divulgada na quarta (13) protestando contra lote de máscaras enviado aos agentes na cor rosa; para Paoloni, a escolha representa uma falha em "preservar a dignidade" da instituição

"As razões por trás da compra de máscaras de uma cor que não parece adequada à nossa Administração não são conhecidas, e a decisão de aprovar esta compra é desconcertante"

DISTANCIAMENTO
Gabinete de Boris Johnson
Representantes do governo se pronunciaram na sexta-feira (14) após revelação de que funcionários do governo quebraram as regras de confinamento e fizeram festas em Downing Street na véspera do funeral do príncipe Philip

"É profundamente lamentável que isso tenha acontecido em um momento de luto nacional, e o número 10 [referência à residência oficial do premiê] pediu desculpas ao Palácio"

ACERVO FOLHA

Há 50 anos 15.jan.1972

Arena e MDB realizam convenções para escolher diretórios municipais

Serão realizadas neste domingo (16) as eleições dos diretórios da Arena e do MDB para escolher os novos dirigentes municipais e os delegados que participarão das grandes convenções regionais previstas para março.

Em São Paulo, a votação vai ocorrer em 55 distritos da capital e em 571 municípios do interior.

O grupo liderado pelo governador Laudo Natel deverá constituir a grande maioria dos diretórios da Arena no estado. Mas, devido ao histórico das disputas, surpresas não podem ser descartadas.

Os dois partidos devem realizar em abril suas convenções nacionais em Brasília.

LEIA MAIS EM acervo.folha.com.br

Há 100 anos não é publicado hoje devido à não circulação do jornal nesta data em 1921

FOLHA DE S. PAULO

Agora, à espera das listas

Começará hoje a renovação dos partidos?

FOLHA DE S.PAULO ★★★
DOMINGO, 16 DE JANEIRO DE 2022 C1

ilustrada ilustrada

Reconstrução da cidade de concreto

Artistas de diferentes vertentes e vindos de várias regiões do país se agregam em colcha de retalhos que dá nova cara ao urbanismo excludente criado no Distrito Federal *C4 e C5*

ilustração **Evandro Prado**

MÔNICA BERGAMO | monica.bergamo@grupofolha.com.br

Vitão

Meu sonho é ser lembrado como um marco na música

[RESUMO] Aos 22 anos, cantor afirma que está se reerguendo após onda de ataques envolvendo seu relacionamento com a cantora Luísa Sonza, revela que seu novo disco terá participação de Ivete Sangalo e diz ter planos de estudar sobre o universo da política: 'É ruim não saber muito bem o que está acontecendo'

Por **Bianka Vieira**

O cantor Vitão, que prepara lançamento de álbum e estreia como ator enquanto busca superar cancelamento virtual Cauê Tarnowski/Divulgação

O primeiro tombo na carreira de Vitão foi tão precoce quanto a sua ascensão. O cantor emplacou seu primeiro hit aos 19, foi alvo de uma massiva campanha de cancelamento aos 21 e hoje, aos 22, diz tentar se reerguer da rasteira que distanciou sua música de patrocinadores, estações de rádio e do foco do público.

*

No centro do alvoroço, sua relação amorosa com a cantora Luísa Sonza, 23. O namoro foi assumido em setembro de 2020, meses após o fim do casamento dela com o humorista Whindersson Nunes, 27.

*

Antes de chegar ao fim, em agosto do ano passado, a união de Luísa e Vitão abasteceu teorias em torno de uma suposta traição dela a Whindersson —coisa que os dois negam. Ela foi alvo de ameaças e ataques de ódio, ele ganhou memes e a pecha de "talarico", designada a quem se envolve com uma pessoa comprometida.

*

"Não afetou só o meu lado pessoal. Foi algo que tirou a minha carreira dos trilhos", diz Vitão à coluna. "As pessoas não aceitaram a gente se amar, se gostar e querer viver junto."

*

"Surgiram muitas questões emocionais e psicológicas que eu não tinha. Antes eu era um moleque vivendo meu sonho, gravando com meus ídolos, fazendo um monte de show, viajando o Brasil inteiro. Minha vida era isso, comer pão de queijo no aeroporto e fazer show."

*

"Todas essas questões obviamente me prejudicaram muito de um lado, mas por outro acho que me trazem para a realidade", segue. "Hoje eu vivo num outro momento, de mais consciência. Me sinto mais adulto, e acho que virar adulto dói, né? O mundo adulto é meio cinza, meio nublado."

*

O cantor, que soma mais de 2,5 milhões de ouvintes mensais no Spotify e 3,5 milhões de seguidores no Instagram, diz ter sentido o peso da turbulência nas métricas. "O artista hoje vive essa loucura de estar todo dia vendo quantos plays, quantos seguidores, quantos likes, quantos comentários, quantos ouvintes mensais. Isso é jogado na nossa cara diariamente e é muito cruel. Faz a gente ficar doente, bitolado. Se você não está com os números [iguais aos] de não sei quem, você é um lixo."

*

"Não sei se a gente vai conseguir mudar isso, talvez só piore. Mas eu quero, cada vez mais, conseguir me desprender e lembrar do que eu sentia lá na casa da minha mãe, quando eu compunha as minhas primeiras músicas no meu violão. Aquele sentimento era o porquê de tudo isso."

*

Vitão diz estar trabalhando para descolar sua imagem dos rumores dos últimos anos. Um passo importante nesse sentido, conta, será dado com o lançamento de seu segundo álbum de estúdio. "Está praticamente finalizado", diz ele, que afirma ter planejado um disco com cerca de 18 faixas, "à moda antiga". Previsto para este semestre, o projeto terá participação de Ivete Sangalo.

*

No segundo semestre de 2022, o artista estreará como ator na minissérie "Tá Tudo Certo", do Disney+, em que viverá um personagem com seu nome e atuará ao lado de cantoras como Ana Caetano, da dupla Anavitória, e Manu Gavassi.

*

Ele conversa com a coluna por videochamada, falando do camarim de um espaço de eventos onde ensaia com sua banda para um show do dia seguinte, em São Paulo. Sua voz falha em alguns momentos da conversa. "Fim de semana passado a gente fez um monte de show, dormindo pouco, aí a voz fica daquele jeito, né?" O artista diz que às vezes não consegue dormir mais que duas horas por noite. "Os shows começam super tarde, às 2h. Até arrumar tudo e chegar ao hotel já são 4h ou 5h. E tem que acordar às 7h ou 8h para ir para outra cidade."

*

Nascido em São Paulo, Victor Carvalho Ferreira foi criado no bairro do Caxingui, na zona oeste da capital, no mesmo imóvel em que sua avó e sua mãe cresceram, construído por seu bisavô. O nome artístico, no grau aumentativo, veio do lado de fora da porta de casa, por ideia de um de seus produtores. "Quando sugeriram, eu achei 'zuadasso'. Falei: 'Porra, eu não tenho nada a ver com Vitão, nem sou tão grande assim'", diz, rindo.

*

Seu gosto pela música surgiu muito antes de despontar como intérprete de covers no YouTube, aos 16 anos. A herança, conta, veio dos pais, que se conheceram dançando zouk.

*

"Minha mãe pagou a faculdade dela dançando, e meu pai sempre dançou também. A música foi o que uniu os dois. Meu pai sempre amou The Police, Fundo de Quintal, James Brown, e minha mãe sempre amou Michael Jackson, Guns N' Roses, Bon Jovi e música clássica. Acho que é algo que deu uma apurada no meu ouvido." Seu próprio som mistura pop, hip hop e R&B.

*

Para além dos projetos no universo musical, Vitão diz querer se enveredar pelos estudos e aprender mais sobre o mundo político. "É algo que eu sinto muita falta na minha personalidade mesmo. De saber sentar numa roda e falar sobre política, de saber exatamente tudo o que está acontecendo dentro do Congresso, leis aprovadas e não aprovadas, cortes de verba... Mergulhei tanto na música que acabei esquecendo de todo o resto."

*

"A partir do momento em que eu estiver mais seguro para falar sobre isso de maneira pessoal, o artista Vitão também vai estar mais seguro para passar isso para o público. Me sinto meio perdido mesmo, sabe? É ruim não saber muito bem o que está acontecendo. Isso me dói."

*

Aos 22 anos, Vitão diz almejar subir nos palcos de grandes festivais nacionais e um dia dividir o microfone com ídolos como Caetano Veloso, Djavan, Gal Costa, Criolo e Emicida. E, futuramente, planeja abrir escolas gratuitas de música em comunidades.

*

"Isso mudaria em 100% a trajetória de vida de moleques que acabam indo para uma vida indesejada, uma vida do crime, de viver trabalhando sem fazer o que ama por falta de oportunidade."

*

E continua, tateando o seu futuro: "Acho que o meu maior sonho mesmo é ser lembrado como um marco na música brasileira, de existir um antes e depois de mim", diz o dono de hits como "Café" —dos versos: "E eu até já fiz café pra tu não vir me falar/ Que tá com sono e que o amor tem que esperar".

*

"As pessoas estão voltando a prestar atenção no que sempre foi a proposta da minha vida, que é a minha arte. É um caminho [longo], mas sinto que estou conseguindo. Não digo [voltar a] ser o que era antes, porque isso jamais vou ser, mas ser melhor e ter uma carreira muito mais próspera. Aos poucos, as coisas vão acontecendo. Com trabalho, vontade e amor tudo acontece."

Linhas do desejo

[RESUMO] A identidade nacional vista pelos olhos do Distrito Federal é reconstruída a partir da criação de um novo imaginário cultural que fervilha em Brasília, atravessado por cinema, música, foto, artes e poesia

Por **Claudio Leal**
Mestre pela Universidade de São Paulo, é colaborador da Folha

Ilustração **Evandro Prado**
Artista visual

Na temporada de chuvas, Brasília parece menos Brasília. Os narizes deixam de sangrar, os caminhos arborizados ostentam o verde, os ipês brancos abrem seus tapetes e as amoreiras tingem as quadras de vermelho.

A visão de construções "com espaço calculado para nuvens", como definiu Clarice Lispector, e a atmosfera de ordem e utopias de Oscar Niemeyer e Lucio Costa se dissipam nas cidades-satélites. O mau gosto dos prédios de luxo de Águas Claras e o caos inventivo das construções populares de Taguatinga e Ceilândia insistem em chamar Brasília de volta às contradições do Brasil.

Em Ceilândia, o cineasta Adirley Queirós, de 51 anos, circula pelo centro planejado e observa seus lugares de afeto. Pouco depois, ele estaciona o carro e subimos ao seu apartamento, onde ele trabalha na montagem de seu próximo filme. Indo até a varanda, aponta os limites do Distrito Federal e os morros verdes de Goiás.

Queirós dirigiu "Branco Sai, Preto Fica", de 2014, um dos filmes mais vigorosos do cinema nacional recente, e o longa "Era uma Vez Brasília", de 2017. Estruturado como ficção científica, "Branco Sai" mira a violência policial, o autoritarismo do Estado e o racismo na periferia do sonho modernista. O longa traz storyboards com ataques a bomba ao Congresso e prédios do Plano Piloto.

"A minha geração não circulava muito. A gente ia para Brasília para procurar emprego. Não existia essa relação de lazer. Brasília sempre foi opressiva. Aquela aparência de liberdade, para mim, nunca existiu", ele conta, enquanto almoçamos num restaurante nordestino. "Ceilândia foi expurgada de Brasília por questões estéticas. Ficava perto do aeroporto e a primeira imagem que você tinha de Brasília era a favela."

A exigência de passaporte para entrar em Brasília, na ficção de "Branco Sai", deriva de experiências de sua juventude. Na década de 1980, com a febre do rock brasiliense, seu grupo de amigos pegava um ônibus até o Plano Piloto, no afã de comprar porrada.

"A gente arrumava briga para caralho. Brasília já era aquela turma forte de academia. A gente voltava em silêncio total nesses ônibus. Apanhávamos muito", lembra o cineasta nascido no estado de Goiás.

"A sensação que eu sempre tive com Brasília é que eu estava sendo vigiado. Eu fui a Brasília pela primeira vez com 15 anos, depois de 11 anos que eu morava em Ceilândia. Eu e meu irmão vendíamos balinha de chocolate na rodoviária. O ônibus parou na Asa Sul e eu vi um campo de terra. Eu achei que era espetacular. Depois, percebi os olhares de que eu não era dali."

O imaginário de política, corrupção e rock dos anos 1980 tem sido desmontado por artistas de Brasília e das cidades-satélites do Distrito Federal. Na música, a carência de tradições da capital sexagenária se enriquece com as sonoridades de outras regiões do país, sobretudo do Nordeste. Das artes visuais à poesia, novas vozes do DF exploram temas e linguagens distanciados dos olhares superficiais sobre a cidade e suas margens. E uma parte delas deseja ocupar as ruas semidesertas.

A figura alegórica do calango voador, filho do Sol e da Terra, dorme no quintal do grupo Seu Estrelo e o Fuá do Terreiro, na 813 Sul. A peça tem um esqueleto de arame e uma pele de barbantes entrelaçados e pintados de verde, rosa e amarelo.

O bioma do cerrado seduziu o pernambucano Tico Magalhães, de 44 anos, fundador do Seu Estrelo. Residente na capital federal desde os 17 anos, ele frequentou os maracatus Nação Estrela Brilhante e o Piaba de Ouro, no Recife, mas, ao criar seu próprio grupo, no ano de 2004, evitou reproduzir a rigidez da tradição de Pernambuco.

"A gente já não é maracatu. O maracatu está lá no Recife", pondera Magalhães, mais próximo do samba pisado. "Por Brasília ser uma cidade inventada, com pouco tempo, 61 anos, sempre fiquei com essa ideia de criar uma brincadeira nova."

Em 1963, o Boi de Seu Teodoro, em Sobradinho, criou outra ponte com as festas populares. Morto em 2012, o mestre maranhense Teodoro deixou sucessores na família. Sua filha, Tamá Freire, de 55 anos, lidera o projeto Bumba Maria Meu Boi, que ilumina a presença feminina na história do grupo. Suas integrantes são vítimas de violência doméstica.

"Conseguimos demarcar um território feminino. Eu queria que elas aprendessem algum ofício dentro do boi além de dançar, cantar e tocar. Elas bordaram a frente dos chapéus", conta Freire, conhecida no samba como Jamelinha da Mangueira.

Ela sente falta de um intercâmbio mais forte com as tradições de outras partes do país. "Quando você traz grupos culturais de fora, se não forem expressivos, as pessoas não comparecem para conhecer."

Continua na pág. C5

Novas expressões culturais de Brasília

O cinema sobre o autoritarismo do Estado e o racismo na periferia do sonho modernista de Adirley Queirós

A sonoridade adaptada dos maracatus pernambucanos pelo grupo Seu Estrelo e o Fuá do Terreiro

O boi-bumbá proveniente do Maranhão executado por um grupo de mulheres vítimas de violência doméstica

A feira dominical na Galeria dos Estados, que une artesanato a rodas com sambas, cocos e baiões

Os dormentes da estrada de ferro usados pelo artista plástico João Trevisan em suas esculturas

As pinturas de Antonio Obá inspiradas no espírito interiorano e nas paisagens naturais do Distrito Federal

A visão de construções 'com espaço calculado para nuvens', como definiu a escritora Clarice Lispector, e a atmosfera de ordem e utopias de Oscar Niemeyer e Lucio Costa se dissipam nas cidades-satélites da capital. O mau gosto dos prédios de luxo de Águas Claras e o caos inventivo das construções populares de Taguatinga e Ceilândia insistem em chamar Brasília de volta às contradições do Brasil

Continuação da pág. C4

Em outubro passado, uma batucada cresceu no setor comercial sul de Brasília, na Galeria dos Estados, a três quilômetros da praça dos Três Poderes. Aos domingos, a feira do instituto No Setor passou a reunir artesanato, produtos orgânicos e atrações musicais na região mais estigmatizada da capital, vista por muitos moradores como uma "cracolândia".

Logo quando as barracas são recolhidas, começa a roda de "pandeiristas amadores", assim batizada pelo poeta Ian Viana, de 25 anos, um dos agitadores do No Setor. A primeira edição da feira dominical não pressentia as centenas de jovens frequentadores das semanas seguintes. Na batucada, são puxados sambas, cocos, baiões e clássicos brasileiros.

Dançando num canto, o compositor Kirá, de 22 anos, aceita conduzir um coco. Ele nasceu no Ceará e, aos 11 anos, se mudou com a mãe para Brasília. Filho do músico francês Manu Chao, de ascendência galega e basca, Kirá afirma que o pai popstar exerceu somente uma "influência pessoal", pois as suas referências estéticas são os cordelistas nordestinos Jackson do Pandeiro, João do Vale, Alceu Valença e João Cabral de Melo Neto. Em casa, ouve maracatu, flamenco e hip-hop.

Um dia depois da roda, Kirá me encontra na livraria e bistrô Sebinho, a poucos metros de sua casa. "Fui redescobrir o Nordeste aqui. Não sabia que era diferente. Aqui tem muitos nordestinos e eu me aproximei do coco e do boi de Seu Teodoro. Descobrindo Brasília, eu redescobri o Ceará. Mas não quero fazer música nordestina", diz, entre goles de café.

Na feira do setor comercial, Ian Viana o convoca em voz alta, sem chance de recuo, para liderar a cantoria. Viana usa um brinco cigano e contas de Ogum e Oxóssi. Nascido em Taguatinga, sentia uma inadequação semelhante à de Adirley Queirós ao pisar nas superquadras. Ele se vestia com elegância e usava o melhor tênis para não ser visto como um "vira-lata".

Na sala de seu cafofo, vejo imagens de umbanda e quadros do artista mineiro Chico Monteiro. Em seu quarto, retratos de Glauber Rocha e Oswald de Andrade, uma bandeira do Brasil convertida em toalha e, acima da porta, uma cobra coral feita por sua avó. "Eu Era Aquela Cobra Coral no Quintal da Tua Infância", seu livro de poemas lançado pela Patuá, tem a cadência de sua prosa falada.

Sua ideia de revolução cultural passa pelo encantamento do cotidiano com macumba, Carnaval, sexo, meditações de Osho, poesia e xamanismo.

"Brasília precisa olhar para as tradições culturais de quem fundou essa cidade e botar a mão na massa", diz. "Temos tradições estabelecidas, como samba de roda e coco, e aquelas dispersas. Por exemplo, a tradição mística envolvendo o cerrado e a Chapada dos Veadeiros, dos objetos voadores não identificados, dos cristais. Como a capital é muito nova, qualquer ousadia pode ser invenção."

A poeta e historiadora Julia Moura, de 22 anos, frequentadora da roda, reconhece os laços entre a ocupação de espaços públicos, as rodas de coco, os amigos produzindo uns aos outros e os produtores culturais atuando em conjunto. "Temos exercitado o péssimo hábito de tratar as nossas contradições nas redes sociais, e não coletivamente nas ruas." Admiradora de Jorge Mautner e Hilda Hilst, Moura prepara "Favo", seu primeiro livro de poemas. "É preciso repensar nossa relação com a palavra antes de todas as coisas."

A ocupação das superquadras fascina a cantora Gaivota Naves, de 33 anos. Neste ano, ela lança o EP "Concretutopia", gravado com a banda Akhi Huna e produzido com Gustavo Halfeld, João Davi e João Pedro Mansur. Sua outra banda é o coletivo Joe Silhueta, encabeçado pelo compositor Guilherme Cobelo, que prepara para seu segundo álbum, "Sobressaltos e Outras Quedas", produzido por Halfeld e Jota Dale, "com influências do udigrude nordestino, entre o folk e o psicodélico brasileiro".

"Meu EP fala de ocupar Brasília, da vontade de valer o sonho. É como se não conseguisse se apropriar dessa cidade-escultura", diz Gaivota. "A cidade não é muito ocupada, é muito setorizada. O Plano Piloto ainda está dormindo. E tem essa coisa de servidores públicos não gostarem de música. Lutamos para ter música ao vivo. O artista está o tempo inteiro na margem."

Na arte contemporânea, o planalto central se uniu ao planalto de Gizé, no Egito. Convidado para a mostra internacional "Forever Is Now", o artista João Trevisan, de 35 anos, fez a escultura "Um Corpo que se Levanta", com dormentes da estrada de ferro, diante das pirâmides.

Trevisan tem formação autodidata e migrou do direito para as artes. Pelas manhãs, ele caminhava de sua casa até a linha de ferro para sondar se havia dormentes descartados. Em caso positivo, retornava às dez da manhã e carregava as toras de 30 quilos por três quilômetros, despejando as peças no ateliê. Esse esforço braçal se manteve ao longo de dois anos.

"Por girar em torno da ferrovia, meu trabalho já tem um pensamento específico. Tem também a ideia da materialidade. Por isso que eu não gosto de falar tanto da questão política, senão a gente se limita muito. Mas a questão política é evidente. Estou falando de materiais de uma ferrovia, sobre esses corpos, essa relação do trabalho", diz Trevisan, que faz residência artística na galeria Raquel Arnaud, em São Paulo.

Sua escultura de seis metros se equilibrou na paisagem egípcia. "Eu acabo tratando o dormente como se fosse um corpo. Comecei a pensar nesses corpos que se levantam, que são os dormentes empilhados. Meu trabalho era dentro dessa ideia da pirâmide construída para chegar aos céus, mas também relacionado com os obeliscos retirados do Cairo."

Os corpos negros também se abrem para os céus nas pinturas do artista plástico Antonio Obá, de 38 anos, representado pela galeria Mendes Wood DM. Quadros como "Sesta", de 2019, e "Eucalipto - Corpo Elétrico" e "Os Infantes – Irreverência", de 2020, são atravessados pelo espírito interiorano do Distrito Federal e por suas paisagens rurais. Nascido em Ceilândia e residente em Taguatinga, Obá demonstrou talento precoce para o desenho, mas sua sensibilidade foi despertada pela música.

Seu trabalho busca uma verdade íntima. "Queria entender os elementos socioculturais que me formaram. Percebi que era inevitável falar de uma raiz familiar e que não dava para desvincular de uma raiz maior, que é a própria formação do Brasil", diz. "Eu problematizo a questão do corpo negro, mestiço, mas pegando aspectos históricos que fazem parte de uma dinâmica de preconceito no Brasil e em outras partes do mundo."

Outro caminho foi percorrido pelo fotógrafo Diego Bresani, de 39 anos. Em Brasília, as trilhas sinuosas traçadas por pedestres nos gramados são chamadas de "linhas do desejo". Ele encontrou um significado mais largo para o improviso. "Meu trabalho pessoal parte da relação com a cidade, da tentativa de entender uma cidade que não é comum. Minha série é uma tentativa de entender a cidade como uma panela de pressão. O urbanismo de Lucio Costa é lindo, mas viver nele é muito duro."

"Existem calçadas, mas não são lógicas, obedecem mais à questão estética do que à prática. Os pedestres precisam romper essa lógica modernista e criar seus caminhos. A cidade exige da gente uma selvageria."

Destacado na cena de fotografia, Bresani realizou retratos de políticos de direita para a revista Piauí —de Bolsonaro e seu filho Eduardo à Sara Winter e Joice Hasselmann.

Seu olhar prefere os caminhos bifurcados nas terras do Plano Piloto, rasgados por trabalhadores em direção ao trabalho ou a pontos de ônibus. Na pandemia, Bresani imaginou que seria mais fácil fotografar os atalhos desertos. Mas, na primeira saída, percebeu que a grama crescera e apagara todos os rastros. Do alto, prevaleciam as retas de Lucio Costa. Aos poucos, com a reabertura da cidade e o vaivém de pernas, as linhas de desejo renasceram no barro vermelho de Brasília. ←

Neorracismo identitário

[RESUMO] Ataques de negros contra asiáticos, brancos e judeus invalidam a tese de que não existe racismo negro em razão da opressão a que estão submetidos. Sob a capa do discurso antirracista, esquerda e movimento negro reproduzem projeto supremacista, tornando o neorracismo identitário mais norma que exceção

Por ***Antonio Risério***
Antropólogo, poeta e romancista. Autor, entre outros livros, de 'A Utopia Brasileira e os Movimentos Negros' e 'Sobre o Relativismo Pós-Moderno e a Fantasia Fascista da Esquerda Identitária'

Ilustração ***PogoLand***
Ilustrador

Todo o mundo sabe que existe racismo branco antipreto. Quanto ao racismo preto antibranco, quase ninguém quer saber. Porém, quem quer que observe a cena racial do mundo vê que o racismo negro é um fato.

A universidade e a mídia norte-americanas insistem no discurso da inexistência de qualquer tipo de "black racism". Casos desse racismo se sucedem, mas a ordem-unida ideológica manda fingir que nada aconteceu.

O dogma reza que, como pretos são oprimidos, não dispõem de poder econômico ou político para institucionalizar sua hostilidade antibranca. É uma tolice. Ninguém precisa ter poder para ser racista, e pretos já contam, sim, com instrumentos de poder para institucionalizar o seu racismo.

A história ensina: quem hoje figura na posição de oprimido pode ter sido opressor no passado e voltar a ser no futuro. Muçulmanos escravizaram e mataram multidões de pretos durante séculos de tráfico negreiro na África.

No entanto, a visão atualmente dominante, marcada por ignorância e fraudes históricas, quando não pode negar o racismo negro, argumenta que o racismo branco do passado desculpa o racismo preto do presente. Mas o racismo é inaceitável em qualquer circunstância. A universidade e a elite midiática, porém, negaceiam.

Em "Coloring the News", William McGowan lembra uma série de ataques racistas de pretos contra brancos no metrô de Washington. Em um deles, um grupo de adolescentes negros gritava: "Vamos matar todos os brancos!". O Washington Post, contudo, não tratou o conflito como conduta racial criminosa e sim como "confronto de duas culturas".

McGowan sublinha que a recusa em reconhecer a realidade do racismo antibranco é particularmente evidente na cobertura midiática de crimes de pretos contra brancos.

De nada adianta a motivação racial ser ostensiva, como no caso de ataques a idosos brancos no Brooklyn, quando um membro da gangue preta declarou: "Fizemos um acordo entre nós de não roubar mulheres pretas. Só pegaríamos mulheres brancas. Foi um pacto que todos fizemos. Só gente branca".

O "detalhe" não foi mencionado nas reportagens do jornal The New York Times, e a postura foi a mesma quando três adolescentes brancos foram atacados por uma gangue de jovens pretos no Michigan. Os rapazes pretos curraram a moça branca e fuzilaram um jovem branco.

O New York Times não indigitou o caráter racial do crime e o relegou a uma materiazinha de um só dia. Se os papéis fossem invertidos, uma gangue de jovens brancos currando uma mocinha preta e assassinando um jovem negro, o assunto seria explorando amplamente —e em mais de uma reportagem. Lá, como aqui, o "double standard" midiático é um fato.

Merece destaque o racismo preto antijudaico, que não é de hoje. Em Crown Heights, no verão de 1991, os pretos promoveram um formidável quebra-quebra que se estendeu por quatro dias, durante o qual gritavam "Heil Hitler" em frente a casas de judeus.

Mas a elite midiática, do New York Times à ABC, contornou sistematicamente o racismo, destacando que séculos de opressão explicavam tudo.

Vemos o racismo negro também contra asiáticos. Na história racial de Nova York, negros aparecem tanto como vítimas quanto como agressores criminosos. Judeus e asiáticos, ao contrário, quase que só se dão mal.

Em um boicote preto a um armazém do Brooklyn, cujos proprietários eram coreanos, os pretos foram inquestionavelmente racistas. Diziam aos moradores do bairro que não comprassem coisas de "pessoas que não se parecem com nós" e chamavam os coreanos de "macacos amarelos".

Curiosamente, por mais de três meses, a grande mídia não deu a menor atenção ao boicote. Um jornalista do New York Post denunciou: "Se fosse boicote da Ku Klux Klan a um armazém de um negro, logo se tornaria assunto nacional. Por que as regras são outras quando as vítimas são coreanas?".

Não são poucos, de resto, os comerciantes coreanos que perderam a vida em enfrentamentos com "consumidores" negros. Há casos de militantes pretos extorquindo amarelos. Extorsão e violência racistas, é claro.

Sob a capa do discurso antirracista, o racismo negro se manifesta por meio de organizações poderosas como a Nação do Islã, supremacista negra, antissemita e homofóbica.

Discípula, de resto, de Marcus Garvey —admirador de Hitler (seu antissemitismo chegou a levá-lo a procurar uma parceria desconcertante com a Ku Klux Klan) e de Mussolini—, que virou guru de Bob Marley e do reggae jamaicano, fiéis do culto ao ditador Hailé Selassié, o Rás Tafari, suposto herdeiro do Rei Salomão e da Rainha de Sabá.

A propósito, a Frente Negra Brasileira, na década de 1930, não só fez o elogio aberto de Hitler, inclusive tratando Zumbi como um "Führer de ébano", como apoiou o Estado Novo de Getúlio Vargas, versão tristetropical do fascismo italiano —e o próprio Abdias do Nascimento, guru de nossos atuais movimentos negros, foi militante integralista.

O líder da Nação do Islã, Louis Farrakhan, sempre exibiu também um franco e ostensivo racismo antijudaico. Hoje, o Black Lives Matter pede a morte dos judeus em manifestações públicas.

Em um artigo recente no jornal Le Monde ("Biden, au coeur du combat identitaire"), Michel Guerrin sublinhou que o "antissemitismo está bem presente no poderoso movimento Black Lives Matter".

A turma discursa contra o "genocídio" palestino, "organiza manifestações onde podemos ouvir 'matem os judeus', é próxima do líder da Nação do Islã, Louis Farrakhan, que fez o elogio de Hitler, e tem como cofundadora da sua seção em Toronto, Canadá, Yusra Khogali, que praticamente chegou a pedir o assassinato de brancos".

O racismo antijudaico de pretos pobres dos guetos pode contar com alguma pequena motivação cotidiana, mas o que pesa mesmo é o antissemitismo generalizado nas lideranças da esquerda multicultural-identitária.

Tudo bem criticar o governo de Israel. Os próprios israelenses costumam fazê-lo, vivendo em um regime democrático, ave raríssima no Oriente Médio. Outra coisa é pregar o desaparecimento de Israel, como querem o Irã e alguns movimentos de esquerda. Aqui, o antissemitismo. O ódio multicultural-identitário a Israel parece não ter limites.

Tomo Yusra Khogali —jovem mulata sudanesa que não diz uma palavra sobre as atrocidades de negros contra negros em seu país natal, vivendo antes no Canadá, onde se compraz em xingar a opressão branca— como um caso exacerbado disso tudo.

Ela não só confessou que tem ímpetos de assassinar todos os brancos. Expôs também uma fantasia "acadêmica" que bem pode ser classificada como a primeira imbecilidade produzida por um "neorracismo científico".

Vejam a preciosidade pseudobiológica de madame Khogali: os brancos não passam de um defeito genético dos pretos. "A branquitude não é humana. De fato, a pele branca é sub-humana". Porque a brancura é um defeito genético recessivo. "Isto é fato", afirma solenemente.

Diz que as pessoas brancas possuem uma "alta concentração de inibidores de enzima que suprimem a produção de melanina" e que a melanina é indispensável a uma estrutura óssea sólida, à inteligência, à visão etc.

Enfim, apareceu a mulata racista para inverter o "racismo científico" branco do século 19 —e dizer que os brancos, sim, é que são uma raça inferior. Mas Yusra é apenas um exemplo, entre muitos, e ela teve a quem puxar.

O fato é que não dá para sustentar o clichê de que não existe racismo negro porque a "comunidade negra" não tem poder para exercê-lo institucionalmente. Mesmo que a tese fosse correta, o que está longe de ser o caso, existem já meios para o exercício do racismo negro.

Engana-se, mesmo com relação ao Brasil, quem não quer ver racismo, separatismo e mesmo projeto supremacista em movimentos negros. O retorno à loucura supremacista aparece, agora, como discurso de esquerda.

Se quiserem manter a complacência, podem falar disso como de realidades apenas embrionárias, mas a verdade é bem outra. Militantes pretos, como pastores evangélicos, querem o poder.

Não devemos fazer vistas grossas ao racismo negro, ao mesmo tempo que esquadrinhamos o racismo branco com microscópios implacáveis. O mesmo microscópio deve enquadrar todo e qualquer racismo, venha de onde vier.

Como em um texto do escritor negro LeRoi Jones: "Nossos irmãos estão se movimentando por toda parte, esmagando as frágeis faces brancas. Nós temos que fazer o nosso próprio mundo, cara, e não podemos fazê-lo a menos que o homem branco esteja morto".

Resta, então, a pergunta fundamental. O neorracismo identitário é exceção ou norma? Infelizmente, penso que é norma. Decorre de premissas fundamentais da própria perspectiva identitária, quando passamos da política da busca da igualdade para a política da afirmação da diferença.

Ao afirmar uma identidade, não podemos deixar de distinguir, dividir, separar. Não existe identitarismo que não traga em si algum grau e alguma espécie de fundamentalismo.

Nesse fundamentalismo, se o que conta é a afirmação de um essencialismo racial, reagindo ressentido a estigmatizações passadas, dificilmente os sinais supremacistas não serão invertidos. As implicações disso me parecem óbvias. ←

Sob a capa do discurso antirracista, o racismo negro se manifesta por meio de organizações poderosas como a Nação do Islã, supremacista negra, antissemita e homofóbica

Não devemos fazer vistas grossas ao racismo negro, ao mesmo tempo que esquadrinhamos o racismo branco com microscópios implacáveis

Mulheres que sofrem

Voltei quase bem de Pernambuco, mas vi tanto sofrimento que me calei

Marilene Felinto

Escritora e tradutora, autora de 'As Mulheres de Tijucopapo'. Mantém o site marilenefelinto.com.br

Voltei até que bem (ia dizer "feliz") de curtas férias em Pernambuco. Mas dei de cara com tantas mulheres em sofrimento (aqui e lá) que me calei.

Voltei quase bem, porque lá é que se cura um tanto da minha nostalgia, o reencontro com sabores e paisagens de infância: mangaba, pitomba, caranguejo, coqueiros e praia de águas mornas.

Voltei até que bem, ainda que não seja tempo de caranguejos: é época de defeso, a espécie está em reprodução. Só foi possível comer um resto de machos magros. A captura e o cativeiro de fêmeas para engorda estão proibidos.

Respeitou-se, mas lamentei, porque costumo comer inteiros esses crustáceos, patas e carapaças, cozidos só na água e sal. Passo horas sentada a uma mesa de praia comendo caranguejos (do tipo guaiamum, de preferência), numa voracidade deselegante e pré-histórica, como se estivesse num daqueles períodos de fome atávica da história da humanidade.

Mas voltei testemunha de mulheres em sofrimento: porque foram mães ou porque não são mães; sofrendo por terem revivido (assistindo ao depoimento-denúncia de uma outra) a tragédia obstétrica, o desdém e a violência médica na hora do parto, sem nunca terem conseguido elaborar esse trauma.

Sofrendo porque seus filhos e filhas sofrem (mas também porque às vezes acham esses filhos e filhas insuportáveis —e viram isso em um filme e se identificaram, mas não podem dizê-lo na vida real). Mulheres cujos filhos morreram antes delas e que sofrem da inenarrável dor dessa morte.

Sofrem porque foram abandonadas por seus companheiros ou companheiras (ou porque abandonaram seus companheiros ou companheiras). Que sofrem porque são filhas e acham suas próprias mães um fardo a carregar.

Sofrem porque seus companheiros são violentos feminicidas latentes ou ativos. Porque não conseguem denunciá-los ou porque conseguiram denunciá-los. Ou mulheres que sofrem porque suas companheiras homoafetivas demandam demais, querem exclusividade, demonstrações públicas de carinho heteronormativo, numa irritante parodiazinha de gênero (de casaizinhos).

Mulheres que sofrem porque não sabem se querem transar com homens ou com mulheres. Sofrem porque, no fundo, nunca vão atingir, como os homens, um certo desinteresse pela monogamia: é que um homem disse uma vez a uma mulher (boquiaberta de espanto) que o mundo das vaginas é fascinante porque é de uma diversidade infinita, que não há vagina igual a outra, que é preciso experimentar muitas, ir variando de vagina em vagina, e daí a infidelidade dos homens!

Sofrem também porque acham que são boas mães, mas que seus filhos não reconhecem isso. Elas que abominam noras ou genros porque responsabilizam essas intrusas e intrusos pelo sofrimento incalculável que é a síndrome do ninho vazio.

Sofrem porque estão velhas e perderam seus gatos e cachorros idosos, e seus netos são ausentes. Ou porque são jovens demais e não se compreendem (sofrem desse tipo específico de cegueira).

Sofrem porque seus chefes são os machistas de sempre, supostos profissionais bem-sucedidos no "mercado", homens casados que querem mesmo é comer suas subordinadas, e pagando pouco.

Mulheres que sofrem porque precisam escrever suas teses e livros e (ainda) não encontram a paz de que os homens desfrutam para desenvolver seus trabalhos —eles que, quando se sentam a uma mesa para escrever ou desenhar, botam na cara aquele ar de gênios superiores.

Mulheres que sofrem porque são pobres e negras e sustentam a família sozinhas —e porque de faxineiras e empregadas domésticas, foram desembocar em cuidadoras, não mais do que isso.

Ou porque são ricas e deprimidas e não sabem o que fazer da vida, além de unhas, cabelo e ginástica (e de ingerirem psicotrópicos, porque estão magras demais ou obesas demais).

Mulheres maduras ou velhas, que sofrem porque as novas tecnologias criaram-lhes barreiras insuperáveis, elas que não sabem digitar, digitalizar, zapear, printscriptar —nem gozar no aplicativo de relacionamentos sociais, na plataforma dessas novas estações.

Sofrem porque a tecnologia instituiu essa espécie de clivagem na vida delas —uma semiexclusão, elas que achavam que já sabiam tudo, porque, por serem mães, já têm o conhecimento e a sabedoria, tendo vivido o que existe de mais rico em aprendizado (ao mesmo tempo prazeroso-doloroso).

Voltei de Pernambuco quase feliz. Ainda que também não fosse época de pitombas. Mas sofri só de ver como as mulheres estão sofrendo (aqui e lá).

É um sofrimento sem ideologia (aquém ou além dos feminismos). Como se, na andada solitária delas, tivessem caminhado para trás nos tempos. E não é exatamente uma culpa: é uma agonia, como uma fome ancestral.

[...]

É um sofrimento sem ideologia (aquém ou além dos feminismos). Como se, na andada solitária delas, tivessem caminhado para trás nos tempos. E não é exatamente uma culpa: é uma agonia, como uma fome ancestral

| **DOM.** Bernardo Carvalho, Itamar Vieira Junior, Marilene Felinto, **Hermano Vianna**

Silêncios memoráveis

Ela gosta de falar e eu gosto de estar calado

Ricardo Araújo Pereira

Humorista, membro do coletivo português Gato Fedorento. É autor de 'Boca do Inferno'

Peço a atenção do respeitável público para o seguinte episódio doméstico: eu estava a ver o espectáculo de stand-up de uma comediante americana quando a minha mulher entrou na sala e se sentou ao meu lado. Passado algum tempo, ela disse: "Estas calças ficam-lhe mal".

Eu fiquei calado. Depois, ela disse: "A voz dela irrita-me". Eu fiquei calado. Um pouco mais tarde, ela disse: "Não lhe acho muita graça". Eu fiquei calado.

E então a minha mulher levantou-se e foi embora, e eu sei que ela ia satisfeita, com a firme convicção de que tínhamos tido uma excelente conversa.

Não se preocupem, isto não é o pretexto para uma dessas reflexões estafadas sobre as mulheres serem de Vénus e os homens de Marte. Nunca percebi a ideia segundo a qual, por não serem do mesmo planeta, mulheres e homens não se entenderiam. O ET e o menino são de planetas diferentes e estabelecem uma relação bem sólida. O que um sente, o outro sente; quando um adoece, o outro adoece. Isso é que é estar junto na saúde e na doença.

A questão aqui é outra. Ela e eu somos diferentes independentemente do fato de eu ser um homem e ela ser uma mulher. Acontece que ela gosta de falar e eu gosto de estar calado.

Quando ela sai da sala contente depois de eu não ter dito uma palavra, isso indica-me, uma vez mais, que há poucas atividades para as quais eu tenha mais talento do que para estar calado. Nem todo o mundo consegue, mas eu nasci para isso.

Nesse mesmo dia, quando me fui deitar, ela já estava na cama. Pensei que já tivesse adormecido mas, quando eu pousava a cabeça no travesseiro, ela disse: "Não sei como consegues dormir despido com este frio".

E, ao mesmo tempo que o dizia, enfiava os pés no meio das minhas pernas. Eu fiquei calado. Não foi fácil, porque os pés estavam gelados, mas eu sou um profissional. É um modo de ser que consiste também num projeto a longo prazo.

Quando eu morrer, ela vai lembrar-se de mim cada vez que não houver barulho. Sempre que comprar uma resma de folhas brancas recordará alguns dos meus melhores silêncios. Talvez ela pegue numa e a coloque numa moldura. E, como é óbvio, estará a falar sozinha o tempo todo. Eu, mantendo uma notável coerência, em princípio não responderei.

Luiza Pannunzio

| DOM. Ricardo Araújo Pereira | **SEG. Bia Braune** | TER. Manuela Cantuária | QUA. Gregorio Duvivier | QUI. Flávia Boggio | SEX. Renato Terra | SÁB. José Simão

É HOJE

Tony Goes

tonygoes@uol.com.br

Diretor do filme 'Mar Adentro' faz série de aventura na televisão paga

A Fortuna
AMC, 22h, 12 anos
Conhecido por dramas psicológicos como "Os Outros" e "Mar Adentro", o chileno-espanhol Alejandro Amenábar assina sua primeira minissérie de ação e aventura. Em oito episódios, "A Fortuna" conta a história de um jovem diplomata que lidera uma missão para recuperar um tesouro encontrado em um navio afundado, roubado por um aventureiro americano.

Express
Starzplay, 16 anos
Nesta minissérie espanhola, Maggie Civantos, de "Vis a Vis", faz uma psicóloga criminal que sofre um sequestro-relâmpago. Ela então deixa a polícia e passa a trabalhar para uma seguradora. Um novo episódio todo domingo.

Grandes Mitos Gregos
Curta!, a partir de 9h, livre
Para comemorar dez anos no ar, o canal promove maratonas aos domingos de uma de suas séries de maior sucesso. Até março, quatro episódios também serão disponibilizados gratuitamente na plataforma Curta! On.

Amazônia: Entre a Vida e a Morte
Cultura, 16h30, livre
Produzida em parceria com o Amazon Rainforest Journalism Fund e o Pulitzer Center, esta série documental em quatro episódios denuncia um novo polo de desmatamento na divisa entre os estados do Acre, Amazonas e Rondônia.

Harry e Meghan: Escapando do Palácio
Lifetime, 21h, livre
O terceiro telefilme produzido pelo canal sobre o príncipe Harry e sua mulher Meghan Markle dramatiza os acontecimentos que levaram o casal a se afastar dos deveres da monarquia britânica após o nascimento do filho Archie.

Acumuladores Compulsivos: Melhores Momentos
A&E, 21h30, 14 anos
Uma coletânea dos episódios mais marcantes de "Acumuladores Compulsivos", com cenas inéditas de cada caso.

Canal Livre
Band, 0h30, livre
O governador da Bahia, Rui Costa, do PT, fala sobre os prejuízos causados pelas chuvas em seu estado e a corrida eleitoral que se avizinha.

QUADRÃO | Jan Limpens

| DOM. Jan Limpens, Luiz Gê, Ricardo Coimbra, Angeli, **Laerte**

Crise no Iphan leva a suspensão do mestrado do órgão, referência em preservação

Carolina Moraes

SÃO PAULO O Iphan, principal órgão de preservação do patrimônio cultural do país, atravessa uma crise. O capítulo mais recente foi Bolsonaro admitindo que rifou servidores para beneficiar Luciano Hang, dono das lojas Havan.

A paralisação de atividades, que chegou a atingir as ações do conselho consultivo da instituição, agora impacta também o mestrado profissional do Centro Regional de Formação em Gestão do Patrimônio, o Centro Lucio Costa.

O edital de 2021 do curso não foi lançado. Pela primeira vez desde 2012, quando foi reconhecido, o mestrado não terá nova turma. A paralisação acontece por falta de aprovação do edital pela diretoria colegiada, formada pelos diretores do Iphan e pela presidente da instituição Larissa Peixoto, que assumiu em 2020.

Funcionários e especialistas da área de patrimônio definem o mestrado profissional como um dos mais importantes cursos da área no Brasil.

Documentos no sistema de informação do Iphan mostram que só em junho de 2021 a diretoria oficializou em reunião que o edital de 2021 ficaria suspenso provisoriamente.

Ficou definido que a publicação dependeria da nomeação de um diretor definitivo para o Centro Lucio Costa, cargo vago desde maio.

Há também uma série de comunicados enviados tanto pelo Centro Lucio Costa quanto pelo Departamento de Cooperação e Fomento do Iphan pedindo uma previsão de publicação do edital nesse período, sem respostas.

O Fórum de Entidades em Defesa do Patrimônio Brasileiro, formado por 18 instituições, publicou um documento em defesa do curso e listou o que eles entendem como indícios da "falta de interesse da atual direção da instituição para dar continuidade ao programa".

Membros do conselho consultivo, a instância máxima para tombamentos e registros de bens imateriais na instituição, também se manifestaram sobre o assunto na última reunião do conselho, no fim do ano passado, que teve participação da presidente.

Procurado pela reportagem, o Iphan não se pronunciou até o encerramento desta edição sobre previsão de lançamento dos editais de 2021 e 2022 para o mestrado e se há a intenção de transferência de acervos e instituições do Rio de Janeiro para Brasília.

Um pequeno gigante

[RESUMO] Há pouco mais de 20 anos, um cineasta neozelandês desconhecido, Peter Jackson, lançava o primeiro filme da trilogia 'O Senhor dos Anéis', após percalços quase tão difíceis quanto os de Frodo. A saga, que ganhou 17 Oscars e se tornou um fenômeno de bilheteria, inaugurou a era de fantasias épicas adultas, como 'Game of Thrones', e vai virar série neste ano

Por **Rodrigo Salem**
Jornalista especializado em cinema

Quando a atriz Cate Blanchett, no papel da rainha élfica Galadriel, proferiu a frase "até a menor das criaturas pode mudar o curso do futuro", ela se referia a Frodo, o pequeno hobbit protagonista de "O Senhor dos Anéis: A Sociedade do Anel", obra de J.R.R. Tolkien publicada em 1954.

Essas mesmas palavras podem ser usadas para ilustrar como um pequeno cineasta de uma ilha distante um oceano de Hollywood conseguiu mudar a história não apenas do cinema moderno, mas da própria cultura pop do século 21.

Não são hipérboles vazias. Sem "O Senhor dos Anéis", filme que o neozelandês Peter Jackson lançou há 20 anos, muita coisa seria diferente. Certamente, não teríamos visto a invasão de fantasias épicas mais sérias, como "Game of Thrones", "His Dark Materials" e "A Torre Negra".

Personagens digitais tão emocionantes quanto os colegas humanos não se tornariam tão comuns em Hollywood sem o Gollum de Andy Serkis, e o próprio conceito de trilogia, tão na moda, tomou força após o sucesso bilionário dos longas de Jackson. Antes de "O Senhor dos Anéis", o cinema de fantasia era sinônimo de fracassos de bilheteria, dramaturgia risível e efeitos especiais capengas que atingiam apenas um nicho de público.

Até os Beatles, em 1968, tentaram fazer uma adaptação musical da série, mas foram vetados pelo próprio Tolkien, que vendeu os direitos da obra para o estúdio United Artists um ano depois. "Peter Jackson entendeu que a fantasia de 'O Senhor dos Anéis' precisava ser realista", escreveu o jornalista Ian Nathan no livro "Peter Jackson and The Making of Middle-Earth" (2018).

A trajetória do diretor para levar ao cinema uma das obras mais vendidas e amadas da literatura fantástica foi tão difícil e inesperada quanto a jornada de Frodo rumo à Montanha da Perdição.

Como muita coisa na Hollywood dos anos 1990, a história de "O Senhor dos Anéis" no cinema começou com Harvey Weinstein. Atualmente preso e condenado a 23 anos de prisão por abuso sexual e estupro, o ex-produtor tinha um contrato com Jackson que dava a seu estúdio o direito de ser a primeira escolha do diretor para o filme seguinte ao drama "Almas Gêmeas" (1994).

O ator Elijah Wood, que interpreta o hobbit Frodo, em cena de 'O Senhor dos Anéis: A Sociedade do Anel' Reprodução

Uma das ideias jogadas por Jackson e sua esposa, Fran Walsh, foi exatamente "O Senhor dos Anéis". Weinstein gostou e sugeriu que fizessem três filmes: o primeiro adaptaria "O Hobbit", livro mais infantil que mostra as aventuras do hobbit Bilbo na fantasiosa Terra-Média, enquanto os dois restantes trariam a jornada de Frodo, sobrinho de Bilbo.

Eventualmente, eles descobriram que os direitos de "O Hobbit" eram impossíveis de ser adquiridos na época, pois estavam sob posse da MGM. "Dane-se, faremos apenas dois filmes com 'O Senhor dos Anéis'", teria praguejado o grosseirão Weinstein.

Na época, Jackson já estava dirigindo "Os Espíritos" (1996) e começou a procurar seu novo projeto para oferecer aos Weinstein. Não lhe faltavam alternativas.

A primeira foi uma atualização de "O Planeta dos Macacos" com Arnold Schwarzenegger no papel principal e produção de James Cameron, mas o neozelandês decidiu cair fora quando a produção ficou megalomaníaca demais para seu gosto. A outra foi o remake de "King Kong", filme que era grande paixão de Jackson desde criança. Dessa vez, ele topou recriar o drama do gorila gigante.

Weinstein não recebeu bem a notícia de que Jackson não faria "O Senhor dos Anéis" naquele momento, mesmo que os direitos não estivessem assegurados. "Isso não está acontecendo. Você não está me falando isso", disse aos gritos.

"Eu estou te falando isso, Harvey. Nós ainda vamos fazer, mas consiga os direitos que voltamos depois de 'Kong'", replicou o diretor. A resposta nem veio: Weinstein bateu o telefone na cara de Jackson.

Esperto, o cineasta conseguiu driblar a raiva do produtor ao costurar um acordo: a Miramax entraria em parceria com a Universal em 50% do orçamento de "King Kong", e, em troca, o estúdio pagaria metade de "O Senhor dos Anéis" para os Weinstein.

Mais esperto ainda, Harvey Weinstein disse que não seria um acordo justo, pois a adaptação da obra de Tolkien geraria dois longas. Ele pediu para ficar com os direitos de outro roteiro da Universal, "Shakespeare Apaixonado", que três anos depois ganharia sete Oscars, incluindo o de melhor filme.

Quando tudo parecia certo na carreira em ascensão meteórica do cineasta que veio do submundo dos filmes de terror B da Nova Zelândia, uma nova surpresa. A Universal decidiu cancelar a refilmagem de "King Kong", porque a Disney já havia lançado "O Poderoso Joe" (1998), uma cópia fajuta que não gerou nenhuma comoção. Além disso, o estúdio havia fechado com Roland Emmerich, na época um dos diretores mais prestigiados de Hollywood, para ressuscitar outro monstrengo: Godzilla.

Também não ajudou nada o fato de o novo filme de Jackson, "Os Espíritos" (1996), ter naufragado nas bilheterias. Harvey Weinstein, contudo, tomou as dores do cineasta. "Vamos fazer 'O Senhor dos Anéis'", teria dito, "e sem o envolvimento deles [Universal]".

A lua-de-mel não durou muito. Apesar de ter concordado em fazer dois filmes com o orçamento de US$ 75 milhões, Jackson logo percebeu que não seria possível alcançar a qualidade desejada de efeitos visuais, produção e direção de arte com essa quantia. Ele pediu pelo menos o dobro, mas Weinstein nem deu ouvidos.

A solução dada pelo brucutu hollywoodiano era a mais radical possível: adaptar os três livros da saga em apenas um filme, cortando dezenas de personagens (como Saruman), mesclando outros (os nobres Faramir e Éowyn seriam apenas uma guerreira), eliminando locações (os reinos humanos de Gondor e Rohan seriam o mesmo lugar) e condensando cenas (um dos pedidos de Weinstein era matar um dos hobbits para criar um momento emotivo).

Peter Jackson se recusou a embarcar nessa canoa furada. O produtor ameaçou tirá-lo do projeto por inteiro e repassar "O Senhor dos Anéis" para algum cineasta mais próximo, como Quentin Tarantino ou John Madden ("Shakespeare Apaixonado"). Ninguém sabe se ele estava blefando, mas é fato que Weinstein enviou o roteiro dos filmes para Hossein Amini, de "Asas do Amor".

O projeto estava por um fio. Jackson já havia pedido para seu agente comunicar a Weinstein que não faria "O Senhor dos Anéis" como um filme isolado. O agente, contudo, preferiu pedir ao chefão da Miramax mais tempo para encontrarem um estúdio que garantisse os dois filmes.

Normalmente, algo dessa magnitude requer, pelo menos, um ano. Weinstein deu quatro semanas a Jackson, que voltou para a Nova Zelândia e preparou um vídeo com testes de efeitos, além de maquetes para poder exibir nas apresentações.

Dias depois, ele estava se reunindo com presidentes de produção de vários estúdios. Por uma razão ou outra, Jackson só ouviu recusas. Sua última esperança era a pequena New Line, que começou a ganhar muito dinheiro com filmes de terror como "A Hora do Pesadelo" e, ao ser comprada pela Warner, ganhou poder para financiar outros filmes.

A reunião foi tensa. Apesar de o produtor Mark Ordesky ser apoiador e amigo de Jackson, ele precisava da aprovação de Bob Shaye, presidente da New Line. Shaye assistiu à apresentação de Jackson sem exibir um sorriso.

O cineasta achou que era o fim do sonho, mas veio a reviravolta. "Por que você faria dois filmes se Tolkien escreveu três livros?", perguntou Shaye a um Jackson incrédulo. "Se queremos fazer justiça, precisamos fazer três filmes."

Entre acordos e apertos de mão, assim nasceu a trilogia "O Senhor dos Anéis": "A Sociedade do Anel", lançada em dezembro de 2001, "As Duas Torres", em dezembro de 2002, e "O Retorno do Rei", dezembro de 2003. Os três épicos foram filmados simultaneamente na Nova Zelândia, entre 1998 e 2001, mas exigiram novas filmagens para cenas extras meses antes de cada episódio estrear.

Esse feito descomunal consumiu dez anos da vida do diretor. "Eu teria morrido se tivesse feito os dois 'Duna' de uma vez. Não sei como Peter Jackson conseguiu fazer três 'Senhor dos Anéis'. Ele tem meu maior respeito", disse Denis Villeneuve em um evento recente em Los Angeles.

A trilogia de Jackson não apenas rendeu cerca de US$ 3 bilhões nos cinemas (sem contar as versões do diretor, lançadas sempre um ano depois das estreias normais), como se tornou uma devoradora de prêmios: no total, os três longas foram indicados a 30 Oscars e venceram 17 deles —"O Retorno do Rei", com 11 estatuetas, é recordista da história da Academia, ao lado de "Ben-Hur" (1959) e "Titanic" (1997).

Na esteira do sucesso, os estúdios saíram em busca de obras similares, como "As Crônicas de Nárnia", de C.S. Lewis, escritor que fazia parte do grupo de Tolkien em Oxford; "A Bússola de Ouro", livro de Philip Pullman que fracassou no cinema, mas encontrou lugar na TV na série "His Dark Materials"; e até "Eragon", fantasia infanto-juvenil de Christopher Paolini.

Podemos dizer que "Game of Thrones" nunca teria chamado a atenção da HBO e ganhado a liberdade para florescer sem ter recebido o bastão de "O Senhor dos Anéis".

O próprio Jackson, contudo, não alcançou o mesmo resultado quando finalmente adaptou "O Hobbit", em 2012. Pressionado após a saída de Guillermo del Toro, que teve choque de agenda por causa de diversos atrasos nas filmagens, Jackson assumiu a cadeira de diretor e transformou um livro curto e infantil em três filmes longos e mal-acabados esteticamente.

De toda forma, "O Senhor dos Anéis" permanece um pote de ouro para o audiovisual. Em setembro de 2022, a Amazon Prime Video lançará uma série ambientada milhares de anos antes das aventuras de Frodo, mas trazendo alguns personagens conhecidos do grande público. A expectativa é tão alta que a gigante de Jeff Bezos deve investir cerca de US$ 1 bilhão no projeto, fazendo desta a série mais cara de todos os tempos.

Como a produção está sendo mantida em absoluto segredo, não se sabe se Peter Jackson participará ou não. Mas, em uma trajetória com tantas surpresas, o que seria mais uma para esse pequeno gigante neozelandês que trouxe Tolkien para toda uma nova geração? ←

Antes de "O Senhor dos Anéis", o cinema de fantasia era sinônimo de fracassos de bilheteria, dramaturgia risível e efeitos especiais capengas

A trilogia não apenas rendeu cerca de US$ 3 bilhões nos cinemas como se tornou uma devoradora de prêmios: no total, os três longas foram indicados a 30 Oscars e venceram 17 deles

Árvores mortas em várzea na Reserva Extrativista Baixo Rio Branco-Jauaperi Ana Paula Lustosa - 9 dez. 21/Folhapress

Enchentes, fogo e descaso

[RESUMO] A centenas de quilômetros da frente de desmatamento da Amazônia e cercada de outras unidades de conservação, reserva extrativista na divisa de Roraima e Amazonas vem sofrendo incêndios e enchentes de proporções inéditas. Negligência de órgãos ambientais federais se soma à crise climática, agravando a situação de ribeirinhos e criando risco de desaparecimento de tartarugas

Por ***Fabiano Maisonnave***
Correspondente da Folha em Manaus

Acessível apenas de barco, longe das cidades, habitada por algumas dezenas de famílias de ribeirinhos e cercada por outras áreas protegidas, a Resex (Reserva Extrativista) Baixo Rio Branco-Jauaperi está no meio de uma das regiões mais preservadas da floresta amazônica.

Apesar de centenas de quilômetros distante das frentes de desmatamento, são inúmeras as árvores mortas que despontam das águas escuras da várzea inundada pelo rio Jauaperi, afluente do rio Negro que marca a divisa entre os estados de Roraima e Amazonas.

A cena lúgubre, que soma alguns quilômetros de floresta destruída em dois pontos distintos da Resex, lembra os "paliteiros" presentes em reservatórios de usinas hidrelétricas, como a de Belo Monte, sobre o rio Xingu, no Pará.

A causa da mortandade, porém, é outra. A vegetação nesses dois trechos foi destruída, no início de 2016, por incêndios de extensão e intensidade inéditas —na época, a região atravessava a maior seca de que os ribeirinhos têm memória.

Por outro lado, a água que alagava as várzeas do Jauaperi no início de dezembro, quando a reportagem da **Folha** visitou o local, é reflexo da maior enchente em pelo menos um século.

Em meados de 2021, as casas das comunidades mais baixas, assim como roças e plantas frutíferas "foram pro fundo", na linguagem local. Em alguns pontos, a alagação da floresta de terra firme matou árvores que não sobrevivem muito tempo submersas, incluindo castanheiras.

Esses dois eventos extremos, separados por um intervalo de cinco anos, reforçam as projeções de que as mudanças climáticas são uma ameaça crescente para a maior floresta tropical do mundo.

Entre 2015 e 2016, a seca foi provocada por um "super El Niño", um dos mais fortes já registrados, ao lado dos de 1982 e 1997. O fenômeno, provocado pelo aquecimento das águas do Pacífico, teve repercussão global e causou desde um número recorde de ciclones tropicais na região do Havaí até a maior elevação anual de dióxido de carbono na atmosfera já registrada.

"É como um gigante tocando um sino tão alto que derruba os pratos das estantes na casa do final da rua", sintetiza uma análise da Noaa (agência norte-americana do oceano e da atmosfera).

No rio Negro, os impactos também foram sem precedentes. O ecólogo Bernardo Flores, pós-doutorando na UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina), calculou que, na região de Barcelos, vizinha à Resex, foram destruídos 70 mil hectares de floresta de igapó, nome dado ao ecossistema alagável que cresce às margens dos rios de água preta.

O tamanho da área consumida pelas chamas, equivalente ao município de Florianópolis, é ainda mais impressionante se comparado com o fato de que, ao longo dos 40 anos anteriores, o fogo havia atingido apenas 10 mil hectares na mesma região.

"Eu acredito no risco de queimar quase tudo", afirma Flores, em conversa por telefone. "Os El Niños estão ficando mais amplos e frequentes. A tendência é de, em breve, ter um El Niño mais forte que o de 2015."

Flores explica que, mesmo inundado durante parte do ano, o igapó é vulnerável ao fogo por acumular muita matéria orgânica, que se transforma em combustível no período seco.

O ecólogo diz que a regeneração do igapó é lenta e que, caso a mesma região queime duas vezes, a floresta dará lugar a uma campina, com espécies típicas da savana nativa amazônica, comum em várias regiões de Roraima.

Essa avaliação é corroborada pela experiência dos ribeirinhos. "Depois do fogo, não se recupera mais da forma como era. Cresce mais embaubeira, cria tiririca, aquele cipó que impede outras plantas nascerem. No tempo dos meus pais, um vizinho jogou uma baganha de cigarro e queimou um pedaço. Tem 45 anos e agora está começando a crescer, mas ainda tem muita diferença para chegar ao porte da floresta nativa", afirma Francisco Parede de Lima, 54, presidente da Associação dos Artesãos e Extrativistas do Rio Jauaperi (AARJ).

Já a cheia recorde de 2021 foi provocada pelo La Niña. Ao contrário do El Niño, é um fenômeno causado pelo resfriamento das águas do Pacífico e, na Amazônia, provoca chuvas acima da média. Em Manaus, o rio Negro atingiu o nível mais alto desde o início da medição, há 119 anos.

Na comunidade Tanauaú, por exemplo, só 2 das 17 casas escaparam da enchente. Alguns se mudaram para áreas mais altas, outros passaram a morar em barcos. "A alagação durou três meses. Durou muito tempo. Geralmente, só passamos um mês alagado aqui", diz o ribeirinho Alberto Oliveira, 45.

A perda das roças foi compensada por cestas básicas. O principal doador foi o empresário de turismo Ruy Tone, que as distribuiu três vezes pelas 25 comunidades, das quais só três não foram "pro fundo". Houve também ajuda do CNS (Conselho Nacional dos Seringueiros) e, por último, do ICMBio (Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade).

Em situações de emergência ou não, a presença do poder público é escassa. Assim como o Estado não contém o aumento do desmate (ou o "potencializa", como admitiu o presidente Jair Bolsonaro em 2019), quase nada se faz para mitigar os efeitos da crise climática na floresta amazônica.

Via assessoria de imprensa, o ICMBio informou que o processo de criação do conselho consultivo da Resex foi aberto em 2021 e que depende das restrições impostas pela pandemia da Covid-19. O órgão informou que, em 2020, servidores e brigadistas lotados em Novo Airão foram capacitados em prevenção e combate a incêndios florestais.

A Resex Rio-Branco-Jauaperi é uma das regiões que sofrem com esse descaso. De responsabilidade federal, foi a última unidade de conservação criada na Amazônia, em junho de 2018, no governo Michel Temer (MDB). Quase quatro anos depois, está sem conselho deliberativo e plano de manejo e não conta nem sequer com ribeirinhos treinados como brigadistas.

A demanda para a criação da Resex foi formalizada pelos ribeirinhos em 2001, mas o trâmite se arrastou durante os anos seguintes devido à oposição encabeçada pelo governo de Roraima, que chegou a criar uma APA (Área de Proteção Ambiental) estadual na mesma região. Trata-se da categoria de unidade de conservação de mais baixa proteção, que permite desmatamento e propriedade privada.

No entanto, uma mudança trazida pelo Código Florestal, em 2012, mudou a posição da classe política de Roraima, vinculada ao agronegócio, à madeira e ao garimpo.

Caso um estado amazônico tenha mais de 65% do território ocupado por unidades de conservação e terras indígenas, o percentual de área de mata nativa preservada por lei diminuirá de 80% para 50% nas propriedades privadas.

Nesse cálculo, a criação da Resex, paradoxalmente, pode em breve contribuir para que fazendeiros de Roraima desmatem para produzir carne, soja e outros produtos agropecuários.

Reserva Extrativista Baixo Rio Branco-Jauaperi
Área: 580,6 mil hectares
(equivalente ao DF)
População: 246 famílias

Tartarugas sob ameaça

Com os órgãos ambientais ainda mais enfraquecidos sob Bolsonaro, a Resex está vulnerável à pesca predatória e à caça de quelônios, atividades ilegais que empregam parte dos ribeirinhos, fonte recorrente de conflitos internos.

Para tentar recuperar a reduzida população de quelônios, a AARJ mantém há dez anos um projeto pelo qual a associação paga uma rede de ribeirinhos para vigiar as praias de desova, coletar os ovos e depois soltar os filhotes. O projeto, que hoje abrange sete praias, é financiado por doações privadas.

Em dezembro, a reportagem acompanhou o trabalho da associação, a bordo de uma embarcação de 15 metros movida por um motor fabricado em 1963. Com uma velocidade não maior do que 7 km/h, foram precisos seis dias para visitar todas as comunidades do projeto. A distância de Novo Airão, o ponto de partida, até a Resex é de cerca de 250 km.

No barco, além de Lima, estava o escocês Paul Clark. Ele se mudou para o Jauaperi nos anos 1990 junto com a mulher, a italiana Bianca. Fundaram uma escola para os ribeirinhos, tiveram dois filhos e deram início ao projeto de proteção dos quelônios, além de participar da AARJ, onde ele atua como vice-presidente.

Neste ano, o trabalho dos praieiros foi prejudicado pelo nível elevado do rio, que encobre boa parte das praias, inviabilizando a desova das tartarugas. Pelo segundo ano consecutivo, a região está com chuvas acima da média, novamente devido ao fenômeno La Niña.

O maior problema, contudo, é a falta de fiscalização por parte dos agentes ambientais. Desde 2018, o ICMBio realizou apenas três operações. Sem vigilância, é comum a caça indiscriminada das quatro espécies de tartaruga da região. Elas depois são vendidas em Novo Airão e Manaus, onde a carne de tartaruga é muito apreciada.

"É meio frustrante dizer que você está lutando, suando a camisa para fazer algo para uma pessoa que está só destruindo", diz Lima. "A gente tenta salvar o máximo de quelônios para soltar na natureza, e os caras vão tirando. Já houve comentários: 'Ora, vocês estão criando, e a gente vai pegando, agora vai equilibrar'. É uma piada desagradável." ←

Enfermeira conforta colega na troca de turnos no cuidado a pacientes com Covid-19 no Hospital Cremona, em Milão, na Itália Paolo Miranda - 13.mar.2020/AFP

Médicos têm altas taxas de ideias suicidas na pandemia

Depressão cresceu entre profissionais de saúde latino-americanos, diz estudo

SAÚDE

WASHINGTON | AFP Os trabalhadores da saúde de 11 países latino-americanos apresentam "altos índices" de sintomas depressivos e pensamentos suicidas, segundo um estudo publicado nesta quinta-feira (13) pela Organização Pan-Americana da Saúde (Opas).

O relatório "The Covid-19 health care workers study (HEROES)" mostra que entre 14,7% e 22% dos profissionais de saúde consultados em 2020 demonstraram sintomas que permitiram suspeitar de um episódio depressivo, enquanto entre 5% e 15% reconhecem que pensaram em suicídio, disse a Opas.

O estudo foi realizado pelas universidades do Chile e Colúmbia, em colaboração com a Opas, com profissionais na Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, Bolívia, Guatemala, México, Peru, Porto Rico, Venezuela e Uruguai.

"A pandemia aumentou o estresse, a ansiedade e a depressão entre os profissionais de saúde e revelou que os países não desenvolveram políticas específicas para proteger sua saúde mental", afirmou Rubén Alvarado, pesquisador da Universidade do Chile.

Em alguns países, apenas cerca de um terço daqueles que disseram precisar de atendimento psicológico receberam o apoio, segundo comunicado da organização.

"A pandemia evidenciou o desgaste do pessoal de saúde e em países onde o sistema de saúde entrou em colapso, eles sofreram com jornadas extenuantes e dilemas éticos que impactaram sua saúde mental", apontou Anselm Hennis, diretor do Departamento de Doenças Não Transmissíveis e Saúde Mental da organização.

A saúde mental dos profissionais da área foi afetada, entre outros motivos, pela necessidade de apoio emocional e financeiro, preocupação em infectar seus familiares com o vírus, conflitos com parentes de pessoas infectadas e mudanças nas funções laborais, indica o estudo.

Entre os fatores que protegeram a saúde mental do grupo, o texto destaca a confiança de que as instituições e o governo poderiam lidar com a pandemia, contar com o apoio de colegas e ser uma pessoa espiritual ou religiosa.

Para amenizar o problema, o relatório recomenda modificar o ambiente de trabalho, melhorar salários e contratos e criar espaços para que as equipes possam desabafar.

Também defende o apoio ao cuidado de seus filhos e idosos sob seus cuidados, já que a maioria são mulheres e cuidadoras, além da facilitação do acesso aos serviços de saúde mental.

"Após dois anos de pandemia, muitos trabalhadores ainda não recebem o apoio de que precisam e isso pode levá-los a desenvolver diferentes transtornos mentais, algo para o qual temos que estar preparados", alertou Ezra Susser, pesquisador da Universidade Columbia.

O estudo é baseado em entrevistas com 14.502 profissionais de saúde e contou com apoio de dezenas de instituições dos países estudados.

"A pandemia não acabou. É fundamental cuidar de quem cuida de nós", concluiu Anselm Hennis.

OMS recomenda 2 novos tratamentos anti-Covid

A OMS (Organização Mundial da Saúde) recomendou oficialmente dois novos tratamentos contra a Covid-19 em casos muito específicos, elevando o total desses fármacos a cinco.

Em um relatório publicado nesta sexta-feira (14) na revista médica The BMJ, os especialistas da OMS recomendam um tratamento à base de anticorpos sintéticos, o sotrovimab, e um medicamento em geral usado contra a poliartrite reumatoide, o baricitinib.

Os medicamentos, contudo, não são destinados a qualquer paciente.

O sotrovimab é recomendado para pacientes que contraíram Covid sem gravidade, mas com alto risco de hospitalização. Seu benefício para pacientes que não correm este risco é muito baixo.

Quanto ao baricitinib, é recomendado para "pacientes acometidos de Covid grave ou crítica" e o medicamento deve ser administrado "combinado com corticoides". Nesses pacientes, sua ingestão "melhora a taxa de sobrevivência e reduz a necessidade de se submeter à ventilação mecânica".

Até agora, a OMS recomendava três tratamentos: os anticorpos sintéticos, vendidos com o nome Ronapreve, desde setembro de 2021; um tipo de medicamento chamado "antagonista da interleucina 6" (tocilizumabe e sarilumab), desde julho de 2021; e os corticoides sistemáticos para pacientes graves, desde setembro de 2020.

O sotrovimab trata o mesmo tipo de pacientes do Ronapreve. Sua eficácia contra novas variantes, como a ômicron, ainda é incerta, afirmou a OMS.

O baricitinib tem os mesmos efeitos dos antagonistas da interleucina 6 e deve ser administrado ao mesmo tipo de paciente.

Quando ambos estão disponíveis, é preciso escolher qual dos dois usar em função do custo, da disponibilidade e da experiência dos profissionais de saúde.

A organização já rejeitou vários tratamentos, entre eles plasma de pacientes curados da Covid, a ivermectina e a hidroxicloroquina.

Pesquisa ajuda a entender como sentimentos causam doenças

Gabriel Alves

SÃO PAULO O funcionamento do corpo humano é tão curioso que se você apresentar uma flor artificial a uma pessoa sabidamente alérgica a pólen é possível que ela tenha reações como se a planta fosse de verdade. Esse fenômeno foi descrito no periódico científico The American Journal of The Medical Sciences em 1886, mais de 130 anos atrás.

Agora, um estudo publicado na revista Cell e realizado por cientistas do Technion (Instituto de Tecnologia de Israel) e de outras instituições ajuda a entender como e por que isso acontece: o córtex insular (uma área do cérebro que fica, grosso modo, atrás do lobo temporal, na lateral do órgão) é capaz de armazenar um tipo de memória e, mesmo sem estímulos externos, disparar sinais para que o corpo apresente uma resposta inflamatória.

Inflamação, vale lembrar, é um mecanismo de defesa, uma espécie de sirene bioquímica para que o corpo mobilize defesas e combata invasores ou inicie o reparo de lesões. Classicamente, a inflamação pode ser notada por alguns sinais: vermelhidão, inchaço, temperatura local elevada, dor e perda de função da área ou órgão afetado.

Mas nem sempre esse tipo de resposta é desejada, como no caso de algumas doenças inflamatórias que têm um gatilho psicossomático, isto é, que podem desencadear certos efeitos, como cólicas intestinais e idas indesejadas ao banheiro, a partir do estado psicológico da pessoa.

A colite (inflamação no intestino grosso), assim como outras doenças do trato digestório, possui um forte componente psicossomático, e por isso foi escolhida pelos autores dos estudos, liderados por Asya Rolls, do Technion, como modelo experimental, em camundongos.

"Sabemos que muitas doenças ligadas ao aparelho digestório são muito sensíveis a gatilhos emocionais, por isso escolhemos a colite. Também estudamos a peritonite [inflamação do peritônio, estrutura que encobre os órgãos abdominais] como forma de entender quão específica é essa 'memória imunológica' do cérebro", conta a cientista à Folha.

No fim, ambos os modelos experimentais serviram para mapear o caminho da informação, com a codificação e armazenamento no córtex insular. A estratégia para entender como isso funcionava foi usar "etiquetas moleculares", capazes de denunciar o comportamento dos neurônios durante os eventos inflamatórios suscitados pela aplicação de substâncias químicas.

Ao estimular essa mesma rede neural, se obteve uma resposta imunológica semelhante àquela original, mesmo sem o estímulo químico. Os autores explicam que, com base nesses achados, é possível expandir o conceito tradicional de memória imunológica: de um fenômeno sem participação do cérebro para um que inclui essas representações neuronais da informação inflamatória.

"Sabemos que muitas doenças se desencadeiam a partir de um gatilho emocional, e há evidência de doenças psicossomáticas em todo lugar, mas nós não entendemos como elas acontecem. Por essa razão, temos pouca habilidade em lidar com elas. O entendimento que emerge a partir do nosso estudo abre uma nova possibilidade terapêutica, e até mesmo uma potencial cura ao inibir essa atividade do córtex insular", afirma Rolls à reportagem.

Um desafio que permanece é entender qual seria a vantagem evolutiva de termos em nós um "software" neurológico que consegue emular doenças inflamatórias. Uma possibilidade, aventam os autores, seria a conveniência de o organismo antecipar um estímulo, preparando o corpo para o que vem a seguir, com base em pistas ambientais, como odores e imagens.

Por outro lado, como vimos, isso pode levar a situações indesejadas, como uma reação alérgica a flores artificiais ou até mesmo complicações estomacais e intestinais nos momentos mais inconvenientes.

O plano dos pesquisadores agora, revela Rolls, é entender melhor o que compõe essa memória neuronal da inflamação, o que faz uma memória ser mais neurologicamente armazenável do que outra e se outras áreas do cérebro também estão envolvidas.

"Não podemos capturar certos aspectos psicológicos em modelos animais, e por isso é importante avançarmos para estudos em humanos. Assim entenderemos, com base em descobertas, se é possível atenuar essas doenças a partir da inibição da atividade cerebral", afirma a pesquisadora.

Aluna caminha até escola de Chicago, nos EUA; avanço da ômicron afeta retorno dos estudantes Scott Olson · 12.jan.2022/Getty Images/AFP

Escola convoca pais no lugar de professores com Covid-19

Avanço da ômicron desfalca colégios no Texas e provoca greve do setor na França

MUNDO

BELO HORIZONTE A alta vertiginosa de casos de Covid nos EUA, ligada ao avanço da ômicron, tem afetado o funcionamento das escolas no país. Algumas instituições decidiram não retomar aulas presenciais, e outras sofrem com a falta de mão de obra, já que muitos professores precisam se afastar após contrair a doença.

No Texas, um distrito escolar da cidade de Kyle, a 35 km da capital Austin, teve que pedir aos pais dos alunos que se tornassem professores substitutos. Na semana passada, a organização que administra os colégios locais enviou um email às famílias incentivando os responsáveis a se inscrever para as vagas.

O distrito abriga mais de 20 mil estudantes em 25 campi. Segundo um levantamento da instituição, há 318 alunos com Covid na região, sendo que só entre terça (11) e quarta (12) foram 241 novos diagnósticos informados —além de 61 casos ativos da doença entre funcionários.

No último dia 6, a instituição postou no Facebook um anúncio de vagas direcionado aos pais de alunos, comunicando que as escolas estavam contratando professores substitutos com certificação ou elegíveis ao cargo, ainda que sem certificação. O texto pontuou vantagens como "remuneração competitiva", acesso a seguro de saúde, oportunidade de treinamento contínuo e "programas de bônus animadores".

No próprio post, alguns perfis criticaram a iniciativa. "Isso é uma piada, apoiem seu sistema local de educação", escreveu um homem. Outra usuária questionou: "Em vez de melhorar as condições de alunos, professores e funcionários, vocês decidiram contratar fura-greves?", em referência a um movimento de reivindicações dos profissionais.

Em resposta, uma porta-voz do distrito disse à rede Fox 7 Austin que seria melhor usar os pais-professores do que fechar as escolas.

O distrito escolar geralmente tem cerca de 500 professores substitutos disponíveis por ano, mas o número caiu a cerca de cem no ano passado, em meio ao avanço da variante delta. Desde então, segundo disse o porta-voz da instituição, Tim Savoy, ao portal Insider, foram contratados 200 profissionais. Mas com a ômicron "a demanda aumentou bastante".

Devido à alta de diagnósticos, na primeira semana do ano algumas cidades americanas decidiram voltar para o ensino remoto —entre elas Atlanta, Detroit e Milwaukee.

Só nos primeiros sete dias do ano, 4.783 escolas americanas estavam com aulas presenciais suspensas, mais do que em qualquer outro período de 2021, segundo a Burbio, empresa que mapeia a situação das instituições no país.

Levantamento do jornal The Washington Post apontou que ao menos 4.000 crianças com Covid estavam hospitalizadas nos EUA no último dia 5, marca superior a picos registrados durante o verão de 2021, entre junho e agosto.

No último domingo, os EUA ainda registraram um recorde no número de hospitalizações, levando em conta todas as faixas etárias.

O avanço da ômicron também tem afetado instituições de ensino em outras partes do mundo. Na Europa, atual epicentro da pandemia, professores franceses entraram em greve nesta quinta, com críticas à forma como o governo tem agido para frear os casos da doença nessa categoria.

De acordo com o sindicato que representa a categoria, 75% dos docentes paralisaram as atividades. Já o Ministério da Educação francês fala em adesão de 38%.

"Estamos no 30º protocolo desde o início da crise", disse à agência de notícias AFP Vanessa Cognet, diretora de uma escola rural em Châteldon, reclamando ainda que novas instruções chegam um dia antes de serem implantadas.

Na segunda (10), o premiê Jean Castex anunciou o protocolo mais recente —e um pouco mais flexível, para tentar acalmar a tensão. Os professores, porém, mantiveram a greve.

Pelas regras, quando um caso é detectado em sala de aula, o restante dos alunos deve realizar até três autotestes para continuar frequentando a escola. Antes, as crianças e adolescentes precisavam se submeter a um primeiro teste de antígeno ou PCR.

As medidas anteriores causaram longas filas em frente a farmácias, e muitos pais disseram que precisaram faltar ao trabalho para auxiliar os filhos com os exames. De acordo com o Ministério da Saúde francês, quase 12 milhões de testes foram realizados dessa forma na semana passada, um aumento de 44% em relação às últimas semanas.

Na Finlândia, quem se revoltou com as orientações do governo central para frear a disseminação do vírus em escolas foram as administrações locais. A ministra responsável pela gestão da Covid no país disse na semana passada que a volta presencial às aulas não era segura e recomendou que as instituições deixassem toda a classe em quarentena no caso de um estudante receber o diagnóstico de Covid.

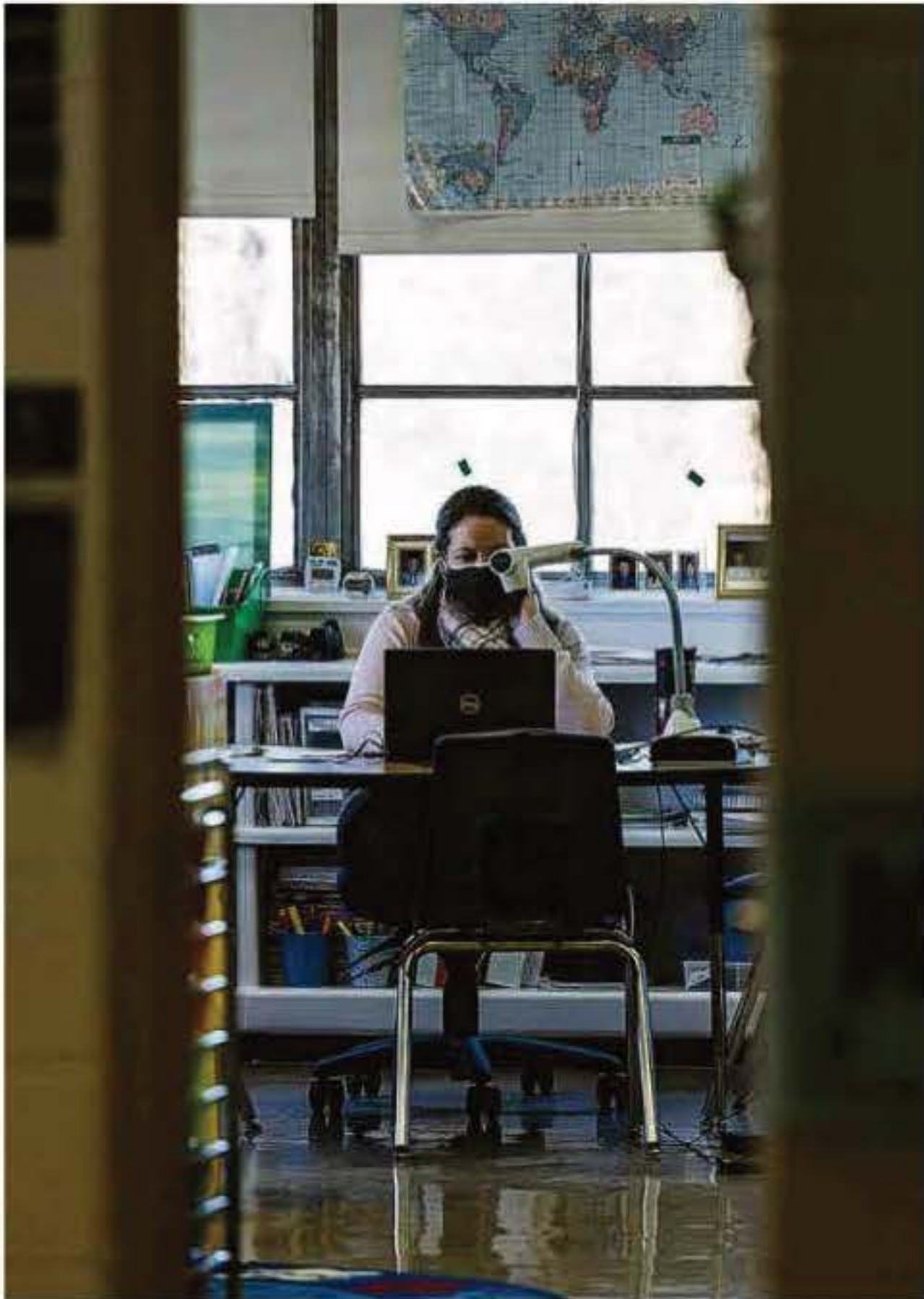
Em resposta, um grupo de epidemiologistas escreveu uma carta aberta criticando os planos de ensino remoto.

"Quarentenas obrigatórias não são mais um jeito efetivo de controlar a pandemia", disse Taina Isosomppi, secretária de Saúde de Helsinque, à agência de notícias Reuters. Segundo ela, as escolas da região metropolitana da capital vão se rebelar e deixar de seguir a orientação do governo.

A disseminação da ômicron forçou fechamentos de instituições de ensino ainda em locais do Canadá, incluindo Ontario, província mais populosa do país, da Índia, a exemplo da capital, Déli, e do Nepal. Pelas próximas três semanas, as escolas nepalesas só vão abrir presencialmente para servir de posto de vacinação de adolescentes de 12 a 17 anos.

Hong Kong também apostará na imunização infantil como forma de garantir uma volta às aulas em breve. A chefe-executiva do território, Carrie Lam, determinou que jardins de infância e escolas primárias fiquem fechadas até o Ano-Novo lunar, em fevereiro, depois que foi detectada a transmissão comunitária da nova cepa a ao menos 40 pessoas —Hong Kong chegou a ficar três meses sem registrar casos locais de Covid.

Lam anunciou também a autorização da vacinação de crianças a partir de cinco anos de idade contra a Covid.

Com AFP

Professora dá aula online em sala vazia de colégio em Louisville, nos EUA Jon Cherry · 11.jan.2022/AFP

Volta às aulas exigirá revisão de medidas sanitárias e apoio a estudantes e famílias

EDUCAÇÃO
OPINIÃO

Alexandre Schneider
Pesquisador do Transformative Learning Technologies Lab da Universidade Columbia em Nova York, do Centro de Economia e Política do Setor Público da FGV/SP e ex-secretário municipal de Educação de São Paulo

Após um breve período de aulas presenciais, os estudantes brasileiros estão em férias e devem retornar às aulas em meio ao recrudescimento da pandemia de Covid-19, dessa vez com uma nova variante, mais contagiosa que as anteriores. Garantir um retorno seguro às aulas será a principal missão da sociedade brasileira neste início de ano.

Há um certo enfado da população após dois anos de pandemia, seguido de um afrouxamento dos cuidados pessoais, como demonstra o comportamento geral durante o período de festas de fim de ano. Cabe a todos a consciência de que ainda não é a hora de jogar a toalha.

Garantir o retorno seguro, com todos na escola aprendendo, exigirá uma articulação entre profissionais da educação, gestores, familiares e governos.

Em relação à segurança de todos na escola, o primeiro passo é revisar os protocolos sanitários em conjunto com a área da saúde, levando em conta as lições de 2021.

Observar a organização dos espaços da escola, suas regras de uso, circulação, higienização e ventilação deve ser parte do planejamento do ano letivo. A garantia de materiais de higiene pessoal antes do início do ano letivo também.

As escolas devem utilizar as primeiras semanas de aula para orientar os estudantes e suas famílias sobre os cuidados pessoais necessários dentro e fora da escola, como o uso de máscaras, uso individual de materiais, copos e outros utensílios, higiene frequente das mãos e outros cuidados.

Ainda são necessárias a medição de temperatura de todos aqueles que circulam pela escola e a adoção e comunicação às famílias das medidas de monitoramento de sintomas, isolamento, rastreamento de contatos e pontos de atendimento de saúde.

A garantia do direito à educação se materializa quando todos os indivíduos em idade escolar estão na escola, aprendendo. As escolas já têm em mãos uma lista de estudantes que não voltaram às atividades presenciais no fim do ano letivo de 2021. A busca ativa desses estudantes deve ser realizada antes do início do ano letivo de 2022.

Vale lembrar que em boa parte das redes públicas não houve reprovação, e os estudantes foram automaticamente matriculados para o ano letivo seguinte, mas isso não garante sua presença.

Para evitar a evasão e o abandono, devem ser criados protocolos que alertam para ausências não justificadas de estudantes, promovidas trocas de informação entre secretarias de Educação, Saúde e Desenvolvimento Social e a articulação de redes de proteção social no território que garantam mais fluidez no atendimento à fatores extraescolares que impactam na vida dos estudantes.

A garantia da aprendizagem se faz com equipes coesas, capazes de identificar as necessidades individuais dos estudantes e agir sobre elas. É preciso investir fortemente na formação dos professores e gestores escolares para engajar os estudantes em torno da aprendizagem.

Por fim —e não menos importante— o fato de a ômicron se espraiar mais rapidamente exigirá não só protocolos cuidadosos, mas a adoção de medidas como a vacinação das crianças, a organização de materiais para ensino remoto para estudantes em isolamento e a reorganização de recursos humanos para que não haja perda em caso de afastamento de educadores por contaminação.

O ano letivo de 2022 pode ser melhor do que os anteriores se organizarmos o sistema educacional a partir das orientações da saúde, das necessidades individuais dos estudantes em torno de uma grande parceria entre profissionais da educação, gestores educacionais, famílias e governos em torno da garantia do direito à educação de todos. Nenhum a menos.

Manifestantes em protesto durante a COP26, em Glasgow Daniel Leal-Olivas - 6.nov.21/AFP

Crise climática gera ecoansiedade em jovens que temem pelo planeta

Especialista diz que é preciso ter cautela para que medo não se transforme em negação dos fatos

AMBIENTE

Isabella Menon

SÃO PAULO Enquanto conversava com a reportagem por telefone, o advogado Leandro Luz, 29, confessa que está nervoso. A angústia em sua fala se refere ao tema da conversa que envolve um de seus maiores medos: a crise climática.

Ler, ouvir e falar sobre aumento da temperatura na Terra, queimadas na Amazônia, derretimento de geleiras e desastres ambientais cada vez mais frequentes lhe provoca taquicardia.

Por um tempo, ele não entendia bem o que sentia —até que descobriu sofrer da chamada ecoansiedade. O termo, que aparece em um relatório divulgado pela Associação Americana de Psicologia em 2017 e foi incluído no dicionário Oxford no final de outubro de 2021, é descrito como um medo crônico sobre a destruição ambiental acompanhado do sentimento de culpa por contribuições individuais e o impacto disso nas gerações futuras.

A primeira vez que Luz prestou atenção às questões climática foi após o tsunami em Fukushima, no Japão, quando ondas gigantes mataram 18 mil pessoas.

Hoje, ele vive em Salvador, mas conta que pensa em se mudar para o interior. "Converso com a minha namorada de morar longe da costa, mas sei que esses locais também serão afetados", diz ele.

"Não sei como me comportar nos próximos 30 anos, procuro evitar o consumo desenfreado e evito produzir muito lixo plástico, mas sei que são atitudes muito pontuais que, a grosso modo, não vão mudar a realidade."

O advogado, porém, também critica o governo sobre sua postura diante da crise climática. Para ele, por exemplo, a prioridade de autoridades deveria estar na mudança da matriz energética brasileira. "Mas estamos no caminho oposto, voltamos a discutir a implementação de usinas de carvão para produção de energia no Brasil, algo que é totalmente rudimentar."

Assim como Leandro Luz, a aluna do ensino médio Mariana dos Santos, 16, se recorda de chorar copiosamente quando criança após assistir a reportagens sobre mudança climática. Hoje, ela diz que, apesar de não desabar mais diante das notícias, a ansiedade vira e mexe ainda a abala.

Ela costuma temer, por exemplo, o aumento do nível da água dos oceanos. "Penso nas cidades que podem desaparecer e as consequências que isso pode acarretar. Isso se torna uma bola de neve. Sei que não dá para fazer muito e é isso que desencadeia o desespero", diz.

A estudante de gestão ambiental Maria Antônia Luna, 20, também descobriu recentemente que o aperto no peito e a sensação de falta de ar ao ler notícias sobre o incêndio no Pantanal em 2020 se referem à ecoansiedade.

"A sensação é de uma angústia de que nada vai melhorar", define ela, que agora busca uma terapia que a ajude a enfrentar aflições relacionadas às crises climáticas, tópico frequente em sua graduação.

Marina, Maria e Leandro não são casos isolados. Um estudo publicado no The Lancet Planetary Health, no início de setembro de 2021, analisou a ansiedade climática entre jovens de dez países, como Brasil, Estados Unidos, Índia, Filipinas, Finlândia e França.

O artigo, em preprint (não revisado por pares), ouviu 10 mil jovens de 16 a 25 anos e apontou que a maioria sente com medo, raiva, tristeza, desespero, culpa e vergonha diante de problemas ecológicos.

> A consequência relacionada à saúde mental é preocupante, mas não podemos manter nossas crianças e jovens em uma redoma dizendo que está tudo bem, quando corremos o risco de perder a Amazônia
>
> **Alexandre Araújo Costa**
> pesquisador de crises climáticas

Ao todo, 58% consideram que seus governos traíram os jovens e as gerações futuras. Apenas franceses e finlandeses não concordam majoritariamente com a afirmação.

Quando os números são destrinchados por país, a sensação de traição tanto por parte dos adultos quanto dos governantes é mais patente entre os brasileiros (77%), seguido por indianos (66%).

Para Alexandre Araújo Costa, físico e pesquisador de crises climáticas há 20 anos, a pesquisa também permite um olhar otimista, pelo maior potencial de conscientização entre os mais jovens. "Eles sentem que o Brasil não faz nada para evitar a atual situação e isso pode ser bom para mobilizar", diz Costa.

Segundo ele, não é possível hoje evitar que o assunto seja debatido. "A consequência relacionada à saúde mental é preocupante, mas não podemos manter nossas crianças e jovens em uma redoma dizendo que está tudo bem, quando corremos o risco de perder a Amazônia", afirma.

O professor ainda analisa que a situação não deve ser vista apenas como um sofrimento individual, já que todos vão acabar impactados de alguma forma com a crise ambiental. "É preciso que a gente troque esse governo que dá de ombros para o problema ou que é sequestrado por interesses econômicos que só visam lucro de curto prazo."

A bióloga Beatriz Ramos segue a linha de Costa. Para ela, o real perigo da ecoansiedade é que surja dela a vontade de não saber o que está acontecendo. "Ao nos afastarmos dos fatos, podemos entrar em um processo de negação'", diz. "Não dá para agir só com otimismo ou só com a sensação apocalíptica", afirma.

Depois de uma depressão profunda disparada pelo sentimento de degradação ambiental, a ecóloga Ana Lúcia Tourinho entendeu que a única forma de me sentir melhor seria se continuasse atuando na linha de frente.

Esse foi um dos motivos que a levaram a trabalhar em Sinop (MT), região que sofreu com queimadas e densas névoas de fumaça em 2020.

"Eu respiro fumaça de incêndio. É triste, mas é uma forma que encontrei de não me esconder. A sensação de impotência diminui, sinto que não estou parada assistindo à destruição", diz ela, recordando que, nos piores momentos do ano passado, presenciou cenas desesperadoras de animais agonizando.

A angústia diante da crise climática parece cada vez mais evidente e atinge, principalmente, os mais jovens. Em Portugal, de acordo com uma reportagem publicada pela Agência Lusa, o termo traz um novo desafio aos psicólogos. Já no Brasil, o uso do termo ainda é emergente, apontam especialistas.

O antropólogo Rodrigo Toniol, por exemplo, não acredita que esse diagnóstico vá emplacar. "Não acho que a gente vá chegar a um consultório e ter esse diagnóstico à mão de todos os psiquiatras, mas acho que esse é um sintoma relevante que aponta para problemas ligados à falta de um pacto social", diz ele.

Para o psicanalista e professor do Instituto de Psicologia da USP Christian Dunker, os efeitos da ansiedade causada pelo clima são colaterais. Dunker reflete que, na verdade, nota no consultório o crescente sentimento de injustiça quanto às situações que demandariam ações que não são sendo tomadas, como desigualdade social, racismo, homofobia e desigualdade de gênero.

"No bojo desta modificação da nossa indignação aparece a situação em que passamos a enxergar o planeta como alguém, e não como algo."

1

Destaque para África no Met alerta para revisão necessária

Mostra é linda, mas museu de Nova York precisa refletir sobre colonialismo

ILUSTRADA
OPINIÃO

Holland Cotter

NOVA YORK | THE NEW YORK TIMES
Em termos de objetos, não há exposição mais linda em Nova York do que "A Origem Africana da Civilização", no Metropolitan Museum of Art. E também não há outra mais perpassada por tensões éticas e políticas.

A reunião de 42 esculturas em uma das Galerias Egípcias do Met exibe, pela primeira vez juntas, peças de suas coleções do Antigo Egito e da África Subsaariana, com séculos de distância.

O pretexto para a mostra é prático. Ela ocorre imediatamente depois do recente fechamento para reforma da Ala Michael C. Rockefeller e de suas galerias de Artes da África —a ala deverá reabrir em 2024. É uma maneira de manter alguns de seus tesouros em exposição e de reconhecer diretamente a própria África como a fonte original da cultura humana.

A exposição ocorre num momento em que a história da arte africana nos museus ocidentais —como ela chegou até eles e como é tratada— está sendo examinada de perto.

As peças do continente africano em poder do Met sempre ocuparam duas seções muito distantes —literalmente, em extremidades opostas do edifício na Quinta Avenida—, refletindo distinções ocidentais antiquadas e racistas entre "alta" cultura (Egito) e cultura "primitiva" (a maior parte do continente).

A exposição faz um gesto de unificação; considerando, porém, seu objetivo arquitetônico, a antiga divisão presumivelmente continuará intacta, em escala ampliada, na geografia do museu após a reforma da ala Rockefeller.

A mostra também coincide com um momento de conscientização internacional sobre o colonialismo ocidental na África e as realidades predatórias da maior parte da captação de arte no continente. Em certos países europeus —Bélgica, França, Alemanha—, gestos tardios de restituição estão sendo discutidos.

O próprio Met devolveu recentemente à Nigéria duas das várias esculturas do Benin em seu poder. Mas a exposição não faz quase nenhuma menção clara a nada disso. É preciso olhar a informação nos rodapés —citações de proveniência nas legendas dos objetos— para saber dessa história de furtos.

Em vez disso, suas organizadoras —Alisa LaGamma, curadora encarregada do departamento de artes da África, Oceania e Américas, e Diana Craig Patch, curadora do departamento de arte egípcia— deram uma história diferente, menor, da aquisição de arte africana pelo próprio Met e as mudanças de percepção estética e cultural envolvidas na história.

Como os antigos gregos admiravam a arte dinástica egípcia, e aprenderam com ela, os fundadores do Met, helenófilos, também a valorizavam. Ao mesmo tempo, para eles, quase toda outra arte da África não era "arte" e pertencia ao Museu Americano de História Natural, do outro lado do Central Park.

Foi só no final dos anos 1960 que uma mudança de postura da instituição se manifestou, quando o Met começou a adquirir a coleção de arte primitiva do Museu Nelson A. Rockefeller e, em 1982, construiu uma ala para abrigá-la.

Por meio das datas de aquisição nas legendas, é possível identificar quando os objetos, antigos e mais recentes, entraram na coleção do Met e assim rastrear o progresso do investimento do museu para apresentar e promover a arte africana.

Mas as curadoras embutiram essa história em uma "exposição de obras-primas" à moda antiga, composta de uma seleção dos maiores sucessos das diferentes coleções africanas sob seu encargo.

Sob a denominação "Pares Básicos" estão duas esculturas aproximadamente do mesmo tamanho, cerca de 1 metro de altura, separadas por milênios. Em um entalhe egípcio em calcário, em alto-relevo, datado entre 2.575 e 2.465 a.C., um homem e uma mulher chamados Memi e Sabu olham rigidamente à frente, como que congelados para tirar uma foto.

Estão nus, são joviais e alertas, e o homem predomina. Uma cabeça mais alto que sua companheira, ele tem o braço esquerdo sobre o ombro dela e cobre seu seio com a mão.

A outra escultura, isolada, foi cortada de um único bloco de madeira por um artista dogon, no Mali, no século 18 ou início do 19. Aqui não se nota hierarquia de gênero com base no tamanho.

As figuras têm quase a mesma altura, e suas feições combinam com precisão delicada, quase matemática, até os atributos que definem seus papéis na vida: a aljava de flechas pendurada nas costas do homem e o bebê enrolado que a mulher carrega nas suas também têm o mesmo tamanho.

Os primeiros critérios de beleza escultórica do Met foram definidos por uma tradição "clássica" ocidental, em que a arte do Antigo Egito recebeu menção honrosa. Meus critérios são moldados pela exposição durante toda a vida a tradições diferentes, algumas ainda rotuladas de "primitivas". No caso desses dois objetos africanos, "mais belo" simplesmente não se aplica como categoria comparativa.

De qualquer modo, as comparações entre culturas podem ser traiçoeiras, se não forem baseadas em dados verificáveis —não é o caso aqui.

Por exemplo, em nenhum lugar as curadoras tentam demonstrar que a arte do antigo Egito serviu como fonte direta para a arte dos séculos 19 e 20 em Gana, no Mali ou no Sudão. E muitos dos temas conceituais sob os quais os objetos foram colocados —"Comemorando a Beleza", "Forças Fascinantes", "Domínio dos Metais"— são tão amplos que podem acomodar quase qualquer coisa.

Com efeito, os pares de fato se baseiam na morfologia, na forma, no motivo visual —isto se parece com aquilo— que apela diretamente ao olhar.

Você não precisa ter nenhum conhecimento especial para ver que uma figura de um filhote de leão, do tamanho de um punho, cinzelada e raspada em quartzito branco no início do Egito dinástico e palpitante de vida, é um milagre de empatia entre humano e animal. Ou que aquele esguio leopardo de bronze de Edo (1.550-1.680 a.C.), fundido em um ateliê da corte do Benin, onde hoje é a Nigéria, é uma representação da realeza sobre quatro patas.

Um objeto de poder em forma de hipopótamo, do Mali do século 20, moldado em terra misturada com álcool e sangue, se parece muito com uma granada de mão para merecer o tema sob o qual aparece, "Dominando o Perigo".

Mas e o belo pequeno hipopótamo de louça na mesma vitrine? A etiqueta informa que esse guardião de tumba foi considerado tão agressivo em seu zelo protetor que suas pernas foram quebradas antes do enterro para que não ferisse seu dono no pós-vida.

Na categoria "Almofadas Sublimes", encontramos um descanso de cabeça egípcio em alabastro, luminoso como um lótus, feito para eternos adormecidos, e outro de madeira do século 19 da República Democrática do Congo, destinado a proteger o penteado de uma mulher deitada.

As imagens mais impressionantes, porém, são as de corpos e rostos: humanos, divinos ou ambos. Dois nus masculinos altos, esculpidos em madeira, um do Antigo Reino do Egito, o outro do Sudão do século 19, são figuras memoriais de gravidade equivalente, nobres como monarcas, leves como dançarinos.

Certas esculturas podem ter sido concebidas como retratos, embora os nomes ligados a elas tenham se perdido, como no caso da cabeça fragmentada de uma rainha egípcia cortada em jaspe cor de mel. E certas semelhanças sobreviveram com as identidades intactas.

Um pendente de marfim do século 16 —um ícone da Ala Rockefeller representa a mãe e o principal assessor de um rei do Benin. A face de um velho marcada pelo tempo em quartzito, com os lábios voltados para baixo e olhos pesados, pertence ao rei egípcio Senwosret 3º, embora também pudesse ser facilmente uma foto daquele homem triste sentado à sua frente no metrô ontem à noite.

Tecnicamente, a mostra se estende pelo museu em geral, com algumas obras africanas estrategicamente posicionadas. Uma figura kongo de olhos arregalados, dedicada a expulsar o mal, perturba a paz das galerias grega e romana. Um grupo de cruzes usadas em procissões etíopes levita no Salão Medieval.

No andar superior, nas galerias de pintura europeia, uma figura materna do Mali, esculpida em madeira, chamada honorificamente de "Gwandansu", está próxima de uma pintura monumental de Jusepe de Ribera, "A Sagrada Família com Santas Ana e Catarina de Alexandria", de 1648.

Criar esses pontos de luz através de culturas é importante, conforme vão se formando novos públicos e "conhecido" e "desconhecido" começam a mudar de lugar. O dia virá em que uma figura poderosa da etnia kongo seja tão conhecida do público do Met quanto um "kouros" grego, e "Gwandansu" ajude a explicar o que significa uma "Madonna". A ideia de beleza pode ao mesmo tempo ser inclusiva e preservar as diferenças.

Nesse sentido, "A Origem Africana da Civilização" certamente tem valor. Mas, enquanto prévia da reforma da Ala Rockefeller, também tem problemas. Não basta que o espaço seja apenas redesenhado. Ele tem de ser repensado conceitualmente, em todos os níveis, o que não será tarefa fácil para o Met —que, como todos os nossos grandes museus tradicionais, é profundamente conservador.

Nessa revisão, será vital incorporar o Egito na história das "artes da África", como faz a exposição atual. E será necessário politizar a narrativa histórica da arte. A coleção africana do Met (e as coleções da Oceania e das Américas) trata de colonialismo, de como a arte foi deslocada de seu lugar de origem.

Não há como ser ético e atenuar, quem dirá esquecer, o relato da ocupação militar britânica assassina do Benin no século 19. Será ainda importante enfatizar o quanto boa parte da arte da África Subsaariana na coleção do Met é inerentemente, e muitas vezes francamente, sobre ética, sobre mecanismos de justiça social; sobre viver direito, em termos pessoais, sociais e espirituais; sobre a busca por equilíbrio no mundo natural.

Tudo isso fica evidente no vigor acusatório da figura de poder, na calma montanhosa de Gwandansu e nos chifres apontados para o sol, buscando o céu, de uma máscara de colheita malinesa em forma de antílope.

São ideias sobre as quais ainda temos muito que aprender. E, como comprova a atual mostra do Met, em nenhum lugar do planeta elas são ensinadas com uma beleza tão fascinante quanto nas artes da África.

Tradução Luiz Roberto M. Gonçalves

[...]

As peças do continente africano em poder do Met sempre ocuparam duas seções muito distantes —literalmente, em extremidades opostas do edifício na Quinta Avenida—, refletindo distinções ocidentais antiquadas e racistas entre "alta" cultura (Egito) e cultura "primitiva" (a maior parte do continente)

1 Visitantes da mostra 'Origem Africana da Civilização' veem 'Casal Sentado', do Mali, à esq., e 'Memi e Sabu', do Egito, à dir. 2 Escultura 'Os Amigos do Rei Memi e Sabu', do Egito, e visão frontal de 'Casal Sentado' 3 À esq., 'Figura de Poder Masculina (Nkisi)', de artista da etnia kongo; à dir., 'Figura Ajoelhada', do Egito 4 Estátua de mármore de um 'kouros', Grécia; e 'Figura de Poder Mangaaka (Nkisi N'Kondi)' 5 Objeto de poder em forma de hipopótamo (Boli) do Mali; abaixo, 'Figurinha de Hipopótamo', do Egito Fotos Seth Caplan/The New York Times

Museu Rubin vai restituir relíquias do Nepal que teriam sido roubadas

Zachary Small

NOVA YORK | THE NEW YORK TIMES O Museu de Arte Rubin, em Nova York, anunciou na última segunda-feira (10) que vai devolver ao Nepal duas esculturas, depois que pesquisadores que trabalham para a instituição concluíram que os artefatos, esculpidos em madeira, tinham sido roubados por contrabandistas de sítios religiosos.

"Estamos profundamente gratos", disse o cônsul-geral do Nepal em Nova York, Bishnu Prasad Gautam, em um comunicado divulgado à imprensa. "A resposta proativa e colaboração consciente do Rubin contribuíram positivamente para os esforços nacionais do Nepal para recuperar artefatos perdidos."

O museu deu crédito à instituição sem fins lucrativos Campanha para Recuperação do Patrimônio do Nepal por sua atuação na repatriação, chamando a atenção para a história das peças.

Em setembro, uma conta no Twitter afiliada à campanha postou preocupações de que as relíquias de madeira pudessem ser roubadas.

A iniciativa participou da devolução de ao menos sete relíquias no ano passado, retornadas por instituições culturais como o Metropolitan Museum of Art e o Museu de Arte de Dallas.

O Museu Rubin disse em sua declaração que essas duas relíquias foram as primeiras peças de origem considerada ilegal em sua coleção. Há cinco anos a instituição vem promovendo uma revisão completa dos seus artefatos, a qual inclui preencher lacunas dos registros de proveniência dos itens.

"Temos o dever permanente de pesquisar com cuidado a arte e os objetos que colecionamos e expomos. O furto de objetos arqueológicos continua sendo uma grande preocupação no mundo da arte", disse num comunicado Jorrit Britschgi, diretor-executivo do museu.

"Acreditamos ser nossa responsabilidade abordar e resolver questões de propriedade cultural, inclusive ajudando a facilitar a devolução dos dois objetos em questão."

Uma das relíquias é a parte superior de uma torana —portal ornamental na arquitetura budista e hindu— feita de madeira e datada do século 17, vinda de Yampi Mahavihara, complexo de templos em Patan.

Outra é um entalhe de uma apsara —espírito feminino das nuvens e ondas—, em forma de guirlanda, datada do século 14 e que fazia parte originalmente de uma janela ornamental do mosteiro de Itum Bahal, localizado em Katmandu.

Estudiosos que trabalham para o museu concluíram que a guirlanda desapareceu do mosteiro em 1999, quatro anos antes de ser comprada pela Fundação Cultural Shelley e Donald Rubin, que representa os fundadores do Museu Rubin.

Sandrine Milet, porta-voz do museu, disse que os dois artefatos foram adquiridos em negociações privadas, mas não quis citar os nomes dos vendedores, dizendo que eles desejam permanecer anônimos.

O Departamento de Arqueologia do Nepal vai determinar se os objetos voltarão a seus locais de origem ou se irão para um museu nacional.

Em dezembro, autoridades do governo devolveram uma escultura representando a deusa hindu Lakshmi-Narayan a seu templo em Patan, depois que o Museu de Arte de Dallas o devolveu.

Em uma procissão comemorativa, os participantes se estendiam para tocar a estátua, que é considerada uma deusa viva, e levavam os dedos à testa para receber a bênção.

Roshan Mishra, diretor do Museu Taragaon em Katmandu, espera que uma cerimônia semelhante receba os objetos que voltarão do Museu Rubin. Ele ajudou a Campanha de Recuperação do Patrimônio do Nepal a divulgar os esforços para garantir o retorno das relíquias de madeira.

"Estou muito feliz", disse Mishra em entrevista. "Se museus como o Rubin estiverem ativamente repatriando seus artefatos, acho que será mais fácil outros seguirem sua iniciativa."

Tradução Luiz Roberto M. Gonçalves

Entalhe de uma apsara (espírito), peça que será devolvida Museu de Arte de Rubin/Divulgação

Instalação 'Protect Me from What I Want' ('proteja-me do que eu quero'), da artista Jenny Holzer, colocada no display de edifício na Times Square, em Nova York, em 1986 Reprodução

Metas para o Ano-Novo podem nos ajudar, mesmo se as descumprirmos

Goethe ensina em suas obras que seremos redimidos apenas por meio de nossos próprios esforços

OPINIÃO

Juliana de Albuquerque
Escritora, doutoranda em filosofia e literatura alemã pela University College Cork e mestre em filosofia pela Universidade de Tel Aviv

Nos primeiros dias do mês, Leandro Narloch questionou em sua coluna no site da Folha a necessidade de nos prescrevermos resoluções de Ano-Novo. Munido da leitura do psicanalista Josh Cohen, autor do ensaio "The Perfectionism Trap" [a armadilha do perfeccionismo]—para quem a vida começa quando desistimos de nos tornarmos uma melhor versão de nós mesmos—, Narloch sugere que "ser adulto é abandonar o objetivo de autossuperação".

Concordo com os autores quanto a não podermos pautar a vida por uma desenfreada busca por aprovação, como se o sucesso das nossas empreitadas dependesse unicamente da opinião dos outros.

Por outro lado, a insinuação de que ser adulto é abandonar objetivos de aperfeiçoamento de si é problemática, por nos sonegar a chance de distinguir entre o que eles chamam de perfeccionismo — ou seja, a necessidade de fazermos o que achamos ser a coisa certa, com objetivo de obter a aprovação alheia— e a busca por um exercício de superação pessoal condizente com o nosso desejo por aprimoramento.

Portanto, ainda que os autores mencionem essa distinção —Narloch, comenta, inclusive, que "não se trata, é claro, de recusar qualquer tipo de aperfeiçoamento"—, algo importante parece-me ficar de fora, cabendo-nos, aqui, a tentativa de oferecer uma reflexão mais ampla do tema.

Na literatura, talvez, uma das figuras que melhor representem essa distinção entre o perfeccionismo e o aperfeiçoamento de si é "Fausto", de J.W. von Goethe.

No início do drama, trancafiado em seu gabinete, o personagem se lamenta por haver dedicado a vida inteira ao mais completo aprendizado de todos os conhecimentos possíveis sem que isso houvesse feito com que ele se tornasse mais sábio ou consciente:

"Estudei com ardor tanta filosofia,
Direito e medicina,
E infelizmente até muita teologia,
A tudo investiguei com esforço e disciplina,
E assim me encontro eu, qual pobre tolo, agora,
Tão sábio e tão instruído quanto fora outrora!"

Aqui, a instrução de Fausto, representada pela necessidade de tudo conhecer como se estivesse a superar metas acadêmicas e profissionais, contrapõe-se à sua formação ou projeto de autoaperfeiçoamento, trazendo-me à lembrança o registro de uma conversa entre Goethe e o seu secretário, J.P. Eckermann, sobre o que existe de artificial e doentio no estilo de vida das metrópoles e, sobretudo, na educação oferecida aos jovens:

"Entre nós, tudo é direcionado para a domesticação prematura de nossa querida juventude e para extirpar dela toda a natureza, toda originalidade e toda selvageria, de modo que por fim não resta mais nada a não ser o filisteu. [...] Vamos manter a esperança e aguardar para ver como estaremos nós, alemães, em um século, e se teremos alcançado não mais sermos filósofos e eruditos abstratos, e sim seres humanos."

Para Goethe, exercitamos a nossa humanidade à medida que demonstramos coragem e desenvoltura para lidarmos com experiências boas e más, a partir das quais vislumbramos a possibilidade de nos tornarmos capazes de finalmente reconhecer o que exige a nossa própria natureza.

Entretanto, por mais equivocados ou estapafúrdios que sejam planos, metas e resoluções, estes podem despertar em nós a necessidade de avaliar os nossos limites, de repensar as nossas prioridades e de corrigir o curso das nossas vidas por meio de uma reflexão sobre as habilidades e ferramentas que possuímos para enfrentar os obstáculos impostos tanto pelas circunstâncias como por nós mesmos.

> [...]
>
> Por mais equivocados ou estapafúrdios que sejam planos, metas e resoluções, estes podem despertar em nós a necessidade de avaliar os nossos limites, de repensar as nossas prioridades e de corrigir o curso das nossas vidas por meio de uma reflexão sobre as habilidades e ferramentas que possuímos para enfrentar os obstáculos impostos tanto pelas circunstâncias como por nós mesmos

Deste modo, embora seja mais fácil pensar que estejamos nos impondo metas simplesmente para satisfazer a cobrança dos outros em relação a como deveríamos ser, onde deveríamos estar e o que precisamos ter, devemos nos perguntar, igualmente, por que será que nos deixamos levar por esse tipo de pressão. Pois, quando se trata de tentarmos agradar os outros, estamos longe, muito longe mesmo, de sermos totalmente desinteressados.

Exemplo disso é o que acontece com outro célebre personagem de Goethe, Wilhelm Meister, que, ao apaixonar-se por uma atriz, tenta convencer a si mesmo e aos outros que a sua verdadeira vocação está no teatro.

No entanto, ao longo dos seus anos de aprendizado, à medida que ele começa a se expor ao mundo e a questionar os seus objetivos, Wilhelm percebe que o teatro não é o que ele realmente almeja.

Mais tarde, nos seus anos de peregrinação, Wilhelm contempla uma porção de outros projetos e novos objetivos de vida, comenta sua dificuldade em encontrar um caminho a seguir e, por fim, encontra uma vocação condizente com as suas inclinações artísticas e sociais, ensinando-nos que ser adulto não significa abandonar os nossos planos de autoaperfeiçoamento.

Significa, sim, saber mesurar as nossas expectativas com relação ao que somos capazes de alcançar a partir de um cálculo que envolve um limitado conjunto de aptidões e recursos, opções e possibilidades.

A esse exercício dá-se o nome de resignação, algo que muitas vezes interpretamos como complacência ou, até mesmo, desistência, mas que, no linguajar de Goethe, significa, em verdade, saber interpretar os nossos próprios desejos de modo a finalmente termos alguma noção de como dosar a intensidade dos esforços a serem despendidos em cada uma das metas que informam as nossas demandas por felicidade.

Portanto não se sintam inibidos na hora de estabelecer resoluções para este ano que se inicia. Afinal, se não agora, quando?

Eu mesma já tracei uma porção de planos para 2022, alguns mais e outros menos difíceis para a execução. Sei bem que uma parcela desses planos jamais será realizada e que outra terá de passar por uma série de reajustes para conseguir sair do papel.

Nada disso importa. O que interessa mesmo, lembra-nos Goethe, é que nos esforcemos de algum modo, seja como for, pois é somente por meio dos nossos próprios esforços que seremos redimidos.